UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

ALESSANDRA GARCIA SOARES

**O Brasil na Irlanda: vidas em deslocamento na
mobilidade contemporânea**

São Paulo
2014

ALESSANDRA GARCIA SOARES

O Brasil na Irlanda: vidas em deslocamento na mobilidade contemporânea

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Mestre em
Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientadora: Profa. Dra. Amália Inés
Geraiges de Lemos

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Sb Soares, Alessandra Garcia
 O Brasil na Irlanda: vidas em deslocamento na
 mobilidade contemporânea / Alessandra Garcia Soares
 ; orientadora Amália Inês Geraiges de Lemos. - São
 Paulo, 2014.
 151 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
 Paulo. Departamento de Geografia. Área de
 concentração: Geografia Humana.

 1. migrações. 2. mobilidade internacional
 contemporânea. 3. população. 4. geografia humana. I.
 Lemos, Amália Inês Geraiges de, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: SOARES, Alessandra Garcia

Título: O Brasil na Irlanda: vidas em deslocamento na mobilidade contemporânea.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À Ana Santana,
Mãe, amiga e companheira.

AGRADECIMENTOS

Tentarei expressar de forma breve todo meu apreço e gratidão aos envolvidos nesta realização.

Agradeço à Amália Inés, orientadora, professora, amiga e mãe intelectual, pela atenção e carinho ao longo desta pesquisa. Quando tudo parecia difícil você simplificava com tamanha inteligência que me fazia crer que eu poderia conseguir. Sua paciência e serenidade são inspiradoras na minha vida. Obrigada pela confiança.

Ao professor Júlio César Suzuki pelas sábias aulas e pelos valiosos ensinamentos. Seu companheirismo ao longo destes anos, desde a graduação, foi fundamental para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

À Universidade de São Paulo, em especial à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela formação acadêmica e amplitude de conhecimentos oferecidos.

Aos professores do Departamento de Geografia, em especial: André Martin, Mónica Arroyo e José Bueno Conti, que eu tanto adoro.

Aos funcionários das secretarias de graduação e de pós-graduação. Aos funcionários do departamento. Com muito carinho à Luciana, Orlando, Firmino. À Aninha (copiadora).

Agradeço ao Jeferson, companheiro de pesquisa e que me serviu de inspiração em tantos momentos. Obrigada pela mala de livros que você levou até minha casa, pelo suporte emocional, e pelas leituras na reta final do trabalho.

Ao querido Hector, que esteve presente em todos os momentos desta pesquisa, desanuviando minhas ideias e fazendo preciosos apontamentos. E ao Matheus que, mesmo à distância, contribuiu com este trabalho.

Aos meus companheiros de apartamento, Maristela e Anderson, que sempre foram tão pacientes e gentis comigo. À Carla Cucolo, fundamental para esta conquista.

Ao Luiz, amigo querido, que realizou a organização dos mapas. Ao Rogério, ao Jânio, e a todos do laboratório de climatologia que sempre me acolheram com carinho.

Aos colegas uspianos/cruspianos pelo apoio ao longo destes anos. Nossas discussões nos corredores, laboratórios, bares, e até mesmo no “bandejão”, contribuíram positivamente para o crescimento desta pesquisa. Em especial aos amigos Fernando (Diadema), Newton, Celso, Kátia, Juliana, Eudes, Marcelo, James, Gustavo e Alexandre.

À Lucélia, à Rita Gomes e ao Júnior por darem suporte a todos os pré-testes da pesquisa, além da amizade e do carinho. E aos amigos de todos os momentos, Jéssica, André, Lisa (linda), Florian, Rodrigo, Talita, Pedro, Aline.

A todos os alunos do Colégio Perspectiva pela paciência nos momentos decisivos deste trabalho. Gostaria de por o nome de cada um aqui, mas por receio de cometer alguma injustiça, nomearei as turmas: formados de 2012 e 2013 e todos os alunos de 2014. Agradeço também aos companheiros de trabalho Zé Mário, Rodrigo, Ricardo Kandi, Sônia e aos demais professores e funcionários da escola.

Ao Marcelo Messias, por tudo o que representa na minha história: *Infinito*.

À minha irmã Ariane. Ao meu sobrinho Leonardo, por encher minha vida de alegria. À Andrezza, pela colaboração e por entender a minha ausência.

Ao meu grande amigo e irmão Willian dos Santos, que compartilhou comigo todas as alegrias e angústias da pesquisa. Além de ser um grande colaborador deste trabalho, é a família que a universidade me deu. Mil vezes obrigada.

Aos brasileiros e brasileiras na Irlanda. Espero que todos consigam realizar cada um dos sonhos que os moveram até a Ilha Esmeralda.

Por fim, à minha amada mãe, por toda sua confiança, incentivos e ensinamentos. Sem você teria sido impossível realizar este sonho. Eu lhe agradeço do fundo do meu coração.

*Com o tempo, sobretudo os últimos anos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. E uma espécie toda nova de "**solidão de não pertencer**" começou a me invadir como heras num muro.*

[...]

Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força – eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa.

[...]

*A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: **pertencer é viver**. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho!*

Pertencer,
Clarice Lispector

RESUMO

SOARES, Alessandra G. **O Brasil na Irlanda: vidas em deslocamento na mobilidade contemporânea**. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

O fenômeno das migrações internacionais não é recente e há muito tempo gera interesse nas diferentes áreas das ciências humanas, entre elas, a Geografia. Dados do Itamaraty de 2014 revelam que há 2,8 milhões de brasileiros residindo no exterior. A partir dos anos 1980 a emigração de brasileiros para os Estados Unidos, Japão e alguns países da Europa desperta o interesse de muitos pesquisadores. Nosso enfoque está em um destino de brasileiros migrantes que ganha visibilidade na última década, os brasileiros na Irlanda, que é tomada, aqui, para discussão deste importante tema que são os movimentos populacionais contemporâneos. As reflexões aqui manifestas partem da constatação de que o atual período técnico-científico-informacional e de globalização contribuíram na intensificação da mobilidade internacional, impondo novos e complexos desafios. Tomamos como premissa que os atuais movimentos migratórios resultam de um complexo conjunto de fatores, que envolve elementos da macroestrutura e do plano individual. Por este motivo, buscamos centrar a análise na importância das redes de solidariedade como agentes que reforçam os fluxos migratórios internacionais. Somamo-nos, assim, aos que tem como objeto de investigação um fenômeno presente na atual dinâmica da população brasileira.

Palavras-chave: Migrações. Brasileiros na Irlanda. Mobilidade internacional contemporânea. Redes sociais.

ABSTRACT

SOARES, Alessandra G. **Brazil in Ireland: lives in displacement in contemporary mobility.** 2014. 151 f. Thesis (Master) – Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Science, University of São Paulo, São Paulo, 2014.

The phenomenon of international migration is probably as old as humanity and for a long time has sparked interest in various areas of human science, including Geography. Data of the Brazilian State Department *Itamaraty* from 2014 showed that 2.8 million Brazilians live abroad. Since the 1980s lots of researchers have been analysing the immigration of Brazilians to the United States of America, Japan as well as some European countries. The following thesis focuses on the Brazilian immigrants that have just become notable in the last decade, taking the Brazilian immigrants in Ireland as an example to discuss a subject of utmost importance: contemporary international migration. In the thesis it is argued that both the present age of science and technology and globalization contribute to the rise of global mobility and migration causing new, complex challenges. The argumentation is based on the assumption that the current movements of migration are the result of an entire set of factors on macro and on individual level. Therefore, the analysis is focused on the significance of networks of solidarity such as mechanisms that reinforce international migration flows.

Keywords: Migration. Brazilians in Ireland. Contemporary international mobility. Networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Deslocamento da população brasileira entre as décadas de 1950 e 1980	80
Figura 2 – Distribuição de brasileiros no mundo segundo o Ministério das Relações Exteriores	86
Figura 3 – Principais destinos de brasileiros residentes no exterior	88
Figura 4 – Localização: Brasil e Irlanda	90
Figura 5 – Emigração brasileira por estado de origem – 2014	98
Figura 6 – Imigrantes brasileiros na Irlanda – 2014	106
Figura 7 – Distribuição dos brasileiros em Dublin, por bairro – 2014	107
Figura 8 – PIB irlandês entre 2005 e 2014	109
Figuras 9 e 10. Igrejas evangélicas brasileiras na Irlanda	122
Figuras 11 e 12 - Venda de alimentos e produtos brasileiros em Dublin	123
Figuras 13 – Comida brasileira em Dublin	123
Figura 14 – Caffé Brazil	123
Figuras 15 – Comida brasileira em Dublin	123
Figuras 16, 17, 18, 19 e 20 – Festividades brasileiras em Dublin	124
Figuras 21, 22 e 23 - Protestos em Dublin: apoio ao movimento iniciado pelo aumento das tarifas de ônibus no Brasil – Junho, 2013	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nacionalidade e idade de irlandeses e estrangeiros na Irlanda em 2011	92
Gráfico 2 – Distribuição dos brasileiros emigrantes por sexo e grupo de idade – 2010	93
Gráfico 3 – Distribuição dos brasileiros na Irlanda por sexo e grupo de idade – 2014	94
Gráfico 4 – Estado civil dos brasileiros na Irlanda – 2014	95
Gráfico 5 – Escolaridade dos brasileiros na Irlanda – 2014	96
Gráfico 6 – Países cogitados como destino antes da Irlanda – 2014	100
Gráfico 7 – Tipo de visto que possui na Irlanda – 2014	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Definições das principais modalidades de movimentos migratórios	52
Tabela 2 - Emigração e Imigração na Irlanda entre 1994 e 2014	77
Tabela 3 - Número de brasileiros na Irlanda	91
Tabela 4 – Motivação para migrar	99
Tabela 5 - Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação	114
Tabela 6 – Viagens internacionais e na Irlanda	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo dos dados sócio demográficos	95
Quadro 2 - Comparativo de ocupação profissional no Brasil e na Irlanda	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

CSO - Central Statistics Office

EEA - Espaço Económico Europeu

INIS - *Irish Naturalisation and Immigration Service* (Serviço Irlandês de Naturalização e Imigração)

IRA – *Irish Republic Army* (Exército Republicano Irlandês)

MRE – Ministério das Relações Exteriores

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OIM - Organização Internacional para as Migrações

OMC - Organização Mundial do Comércio

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB - Produto Interno Bruto

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UE – União Europeia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS ACERCA DAS MIGRAÇÕES	24
1.1 Abordagens econômicas	25
1.1.1 Primeiros teóricos e as concepções clássicas e neoclássicas	26
1.1.2 A concepção histórico-estrutural, a abordagem da mobilidade do trabalho, o mercado dual e a teoria do sistema mundo	35
1.2 Soberania e o olhar das ciências políticas a respeito das migrações	40
1.3 A importância das redes sociais	45
1.4 Ainda em tempo: considerações pertinentes sobre o estudo das migrações	50
1.4.1 Definições básicas	51
1.4.2 Migração definitiva ou temporária?	51
2 MOBILIDADE TERRITORIAL INTERNACIONAL	58
2.1 Globalização, território e consumo	59
2.2 Seletividade e fluidez da mobilidade	67
2.3 Movimentos migratórios na história da Irlanda e do Brasil	73
2.3.1 Irlanda e as migrações	74
2.3.2 O Brasil e as migrações	77
2.4 Fluxos atuais para o Brasil	83
3 BRASILEIROS NA IRLANDA	86
3.1 Escolhendo a Irlanda	99
3.2 Trabalho na Irlanda	109

3.3	De passagem ou para ficar? Redefinição da expectativa temporal	117
3.4	Recriando o Brasil na Irlanda	121
3.5	Era uma vez... brasileiros em Gort, Galway	126
3.6	Novas leis para estudar e trabalhar na Irlanda a partir de 2015	128
 CONSIDERAÇÕES FINAIS		 130
 REFERÊNCIAS		 134
 ANEXO A		 147
ANEXO B		150
ANEXO C		151

INTRODUÇÃO

Os deslocamentos populacionais e as políticas migratórias imprimem suas marcas no espaço, tanto no lugar de origem, quanto no lugar de destino. Sabendo disso, é primordial para a Geografia conhecer esse processo e suas consequências.

A mobilidade territorial é uma característica da própria humanidade, todavia, os movimentos migratórios internacionais têm sido intensificados pelo processo de globalização. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações¹ (OIM), em 2013 havia 232 milhões de pessoas vivendo em um país diferente daquele em que nasceram, o que representa mais de 3% da população mundial. A maior parte deste movimento se dá, segundo a OIM (2014), dos países do Sul em direção aos do Norte (75% dos casos).

A globalização provocou grandes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas, ideológicas e culturais. Este processo, em andamento no âmbito internacional, se acentua a partir dos anos 1980 e implica em novas modalidades de mobilidade de pessoas, do capital e da produção em diferentes partes do mundo. De acordo com Milton Santos (2004), a mobilidade se tornou praticamente uma regra na qual o movimento se sobrepõe ao repouso e a circulação torna-se mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, assim como turistas ou imigrantes, mas também inúmeros produtos, mercadorias, imagens e ideias.

Como consequência dos avanços da globalização, temos o desenvolvimento da informática e das telecomunicações, fundamentais para a rapidez na informação. Ocorre a emergência de canais de informação que aproximam geograficamente e dão visibilidade a tudo que acontece ao redor do mundo. Lieven e Sauer (1998) afirmam que a transformação das tecnologias de comunicação e o impacto globalizante da mídia, além de possibilitar que as pessoas estejam conscientes de muitos acontecimentos, criaram as condições para a sensação particular de se viver em um mundo.

Na década de 1980, o Brasil enfrentou um período de crises econômicas e políticas, resultando em desemprego, salários defasados e altos índices

¹ OIM em inglês é: IOM - International Organization for Migration.

inflacionários. É neste momento que percebemos um fluxo de saída de população para outros países. Estes migrantes, oriundos da classe média, se dirigem aos Estados Unidos e Japão, num primeiro momento. As políticas de ajuste econômico dos anos 1990 – com medidas neoliberais e diminuição de investimentos em áreas sociais –, resultam na ampliação da dívida externa brasileira e em altos índices de desemprego. Neste período, a mobilidade internacional de brasileiros ganha novos destinos, passando a ser direcionada para diversos países da Europa Ocidental.

Na primeira década do século XXI o Brasil vivencia bons índices de crescimento econômico e sensível melhora na qualidade de vida da população, com programas sociais que visam à inclusão social, melhor distribuição de renda, ampliação do acesso ao ensino superior, possibilidade de crédito etc., possibilitando a um número maior de pessoas as condições materiais necessárias para investir em um deslocamento internacional. É também neste início de milênio que os Estados Unidos, principal país de destino dos brasileiros, passam a dificultar a entrada de imigrantes em virtude dos acontecimentos de 11/09/2001, quando o país em questão foi alvo de ataques coordenados pela al-Qaeda.

A partir deste momento os brasileiros que almejavam ganhos econômicos e/ou culturais através da mobilidade internacional para os Estados Unidos são impelidos a buscar outras opções de destino, tais como: Inglaterra, Canadá e Austrália. Entre os países que foram incluídos aos novos destinos dos migrantes brasileiros no início do século XXI está a República da Irlanda².

A Irlanda³ – como iremos nos referir ao país ao longo da dissertação –, a partir dos anos 1990, conheceu um período de desenvolvimento econômico⁴ com crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) em 6% ao ano. O bom desempenho do país foi resultado de investimentos eficazes em tecnologia e educação de nível superior, o que fez com que recebesse o nome de ‘Tigre Celta’⁵.

² Republic of Ireland, em inglês. Éire, em gaélico. Inglês e gaélico são as línguas oficiais do país.

³ **Irlanda** é o nome pelo qual o país é conhecido, sendo esta denominação usada em parte dos documentos oficiais. Porém, ressaltamos que Irlanda também é o nome da ilha que abriga dois Estados: a República da Irlanda (que estudamos) e a Irlanda do Norte (parte do Reino Unido).

⁴ Uma importante consequência do desenvolvimento econômico irlandês foi o encerramento da luta armada que se dava no país através do *Irish Republican Army* (IRA), que pode ser considerado como um fator tranquilizador na escolha da Irlanda como país de destino migratório.

⁵ A Irlanda recebeu a denominação de Tigre Celta em virtude do dinamismo do crescimento econômico apresentado entre os anos de 1995 e 2008. Tendo sido durante séculos uma remota economia rural sem base industrial, a Irlanda tornou-se numa das mais bem sucedidas economias mundiais de alta tecnologia no intervalo de poucas décadas. Lembramos que o termo ‘Tigre’ foi

Junto a este desenvolvimento, ocorreu a chegada de migrantes, primeiramente oriundos do Leste Europeu, e, posteriormente, de todo o mundo, dentre eles, os brasileiros.

No auge do crescimento econômico, entretanto, a Irlanda foi surpreendida com a crise financeira de 2008, iniciada com a falência de importantes instituições de finanças nos Estados Unidos, sendo um dos países europeus mais afetados pela crise. Todavia, a retração econômica não fez com que diminuísse a entrada de migrantes brasileiros em seu território, dando margem para outras explicações para além daquelas meramente econômicas.

Os clássicos estudos sobre os fatores de atração-expulsão⁶ na análise dos movimentos migratórios parecem não mais comportar, sozinhos, as explicações dos deslocamentos populacionais. Segundo Antico (1997), mesmo as definições de origem e de destino ganham novos contornos, diferentes daquelas utilizadas, em décadas anteriores, para a análise dos deslocamentos massivos, em que a maioria das pessoas migrava por razões econômicas. As questões ligadas a migrações vêm adquirindo maior complexidade, à medida que os movimentos e os perfis dos migrantes se diversificam.

A presente dissertação tem como objetivo investigar o processo da migração internacional contemporânea de brasileiros para a Irlanda. Sabemos que discutir as migrações contemporâneas implica em observar um fenômeno revelador de um conjunto de circunstâncias e fatos presentes no sistema internacional no período da globalização (SANTOS, 2010).

Pretendemos identificar no decorrer da pesquisa a lógica de seletividade que fez com que os migrantes escolhessem a Irlanda para efetivar essa mobilidade. A reflexão elaborada visa dar relevo especial às causas desta mobilidade nas duas últimas décadas, momento em que é observado o incremento de brasileiros neste país. Procuramos, assim, conhecer as particularidades desse movimento específico, e, numa perspectiva mais ampla, compreender as características gerais dos movimentos internacionais contemporâneos de população.

cunhado em referência aos Tigres Asiáticos, países do Sudeste Asiático que apresentam rápido crescimento econômico.

⁶ Serão abordados no primeiro capítulo.

A partir do processo histórico, buscamos os condicionantes que implicam na mobilidade de brasileiros para Irlanda, assim como o entendimento do modo de vida em sociedade, a formação de redes solidárias, condições de moradia e de trabalho dos cidadãos brasileiros neste país, identificando a ocorrência de novas territorialidades criadas por e em função dos brasileiros que residem no espaço urbano irlandês.

O interesse em trabalhar com migrações surgiu com a realização de um intercâmbio para a Irlanda em 2007. Tal experiência suscitou uma série de questionamentos a respeito dos brasileiros que viviam naquele país. Nosso Trabalho de Graduação Individual e a presente dissertação são resultados do desejo de compreender este recente processo migratório e de conhecer um pouco mais os *brasileiros longe de casa*⁷.

Tentamos, dentro das nossas possibilidades, fazer uso dos métodos mistos que, segundo Oliveira (2013), é a integração de diferentes tipos de métodos, abrindo as perspectivas do pesquisador, pois contribuem para a produção de novos conhecimentos sobre a realidade. Tal opção metodológica incorpora diversas formas de dados em busca de explicações que contribuam para análises mais articuladas.

Quando elaboramos o delineamento da pesquisa, pretendíamos trabalhar com entrevistas⁸ abertas e histórias de vida, com informantes privilegiados⁹ e demais brasileiros daquela comunidade. Todavia, dada a impossibilidade de realizar a pesquisa de campo na Irlanda, recorreremos a aplicação de questionários semiestruturados, com os quais tentamos dar conta de construir uma pesquisa de caráter principalmente qualitativo¹⁰. De acordo com Eliseu Sposito (2013), a preocupação na pesquisa qualitativa baseia-se em como captar as permanências e transformações do ponto de vista do pesquisador e do pesquisado; ou seja, do ponto de vista daquele que olha a realidade, submerge nela e procura explicá-la pela compreensão do pesquisado.

⁷ Título do livro de Teresa Sales sobre os brasileiros nos Estados Unidos.

⁸ Sabemos que as entrevistas aparecem como um importante recurso metodológico de reconstrução de experiências, todavia elas apresentam respostas às questões formuladas, que dependem das perguntas feitas e da abordagem de cada pesquisa.

⁹ Membros da comunidade em estudo que, devido à posição que ocupam nessa unidade social e à informação que sobre ela detêm, constituem uma permanente fonte de informação fidedigna. (ROCHA-TRINDADE, 1995, p. 120)

¹⁰ Segundo Bauer e Gaskell (orgs.) “A pesquisa quantitativa lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados, e a qualitativa evita números e lida com interpretações das realidades sociais” (2010, p. 22-23).

Sabemos que com uso de entrevistas teria sido possível maior abrangência e o aprofundamento das questões levantadas. Todavia, dada a limitação que nos foi imposta, buscamos organizar um questionário no qual fosse possível dar alguma voz a estes indivíduos do outro lado do Atlântico. Como indivíduos compreendemos “o sujeito considerado na pesquisa com quaisquer de seus atributos, dentro dos limites de sua unidade”. Ainda vale destacar que o sujeito, é “o ‘eu’ como ser pensante e atuante, na posição de participante como objeto de quaisquer estudos sobre seres humanos” (PESSÔA; RAMIRES, 2013, p. 127).

A primeira etapa deste trabalho teve como base observações diretas¹¹ realizadas em Dublin, capital da Irlanda, nos anos de 2007 e de 2011. Esta experiência nos auxiliou no momento de escolher o caminho inicial que seria seguido nesta pesquisa e foi fundamental para potencializar o nosso conhecimento empírico. Além disso, realizamos um estudo exploratório, a aplicação de questionários e de entrevistas.

Trabalhamos com levantamento bibliográfico e análise documental até o final da dissertação. Consideramos também, durante todo levantamento, referências e documentos encontrados nos mais diferentes órgãos, governamentais ou não, tanto brasileiros, quanto irlandeses.

No estudo exploratório foram coligidos depoimentos pessoais, por meio de entrevistas e questionários experimentais com cinco informantes brasileiros, sendo que três destes estão na Irlanda e dois já regressaram ao Brasil¹². O objetivo principal era, por meio das falas destes brasileiros, construir um questionário que pudesse ser ministrado à distância, eliminando, sempre que possível, as dúvidas que os interlocutores pudessem encontrar no momento de respondê-los.

Compreendemos que um questionário demasiadamente extenso seria um fator de insucesso à pesquisa. Por isso, trabalhamos com uma linguagem clara e simples, muitas respostas de múltipla escolha com as alternativas previamente previstas¹³ (sempre que possível).

¹¹ Na observação direta o investigador funciona essencialmente como observador, não participando diretamente das atividades do grupo; já a observação indireta implica num envolvimento direto deste investigador, resultando numa participação ativa.

¹² Estes indivíduos tiveram experiência de estudo e de trabalho em Dublin, Irlanda.

¹³ Com base nas entrevistas e nos questionários utilizados como teste.

Buscamos trabalhar com algumas perguntas abertas no questionário, o que nos permitiu uma maior amplitude para fazer as devidas interpretações sobre o tema. Compartilhamos do pensamento de Godoy (1995) de que, do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador 'colocar-se no papel do outro' e ver o mundo pela visão dos pesquisados.

Conforme Rocha-Trindade (1995, p. 129) “um bom conjunto de perguntas é o resultado de muitas horas de trabalho inicial, conduzindo à formulação mais adequada e mais precisa possível dos itens nele incluídos”. Isto é necessário a fim de eliminar ambiguidades e reduzir situações de rejeição antes de se chegar à elaboração definitiva do questionário, que pode ser consultado no anexo 1.

Antes da formulação final, utilizamos alguns questionários como teste, para reconhecer as principais dificuldades relacionadas ao seu preenchimento. Deste modo, foi possível trabalharmos na transposição das barreiras apresentadas, assim como conhecer o tempo estimado para o preenchimento, o que garantiu maior qualidade na amostragem.

Os quesitos do formulário foram organizados buscando cobrir diferentes aspectos da mobilidade dos brasileiros para a Irlanda, tais como os motivos da escolha da Irlanda, rede de contatos, escolaridade, profissão, conhecimento do idioma inglês, entre muitos outros totalizando 52 questões referentes à demografia, mobilidade, conhecimento de língua, redes sociais, discriminação, lazer, gastos, condições de moradia etc., com tempo estimado de preenchimento de 15 minutos.

Procuramos por brasileiros residentes na Irlanda em diferentes sites, grupos *online* e comunidades do *Facebook*¹⁴, sendo este último um importante site que oferece serviço de rede social e que é muito utilizado pelos migrantes para troca de informações e ajuda mútua. A lista completa de comunidades e grupos que utilizamos encontra-se ao final deste trabalho (anexo 2). Devido à impossibilidade de aplicarmos o questionário presencialmente, a alternativa encontrada para coleta dos dados foi disponibilizá-lo pela internet. Fizemos uso de uma ferramenta para criação de formulários disponível na rede, o *Google Forms*¹⁵.

¹⁴ Algumas comunidades virtuais: Brasileiros na Irlanda, Classificados Dublin, Vivendo em Dublin, Brasileiros em Galway, Cork Aupairs, Brasileiros em Dublin Irlanda: Dicas de Trabalho, Moradia etc.

¹⁵ Ferramenta do grupo Google.

Após a divulgação inicial, deixamos a pesquisa disponível nos sites por 15 dias corridos, entre Julho e Agosto de 2014. Durante este período tivemos 318 respostas. Parte delas foi conseguida através da indicação de outros brasileiros, seguindo o padrão de amostragem informal em bola de neve¹⁶. Rejeitamos o material que estava incompleto e/ou em duplicidade, restando 310 questionários válidos. Não foram seguidos parâmetros estatísticos para identificar os primeiros indivíduos participantes da pesquisa, sendo que interações iniciais nas redes sociais virtuais levaram a outros agentes sociais.

Em termos numéricos, a amostra abrange 3,5% da população de brasileiros na Irlanda, considerando para este cálculo o dado oficial disponibilizado em 2012 pela *Central Statistics Office* (CSO¹⁷), órgão responsável pelo *Census*¹⁸ irlandês que, no recenseamento de 2011, apontava 8.704¹⁹ brasileiros vivendo na Irlanda. Ressaltamos que, considerando os métodos de obtenção da amostragem e seu limitado número, não podemos afirmar que os resultados sejam representativos de toda comunidade brasileira na Irlanda. Mesmo assim, os dados obtidos estão em conformidade com as observações feitas em campo e refletem a situação de muitos dos brasileiros que atualmente residem na Irlanda.

Para o desenvolvimento da dissertação foram elaborados três capítulos. No primeiro capítulo: “*Concepções teóricas acerca das migrações*” apresentamos o desenvolvimento histórico do pensamento e do estudo das migrações. Nele estão postas as principais teorias formuladas sobre a temática e os principais colaboradores que discutiram as migrações.

No segundo capítulo, “*Globalização e as migrações*”, os esforços voltam-se à compreensão do processo de globalização e suas implicações nos movimentos migratórios contemporâneos. Para tanto, discutimos o desdobrar do meio técnico-científico-informacional e as novas formas de apropriação do território. Realizamos

¹⁶ Na amostragem informal em bola de neve (*Informal snowball sampling*), os informantes indicam outros para responder a pesquisa. Conforme Margolis (1994, p.20) “a técnica bola de neve faz uso da própria rede de amigos e parentes dos informantes”. Conforme Assis (2011) a técnica de bola de neve é utilizada em pesquisas nas quais é difícil estabelecer o tamanho da população. Observamos que as pessoas respondiam o questionário e também encaminhavam para outros amigos (virtuais ou não).

¹⁷ O CSO na Irlanda tem os mesmos atributos do IBGE no Brasil.

¹⁸ *Census* é o equivalente irlandês para o Censo brasileiro.

¹⁹ Todavia, há outras estimativas que assinalam para o número de brasileiros na Irlanda entre 8.473 (ONU, 2013) até 18.000 (MRE, 2014) indivíduos. Estes dados constam no capítulo três.

uma discussão sobre a questão das migrações, como elas se desenvolveram historicamente no Brasil, na Europa e na Irlanda. Pretendeu-se aqui, analisar as transformações dos deslocamentos de longa distância.

No terceiro capítulo, “*Brasileiros na Irlanda*”, apresentamos os resultados do questionário aplicado a 310 brasileiros migrantes na Irlanda. Buscamos elaborar uma visão conjuntural do fluxo de pessoas do Brasil para a Irlanda, seus principais fatores condicionantes e suas especificidades diante dos demais fluxos que partem do Brasil.

Sabemos que não é possível darmos conta da complexidade e da totalidade do fenômeno, mas admitimos que esta complexidade existe. Esta dissertação é resultado do esforço em trazermos um enfoque mais plural às questões que implicam na mobilidade populacional.

Por fim, deixamos nossas considerações finais esperando contribuir com o debate e aprofundamento dos conhecimentos sobre migração.

1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS ACERCA DAS MIGRAÇÕES

“Horas, dias, anos. Frases, páginas, histórias. Risos, lágrimas. Sucessos, alguns; frustrações, muitas. Esperanças em plurais imponderáveis. Passado inventado, futuro oco, mas sempre viável. Vidas recortadas da memória e identidade para colagem em álbuns que desafiam estatísticas e teses acadêmicas. Experiências pessoais perdidas num coletivo indeciso”. Meihy (2004, p.13).

O processo migratório é um fato conhecido há muito tempo na história do homem. Em busca de uma nova vida, de novas oportunidades, por motivos de pobreza extrema ou buscando escapar de perseguições, deslocamentos massivos de populações cruzaram oceanos e continentes nos últimos séculos. Tal movimento, gerador de transformações nas sociedades de origem e de destino, tem sido objeto de diferentes interpretações ao longo do tempo e despertou o interesse de pesquisadores, de administradores públicos, da imprensa e da sociedade como um todo.

Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento – ciências políticas, demografia, economia, geografia, história, psicologia, relações internacionais, antropologia, direito etc. – debruçaram-se sobre a questão migratória em busca de compreender a problemática da mobilidade populacional e conhecer este processo social em sua totalidade. Todavia, a teorização do conhecimento sobre migração se caracteriza pela diversidade de abordagens.

Muitas foram as fórmulas explicativas criadas ao longo dos últimos séculos, dentro de diversas áreas do conhecimento que se preocupam com as questões populacionais, visando explicar as migrações. Em princípio as teorias eram econômicas e discorriam sobre as questões populacionais dentro dos discursos voltados para economia.

Segundo Maria A. M. Silva (2007, p. 57),

Assiste-se, nos últimos anos, à uma preocupação comum entre os pesquisadores de várias áreas das ciências humanas e sociais, em definir um escopo teórico e conceitual sobre a temática das migrações. As interpretações neoclássicas, histórico-estruturais e da

mobilidade do trabalho colocam a categoria *trabalho* como o centro das reflexões sobre as migrações.

Os estudos migratórios são de grande abrangência e requerem uma série de cuidados para a sua compreensão. Alguns fatores como conceituação, grande variedade de modelos explicativos e fatores estruturais escalares em níveis macros e micros que atuam condicionando o fenômeno migratório contribuem para dificultar a apreensão e a explicação da migração (CASTIGLIONI, 2009), tendo em vista os impactos da migração nas regiões de origem e destino dos migrantes e sua natureza multidisciplinar.

Antes de discutirmos a mobilidade internacional contemporânea, é essencial conhecermos as teorias que influenciaram o pensamento sobre os movimentos populacionais entre os séculos XVI e XVIII, seguidas das principais linhas teóricas dos estudos migratórios mais específicos, que só ganharam expressão no século XX. Ao longo do século XX observamos a influência das análises econômicas na abordagem da mobilidade populacional, para a qual os fatores econômicos constituiriam o motor dos deslocamentos, e também vemos o surgimento das perspectivas de cunho mais social, com a influência do materialismo histórico.

1.1 Abordagens econômicas

Embora os movimentos migratórios sejam uma característica constante ao longo de toda história da humanidade, o estudo científico dos mesmos só se iniciou verdadeiramente na era industrial (KING, 2010).

As teorias clássicas trabalham com a hipótese das desigualdades econômicas entre países, centrando na análise das motivações e ações individuais, enquanto algumas teorias modernas acreditam que o Estado, com suas políticas de imigração e cidadania, seja um importante fator explicativo no processo de formação dos fluxos, trabalhando com hipóteses que relacionam fatores econômicos e sociais.

1.1.1 Primeiros teóricos e as concepções clássicas e neoclássicas

Os primeiros teóricos que se ocuparam com a questão populacional foram os economistas do mercantilismo, que se desenvolveu entre os séculos XVI e XVIII. Estes teóricos consideravam, segundo Rocha-Trindade (1995), a emigração prejudicial ao crescimento econômico, dado que a saída de mão de obra encareceria o trabalho, conduzindo à subida dos salários e ao agravamento dos preços das manufaturas.

A doutrina liberal, contrapondo-se à mercantil, removeu as barreiras impostas pelos Estados aos movimentos de bens, capitais e populações. Segundo a autora, neste pensamento, a emigração para as colônias era vantajosa para a economia das metrópoles. Para além de constituir um mercado para as manufaturas nacionais e de promover o investimento estrangeiro, permitia o alívio das pressões provocadas pela superpopulação.

Entre os liberais podemos destacar Adam Smith, David Ricardo, Stuart Mill, Thomas Malthus, este último conhecido por sua teoria para o controle do aumento populacional, na qual afirmava que enquanto a produção de alimento crescia em progressão aritmética, a população aumentava em progressão geométrica, fator que segundo ele, resultaria em escassez de recursos e seria a causa para a existência da miséria. Para Malthus, “o recurso à emigração constituía um expediente temporário que permitia aliviar a pressão demográfica, sem contudo ser esse o mecanismo essencial de contenção populacional” (ROCHA-TRINDADE, 1995, p. 66). Posteriormente, o pensamento de Malthus será retomado nos estudos populacionais pelos neomalthusianos e econemalthusianos, com estudos que vinculam explosão demográfica e superpopulação planetária à violência urbana, à escassez de recursos naturais etc.

Nos trabalhos de Karl Marx, ele apresenta o fenômeno da “sobrepopulação” na qual, inerente à racionalidade do capitalismo na procura incessante de lucro, o desenvolvimento tecnológico permite uma utilização intensiva da mecanização na produção, mas faz decrescer a procura da força de trabalho, enquanto a oferta, em virtude do crescimento populacional, não deixa de aumentar. Sendo assim, segundo Rocha-Trindade (1995), a emigração para as colônias constituiria uma forma de

aliviar as crises do excedente de produção por significar uma expansão de mercados. Marx ressalta que quaisquer que sejam os salários, o processo de acumulação de capital num polo é igual à acumulação da miséria no outro.

Os neoclássicos refutavam as teorias de Marx, defendendo a ideia de que a livre concorrência entre indivíduos e empresas assegurava o progresso social. Além disso, alguns concordavam com Malthus quanto à necessidade de manter as desigualdades sociais como forma de limitar a pressão demográfica. As teorias econômicas baseadas na teoria neoclássica fundamentam-se na escolha racional do indivíduo.

Póvoa-Neto (1997) observa que a concepção neoclássica do espaço e das migrações não apresenta uma expressão apenas demográfica, mas econômica, representando deslocamentos espaciais de trabalhadores no espaço geográfico. Logo, o migrante significa um portador de trabalho. A origem da migração na teoria neoclássica deve-se fundamentalmente às disparidades nas taxas salariais entre a origem e o destino, as quais, por sua vez, espelham diferenças de renda e bem-estar entre as regiões. Logo, “se fossem eliminadas as diferenças salariais entre os países, os fluxos migratórios deixariam de existir” (SOARES, 2003, p. 233).

Uma visão herdeira à dos neoclássicos é a perspectiva de equilíbrio, na qual dois pesquisadores se sobressaíram devido às suas contribuições para a análise dos fenômenos migratórios. São eles: o geógrafo Ernst George Ravenstein¹ (1885, 1889) e Everett Lee (1966)². Ambos trabalharam com teorias nas quais o homem, com o objetivo de maximizar as vantagens e reduzir o desconforto, é conduzido a fazer escolhas racionais frente a determinadas pressões que empurrariam o indivíduo a sair do seu local de origem em busca de locais mais atrativos. Dessa forma, a migração resulta de uma decisão unilateral do indivíduo.

Em seu estudo, nos diz Macamo e Muanamoha (2011, p. 8),

Ravenstein relacionou a migração com o tamanho da população, densidade e distância na tentativa de explicar o porquê as pessoas

¹ E. G. Ravenstein é considerado como o primeiro teórico da migração, que usou dados censitários da Inglaterra e do país de Gales para desenvolver o que ficou conhecido como as leis da migração (*Laws of Migration*). Concluiu que a migração era governada por processo de “push-pull”; isto é, que as condições desfavoráveis num lugar (leis opressivas, pesados impostos etc) empurrariam as pessoas para outros lugares.

² Anos em que os autores publicaram os trabalhos.

migravam. Para construir suas “Leis de Migração” ele realizou observações sobre a heterogeneidade de enfoques dessa complexidade ao enunciar que as leis da população e as leis econômicas não tem em geral o rigor das leis físicas.

Ravenstein analisou a migração interna na Inglaterra dentro do contexto da Revolução Industrial, destacando os “fatores de atração das cidades” (BECKER, 1997). Suas observações ocorrem no momento em que os principais fluxos migratórios ocorrem em direção aos centros comerciais e industriais. Conforme Pacheco e Patarra,

As “leis de migração” propostas por Ravenstein significavam, na verdade, a necessidade do capitalismo em expansão poder contar com uma população trabalhadora, disponível ou potencial, capaz de responder prontamente aos requisitos dinâmicos do sistema produtivo (1997, p. 30).

Dentro desta linha de raciocínio observamos o caso da teoria da migração de Everett Lee. Ele retoma as regularidades e propostas de Ravenstein, desta vez ampliando-se o leque de evidências empíricas, além de incorporar informações a respeito dos movimentos internos emergentes nas sociedades de desenvolvimento capitalista tardio. “Sua proposição envolvia um conjunto de fatores negativos e positivos nas áreas de origem e destino dos migrantes, um conjunto de obstáculos intervenientes e uma série de fatores pessoais” (BECKER, 1997, p. 327).

Lee nos fala sobre obstáculos que influenciariam a decisão por migrar ou não. Conforme Pacheco e Patarra (1997) é, sem dúvida, a Lee, que devemos os termos “fatores de atração” e “fatores de expulsão”³, tão comumente utilizados até hoje. A decisão de migrar está sempre vinculada a uma escolha racional entre os fatores positivos e negativos nas áreas de origem e nas áreas de destino dos fluxos migratórios. Entre eles destacamos: a distância entre os locais de origem e destino, as leis imigratórias e os custos de transporte. O enfoque é sempre uma decisão pautada na avaliação dos fatores de expulsão nas áreas de origem e fatores de atração nas áreas de destino.

³ Em Portugal, é comum encontrar na literatura como: fatores de atração e **repulsão**.

Os deslocamentos populacionais ocorreriam pela ponderação entre os fatores que ocasionam a expulsão e a atração – *push* e *pull* – objetivando a busca de bem-estar. Tais modelos de expulsão e atração, segundo Rocha-Trindade (1995), abordam apenas o conjunto de questões que dizem respeito aos fatores que motivam os atores individualmente que pressupõe um processo racional de tomada de decisão, além de um perfeito conhecimento do sistema, valorizando assim, a ação individual. É praticamente um consenso que emprego e renda são os determinantes preponderantes, apesar de outros fatores estarem em jogo.

King expõe os fatores de atração como sendo “a combinação de fatores econômicos, demográficos e de desenvolvimento social [nas áreas receptoras, enquanto que] os fatores de expulsão seriam dados pelo desemprego, pobreza e subdesenvolvimento das áreas de origem” (KING, 1995, p. 38-39).

Os fatores de atração econômicos visam atrair migrantes de forma a complementar a variedade de fatores de pressão. Para Massey (2008, p. 4):

A promessa de altos salários, mesmo nos níveis mais baixos de ocupação, pode ser muito atraente para os trabalhadores estrangeiros pobres com poucas opções no local. No nível individual, os migrantes potenciais são afetados por incentivos e informações. Os migrantes potenciais são empurrados por tempos difíceis, a falta de postos de trabalho, ou por falta de “bons empregos” que ofereçam recompensas sociais e econômicas desejadas. Todavia, é preciso considerar que as habilidades e necessidades são distintas entre as comunidades e entre indivíduos da mesma comunidade.

Os fatores de expulsão definem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que determinam as áreas às quais se destinam estes fluxos. Entre os fatores de atração, o mais importante é a demanda por força de trabalho, pois proporciona “oportunidade econômica” que constitui num fator de atração na medida em que oferece uma remuneração mais elevada que a que o migrante poderia receber na área de onde provém (SINGER, 1983).

Sobre as disparidades de renda entre os países menos desenvolvidos do Sul e os do Norte, mais desenvolvidos, aponta Gomes (2005), os indivíduos seguiriam a lógica do cálculo utilitário, na qual os benefícios da emigração pesam mais que os custos de transporte, de habitação e de adaptação que ela implica. As vantagens oferecidas, de maneira universal, pelo Estado de bem estar social a todos

os indivíduos nos países mais desenvolvidos são um dos fatores que conduz o imigrante não qualificado a querer migrar.

De acordo com George, controle demográfico e pleno emprego seriam as respostas para a diminuição das emigrações:

As migrações econômicas são moduladas pela evolução dos dados nos países de partida e nos países de chegada. Qualquer esgotamento da reserva demográfica de um país, tanto como o desenvolvimento do seu mercado de emprego, é um fator de redução da emigração (GEORGE, 1977, p. 36).

Segundo as análises econômicas, os fluxos migratórios contribuem para diminuir a renda das regiões mais desenvolvidas e aumentar a das regiões localizadas mais ao sul do mundo. Acredita-se que haverá um momento no qual as diferenças entre os países alcançará um equilíbrio: “se tomarmos como base o diagnóstico otimista destas abordagens, o fim ou ao menos o equilíbrio dos fluxos migratórios internacionais coincide com o equilíbrio que o mercado de trabalho encontra a longo prazo” (GOMES, 2003, p. 1).

Assim como potenciais migrantes diferem em suas habilidades e necessidades, o que constitui um empurrão suficiente irá variar entre as comunidades e entre os indivíduos da mesma comunidade. Os fatores de atração aos migrantes atuam de forma a complementar a variedade de fatores de expulsão. A promessa de bons salários, mesmo nos níveis mais baixos de ocupação, pode ser muito atraente para os trabalhadores estrangeiros pobres e com poucas opções no local de origem (HIRSCHMAN; MASSEY, 2008). Também existiria, segundo o autor, um completo mecanismo posto para atrair os trabalhadores altamente qualificados, através da concessão de bolsas de estudo em universidades de prestígio, oportunidades para crescimento profissional, entre outros.

Uma observação superficial do fenômeno das migrações internacionais leva a interpretá-lo como um jogo de mercado, em que a mão de obra se mobiliza ao efeito dos estímulos salariais ou de rendimento.

Há um tipo de explicação comum e muito difundida pelos economistas, baseada no princípio de que o mercado de trabalho é semelhante ao mercado de quaisquer outras mercadorias,

compradas e vendidas livre e regularmente no mercado (SALES, 1996, p. 90).

De acordo com o relatório da CEPAL (2006), os enfoques tradicionais sobre migração baseiam-se em um prisma econômico neoclássico: a migração é resultado da combinação de fatores de atração, presente na sociedade de chegada, e de expulsão no país de origem. Entre os fatores de expulsão identificam-se: o crescimento demográfico, baixos níveis de vida, falta de oportunidades econômicas e repressão política. Os fatores de atração incluem demanda de mão de obra, disponibilidade de terras, boas oportunidades e liberdades políticas.

Outra vertente da perspectiva de equilíbrio é a teoria do capital humano de Sjaastad, que postula que “os indivíduos migram de forma a aumentar as suas capacidades de renda para um elevado nível. Isto também implica que as mulheres devam ser livres dos seus deveres domésticos de forma a serem integradas no mercado de trabalho” (MACAMO; MUANAMOHA, 2011, p. 8). Conforme Soares (2003, p. 234), “se os rendimentos da região de destino, multiplicados pela probabilidade de aí encontrar emprego, menos o custo material, social e psicológico da viagem, forem superiores ao da região de origem, a migração concretiza-se”, como se este indivíduo fosse, nas palavras de Vainer (2007), um empresário de si mesmo.

Segundo os defensores do capital humano, quando os imigrantes chegam ao país de destino⁴ não possuem muitas das qualificações consideradas social e economicamente importantes, como o conhecimento da língua, o que resultaria em ocupações inferiores no mercado de trabalho. Ainda assim, os migrantes consideram a migração como uma forma de resposta à satisfação de necessidades econômicas, sociais ou psicológicas, tornando-se um migrante potencial quando percebe que a oportunidade de satisfazer essas necessidades se encontra noutro local (ROCHA-TRINDADE, 1995). Os defensores desta teoria acreditam que o aumento do rendimento econômico seja a principal força que impele as pessoas a migrarem.

⁴ País de destino também denominado como país de acolhimento, de residência, receptor.

Pela visão da teoria neoclássica, afirma Sales (1999a), as migrações são interpretadas como um jogo de mercado, em que a mão de obra se mobiliza ao efeito dos estímulos salariais ou de rendimento. Os indivíduos decidem melhorar de vida, por isso migram. Adotar a concepção neoclássica implica, segundo Póvoa-Neto (1997, p. 17),

em desconsiderar a dimensão histórica das migrações. Estas aparecem, a cada momento, como decorrência inevitável dos impulsos, supostamente “eternos”, do indivíduo que busca se deslocar rumo a melhores condições de vida, entendidas em função da remuneração do trabalho.

Para Jean-Paul de Gaudemar, autor avesso às concepções clássicas e neoclássicas, a perspectiva neoclássica trata erroneamente a “força de trabalho” como “livre”, valorizando apenas a decisão individual racional, negligenciando fatores históricos e estruturais relevantes. Ele nos diz que

A liberdade dos indivíduos era daí em diante colocada como princípio, implicando assim sua mobilidade perfeita como trabalhadores; axioma praticamente nunca formulado como tal, senão como desvio de parênteses condicionais, mas habitando permanentemente o discurso sobre a liberdade dos homens (GAUDEMAR, 1977, p. 183).

Uma das críticas principais a estes enfoques abordados é considerar a migração como uma conduta individual que resulta de uma análise racional e instrumental, em termos de custo-benefício, sem considerar outros elementos de tipo social e cultural que podem explicar os fluxos migratórios. Esta perspectiva não permite compreender por que somente uma fração muito pequena da população emigra e não toda a sociedade que enfrenta as mesmas condições de vida (CEPAL, 2006).

Segundo Castles e Miller (2009), este modelo é encontrado principalmente em economia, mas também é usado por alguns sociólogos, demógrafos e geógrafos. Trata-se de um modelo individualista e a-histórico, que ignora toda complexidade e subjetividade do indivíduo. Desse modo, concordamos com Ferreira (2007) no sentido de que existem dimensões profundas e muitas vezes desconhecidas nos indivíduos, difíceis de serem exploradas e realmente reveladas,

que podem escapar à racionalidade pragmática do nosso tempo, e encontram a possibilidade de emergir no espaço, no lugar, como, por exemplo, a emoção.

Os fatores de atração e repulsão também ignoram alguns fatores macroestruturais dos movimentos migratórios, principalmente, os internacionais. Todavia, há autores que não veem os fatores de atração e repulsão e as análises macroestruturais como excludentes entre si. Em sua pesquisa sobre os imigrantes brasileiros em Nova Iorque, Margolis (1994, p. 12) afirma que

os fatores estruturais apontam na direção de fluxos migratórios em larga escala entre nações e entre diferentes partes do mundo, enquanto fatores de atração e repulsão e análises da rede social são úteis para justificar quais indivíduos realmente migram, a distância que eles viajam e seus destinos específicos.

Uma deficiência que pode ser apontada nesta teoria é a de pressupor que os países mais empobrecidos ou a parcela mais pobre de um país seriam os primeiros candidatos a uma migração internacional. Sabemos que isto não é verdade. Basta observarmos o caso dos brasileiros nos Estados Unidos, no Japão, na Irlanda, para percebermos que não foi a população mais carente de recursos financeiros que emigrou. Mas sim, pessoas que tiveram acesso aos valores de investimento necessários para um empreendimento deste porte e algum contato prévio com a cultura do país receptor. “Eles são da classe média, muitos possuem nível universitário”, observou Margolis (1994, p.19), logo, estamos falando de um novo tipo de imigrante, “que não está fugindo da miséria extrema ou da repressão política”. Verificamos em nosso trabalho que esta afirmação da autora também pode ser estendida para os brasileiros na Irlanda.

Os migrantes da classe média se tornaram importantes participantes nesses movimentos globais, em oposição ao estereótipo dos migrantes estrangeiros como pessoas que se afastam de sua terra natal em virtude da pobreza e da falta de esperança. Desde a década de 1980 é possível observar a saída de profissionais qualificados do Brasil para o exterior. Retomaremos essa questão no capítulo 2.

Enfoques menos mecanicistas também procuraram realçar a força da decisão individual, segundo a qual a motivação pessoal seria a que determina, frente aos estímulos externos, quem fica ou quem sai de uma área de destino ou de uma

área intermediária no fluxo migratório. Conforme Pacheco e Patarra (1997), Germani⁵ identifica um nível normativo e dois psicológicos; Schultz⁶ e Sjaastad⁷ consideram a migração como resultante de uma análise de custos e benefícios. Na década de 1950 Bogue⁸ apontava pra necessidade de um maior acúmulo de evidências empíricas comparáveis entre si.

Quanto ao estabelecimento de fluxos migratórios, é preciso compreender o que causa o início de um fluxo e que fatores contribuem para mantê-lo em níveis elevados, possibilitando sua continuidade. Conforme Bógus,

para entender o que provoca o início de um fluxo emigratório é preciso investigar as condições que o promoveram no país de origem e a formação dos laços subjetivos com o país de destino que viabilizaram a migração. Já para entender a continuidade do fluxo é necessário analisar as condições do país receptor (BÓGUS, 1996, p. 112)

A reflexão acima foi corroborada pela Escola Cepalina e por Singer⁹, sendo que este passou a analisar a configuração histórica dos movimentos migratórios. Para Singer (1973) as áreas rurais estagnadas, ou em transformação, “exportariam” excedentes populacionais que formariam os contingentes de trabalhadores urbano-industriais numa situação de crescente demanda por força de trabalho. Seu enfoque procurou afastar a dimensão psicológica como fator explicativo, inserindo o movimento no processo de transformação global da sociedade (PACHECO; PATARRA, 1997). Seriam os fatores de estagnação e mudança, a transformação da estrutura social e a absorção ou não dos excedentes populacionais que desencadeariam a mobilidade. Os fatores históricos e/ou estruturais serão o próximo foco da nossa análise.

⁵ GERMANI, G. Migration and acculturation. In: HAUSER, P., org. *Handbook for social research in urban areas*. Paris: UNESCO, 1964.

⁶ SCHULTZ, T. M. Reflections on investment in war. *Journal of political economy*: Supplement, Chicago, v.70, n.5, part 2, p.1-8, Oct. 1962.

⁷ SJAASTAD, L. A. The costs and returns of human migration. *Journal of political economy*: Supplement, Chicago, v.70, n.5, part 2, p.80-93, Oct. 1962.

⁸⁸ BOGUE, D. J. *International migration, in the study of population*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1959.

⁹ SINGER, Paul Israel. Migrações internas: Considerações teóricas sobre seu estudo. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense/CRBRAP, 1973.

1.1.2 A concepção histórico-estrutural, a abordagem da mobilidade do trabalho, o mercado dual e a teoria do sistema mundo

A concepção histórico-estrutural¹⁰ das migrações procura contrapor a teoria neoclássica, colocando no centro da análise os constrangimentos estruturais. Segundo Póvoa-Neto (1997), este olhar busca enraizar sua análise no solo dos contextos históricos e geográficos específicos. A migração é encarada como fenômeno social, o que permite a sua compreensão junto aos demais processos da sociedade. Prioriza-se a percepção de processos sociais gerais, dentro dos quais a migração ganha sentido e tende a assumir um papel.

Se a concepção anterior colocava toda a ênfase na decisão soberana do indivíduo inserido na dinâmica do mercado capitalista, o que se tem agora é a análise de grupos e classes sociais a sofrer a força de estruturas sociais que explicam a maior ou menor propensão para a migração (PÓVOA-NETO, 1997, p. 17).

A perspectiva histórico-estrutural analisa as migrações sob a ótica macroestrutural com enfoque histórico. Inspirada na teoria da transição demográfica, esta teoria analisa a transição de mobilidade em diferentes fases de desenvolvimento econômico havendo regularidades na mobilidade populacional na relação tempo-espço ao longo da história recente, apresentando um componente essencial do processo de modernização e regulação econômica. De acordo com Rocha-Trindade (1995, p. 83),

a explicação para os movimentos populacionais deve ser buscada nas pressões e contrapressões, quer internas quer externas, que se exercem sobre as economias nacionais, as quais conduzem a modificações na organização da produção. São de ordem estrutural os fatores que influenciam a mobilidade laboral. Desse modo, as migrações são consideradas como um processo macrosocial, ligado aos fenômenos de classe, processo em que a unidade de análise são as próprias correntes migratórias.

¹⁰ Tem como precursor o trabalho de Thomas e Znaniecki, de 1818, sob o título *The Polish Peasant in Europe and America*, do qual emergiram as teorias de complementaridade dos processos de Imigração-Emigração.

Zelinski (1969) versa sobre a “transição da mobilidade” relacionando o grau de urbanização, a transição tecnológica e o tipo de sociedade: a sociedade agrícola; a sociedade industrial e a sociedade pós-industrial. Conforme Pacheco e Patarra (1997), os padrões de migração predominantes seriam: rural-rural na sociedade pré-industrial; rural-urbana no período da industrialização; urbana-urbana nas sociedades industriais maduras e cidade-subúrbios próximos na sociedade pós-industrial. Seguindo parcialmente este raciocínio, Martine e Camargo (1984) elaboram uma abordagem a respeito da reorganização da população no espaço com base nas forças centrífugas (de expansão populacional) e centrípedas (de concentração de população).

Para Becker (1997), torna-se importante destacar os fatores estruturais que determinam o surgimento e os desdobramentos dos fluxos migratórios. A primeira mola propulsora destes deslocamentos seria socioeconômica, determinada pelo processo de acumulação do capital; somente num segundo momento poderia se falar nas condições subjetivas das migrações e nas características dos migrantes. Para a autora, os deslocamentos de populações se dão em contextos variados e envolvem ao longo do tempo escalas espaciais diferenciadas, o que lhes conferem crescente complexidade, transformando o conceito de mobilidade numa expressão de organizações sociais, situações conjunturais e relações de trabalho particulares.

Pelo que foi visto, podemos dizer que a perspectiva histórico estrutural tira do indivíduo a decisão de migrar. Não é mais o cálculo racional que está em jogo e sim o momento histórico e as conjecturas estruturais.

Outra possibilidade de abordagem histórica é a da mobilidade do trabalho, denominada por alguns de neomarxismo, segundo a qual o capitalismo cria a necessidade dos deslocamentos em busca de trabalho. Este olhar tem por objetivo ressaltar que as migrações não podem ser encaradas fora da realidade do trabalho social, e sim como pressupostos econômicos do mesmo. A mobilidade do capital é que tem criado novas condições para a mobilidade do trabalho, a reorganização da economia mundial que formou um espaço transnacional com a circulação de diferentes fluxos de pessoas, mercadorias, serviços e informações (SALES, 1999a).

Gaudemar (1977), importante nome nos estudos sobre a mobilidade do trabalho, explica que as migrações são fruto da transformação do trabalho em

mercadoria, num processo no qual o trabalho passa a ter mobilidade, podendo ser vendido a diferentes compradores, em diferentes lugares, cumprindo diferentes funções. Os deslocamentos motivados pelo trabalho constituem-se, assim, numa forma de relação social historicamente específica do capitalismo. A mobilidade do trabalho só existe quando o trabalho transforma-se na mercadoria 'força de trabalho'.

Os movimentos migratórios são causados pelas contradições inerentes do sistema capitalista (GAUDEMAR, 1977). As condições determinadas pela acumulação de capital exercem um papel fundamental na mobilidade do trabalho, na medida em que ela permite o uso capitalista da força de trabalho nos lugares e nas condições de intensidade requeridos para a maior produção de excedentes. Os deslocamentos humanos seriam resultado de uma estratégia capitalista (CASTLES; MILLER, 2003). Gaudemar compreende a migração como a crescente sujeição do trabalho ao capital, dentro da ótica histórico-estrutural e marxista: “a mobilidade é introduzida como condição da força de trabalho se sujeitar ao capital e se tornar a mercadoria cujo consumo criará o valor e, assim, produzirá o capital” (BECKER, 1997, p. 334).

Segundo Póvoa-Neto (1997), “o capitalismo, ao gerar trabalhadores excedentes, separados de seus meios de existência, cria a necessidade dos deslocamentos à busca de trabalho”. Logo, este processo estaria relacionado à organização das atividades econômicas e industriais.

As modalidades de acumulação de capital, a herança histórica e a estrutura de classes foram arroladas como elementos relevantes para interpretar movimentos populacionais que representavam ora necessidade de força de trabalho para o capital industrial em expansão, ora resposta a situações de estagnação de áreas frente à concentração crescente dos polos dinâmicos (PACHECO; PATARRA, 1997, p. 38).

O economista Paul Singer (1983) corrobora com o argumento de que as migrações internas e internacionais correspondem a uma estrutura de classes na economia capitalista. Elas não parecem ser mais do que um mero mecanismo de redistribuição espacial da população que se adapta, em última análise, ao rearranjo espacial das atividades econômicas. O mais provável, segundo Singer,

é que a migração seja um processo social, cuja unidade atuante não é o indivíduo, mas o grupo. Quando se deseja investigar processos sociais, as informações colhidas numa base individual conduzem, na maioria das vezes, a análises psicologizantes, em que as principais condicionantes macrossociais são desfiguradas quando não omitidas. (SINGER, 1983, p. 51)

O autor dá relevo à produção das desigualdades regionais brasileiras tendo como fundamento as migrações massivas para as regiões de concentração industrial, a partir de dois elementos estruturantes: os fatores de mudança e os fatores de estagnação. Os fatores de expulsão que levam às migrações são de duas ordens: fatores de mudança, quando ocorre a perda de população, mas a produção aumenta, e fatores de estagnação, quando áreas tornam-se decadentes. Enquanto que os fatores de mudança provocam um fluxo maciço de emigração, os fatores de estagnação levam à emigração de parte ou da totalidade do acréscimo populacional (SINGER, 1983).

Do ponto de vista do lugar de destino, afirma Singer (1983), parece irrelevante distinguir os migrantes conforme os fatores de expulsão que os atingiram. Tanto os que vieram de áreas em mudança como os que provêm de áreas em estagnação tentam penetrar no mesmo mercado de trabalho urbano.

De acordo com Pacheco e Patarra (1997, p. 39),

As migrações internas, no Brasil, se intensificaram a partir dos anos 30, vinculadas às transformações econômicas, sociais e políticas da sociedade. Superada a dinâmica da acumulação cafeeira, assiste-se ao que Furtado¹¹ chamou de deslocamento do eixo dinâmico da economia, mais propriamente a configuração de uma dinâmica de acumulação assentada na indústria.

Ainda com o olhar voltado para os condicionantes históricos temos a teoria dualista do mercado de trabalho que analisa as migrações internacionais em função das oportunidades de trabalho. No mercado de trabalho dual a decisão de migrar está pautada em forças operacionais superiores, ligadas à demanda do mercado de trabalho das modernas sociedades urbano-industriais. Os defensores desta teoria discorrem a respeito dois segmentos distintos do mercado de trabalho: o segmento

¹¹ FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

primário, mais favorável e destinado aos trabalhadores nacionais, e o segmento secundário, com ocupações ligadas aos trabalhos servis, não demandando qualificação profissional, tais como serviços domésticos em geral, ocupações em hotéis e restaurantes, na construção civil, entre outros. Conforme Rocha-Trindade (1995, p. 87),

os empregos ocupados por imigrantes são aqueles rejeitados pelos trabalhadores nacionais e tendem a ser mal remunerados, desqualificados, com *status* social inferior e com reduzida possibilidade de mobilidade profissional. Além disso, dominam as contratações informais que geram um maior grau de insegurança.

Seguindo essa perspectiva encontram-se os autores que abordam a Divisão Internacional do Trabalho como elemento motivador dos movimentos migratórios. Manuel Castells (1975) vai retratar os movimentos migratórios como um importante instrumento do processo de internacionalização do capital que se deu a partir da década de 1960, sendo assim, parte da dinâmica interna da sociedade capitalista.

Segundo a teoria do sistema mundo, a migração internacional é uma consequência natural ao processo de reprodução e acumulação do capitalismo, sendo o traço principal do sistema-mundo a criação de um mercado de trabalho global, em que as forças estruturais da economia mundial geram os diferenciais econômicos responsáveis pela existência de zonas salariais diferenciadas.

Peixoto (2004) afirma que um dos traços específicos da economia mundial é a criação de uma zona flexível de atividade produtiva transnacional sob a égide das empresas transnacionais não existentes há poucas décadas. A instalação dessas empresas nos países em desenvolvimento acarretou fluxos migratórios para o centro, quando, ao menos na teoria, os deveria ter diminuído, por procurar o trabalho, menos qualificado e mais barato, na sua zona de residência habitual.

Saskia Sassen (1988) considera que a mobilidade do capital é que tem criado novas condições para a mobilidade do trabalho, formando um espaço transnacional, no qual a circulação de trabalhadores pode ser vista como um entre os vários fluxos, incluindo capital, mercadorias, serviços e informações. Ela enfatiza que estas decisões são sempre tomadas dentro de contextos econômicos, políticos

e culturais específicos, cristalizados em estruturas de oportunidades maiores, tais como diferenciais de salário, recrutamento de trabalhadores e crises econômicas.

Dentro desta percepção está a teoria dos anéis concêntricos que, segundo Pacheco e Patarra (1997), são configurados a partir de polos industriais e comerciais. Foram retomadas com força algumas décadas depois pela Escola de Chicago e buscava explicar as migrações de forma equilibrada, com base entre a oferta e a demanda de força de trabalho.

Os modelos neoclássico e histórico não podiam ser mais divergentes: para o primeiro o indivíduo é absolutamente livre e racional; o segundo valoriza a estrutura e desconsidera que a decisão final de migrar ainda cabe ao indivíduo e à sua percepção subjetiva. Embora ambas sejam concepções muito disseminadas nas diversas áreas do conhecimento dedicadas aos estudos populacionais, há outras abordagens que visam compreender as migrações, conforme veremos.

1.2 Soberania e o olhar das ciências políticas a respeito das migrações

Analisar as migrações internacionais sob o enfoque da soberania dos Estados implica em desviar o olhar comumente direcionado para a esfera socioeconômica e centrá-lo na ação autônoma que as instituições políticas exercem sobre os fenômenos sociais. Ou seja, é entender que o espaço migratório é um espaço político, onde ocorre o exercício do poder.

Nos movimentos migratórios internacionais os indivíduos se deslocam entre entidades diferentes, isto é, realizam a travessia de uma ou mais fronteiras, não só entre Estados adjacentes como, também, de um continente para outro (BEAUJEU-GARNIER, 1980). A característica principal que distingue as migrações internacionais de outros tipos de migração é que elas implicam uma mudança do indivíduo entre dois sistemas políticos diferentes e mutuamente exclusivos. Nesse sentido, “pode-se afirmar que as migrações internacionais são não apenas um fenômeno social, mas inerentemente político” (REIS, 2002, p.11).

Apenas a partir dos anos 1980, Gomes (2005), o estudo da imigração passa a se direcionar para a análise de uma política pública que compreenda tanto o controle sobre o fluxo de entrada e de saída de estrangeiros do território nacional, como suas ramificações: as políticas de integração, de asilo e de naturalização de estrangeiros. As fronteiras ganham destaque nas abordagens e nos estudos sobre o tema.

Fronteiras são descontinuidades territoriais, com a função de marcação política. Neste sentido, trata-se de instituições estabelecidas por decisões políticas. São linhas de separação entre soberanias. Em seu interior serão governadas por uma soberania, um Estado, responsável pela atribuição de uma nacionalidade (FOUCHER, 2009). Os Estados detêm o controle sobre a própria identidade do indivíduo, sua nacionalidade. Leis e normas jurídicas podem dificultar que os migrantes circulem de um país a outro. O acesso aos direitos de cidadania está condicionado à posse da nacionalidade.

As políticas de nacionalidade e imigração estão intimamente ligadas. Antes de qualquer coisa, para se definir quem é o imigrante, é preciso se definir quem é o 'nacional'. Além disso, o Estado tem que se definir se deseja ou não que o imigrante se torne um cidadão nacional, e qual tipo de imigrante estaria nessa situação, e, ainda, quais seriam os critérios adequados para esse processo (REIS, 2004, p. 156).

Concordamos com Reis (2004) que é cada vez mais fácil, tanto em termos de custo como de tecnologia de transporte, se deslocar de um ponto ao outro do planeta. Tendo em mente que as oportunidades econômicas são tão desigualmente distribuídas em termos geográficos, por que, então, as pessoas não podem simplesmente sair de um lugar e ir para outro em busca de uma vida melhor? Porque o mundo é dividido em Estados, que são associações que possuem o monopólio de legitimidade da mobilidade, considerado um dos fundamentos da soberania do Estado.

Não existe nenhuma organização superior ao Estado que possa obrigá-lo a aceitar quem quer que seja em seu território. "A autonomia do Estado no campo das

migrações é uma das principais características do direito internacional tradicional” (REIS, 2004, p. 150).

Todos os países praticam a admissão seletiva de migrantes, usando instrumentos que variam das restrições à concessão de visto de entrada e controle de fronteiras à legislação de critérios de admissão: idade, riqueza, escolaridade, origem nacional, entre outros (REIS, 2004). Isto pode ser observado, por exemplo, nos casos canadense e australiano. Os países citados buscam constantemente atrair pessoas por meio dos seus programas governamentais de imigração. Todavia, os candidatos devem possuir índices educacionais médios e/ou elevados em áreas do conhecimento específicas, que variam de acordo com as necessidades de cada país, ter conhecimento do idioma etc.

As políticas migratórias adotadas pelos países ricos buscam estabelecer os migrantes desejados dos não desejados. Os critérios remetem-se, geralmente, às necessidades do mercado de trabalho interno, mas privilegiam-se os imigrantes de níveis socioeconômicos mais elevados (SANTOS, 2010, p. 43).

Voltando a questão das fronteiras, elas podem ser divididas em externas e internas. Nas fronteiras externas o Estado é quem define os critérios de entrada em seu território, por meio das políticas de imigração; enquanto que as fronteiras internas seriam delimitadas pelo grau de inclusão dos imigrantes à cidadania, como o acesso aos direitos políticos elementares, reguladas pelas políticas de nacionalidade (REIS, 2002).

Embora a migração no mundo contemporâneo possua uma forte dimensão transnacional, somente os cidadãos gozam de um direito incondicional de permanência e residência no território, e podem planejar suas vidas de acordo com esses direitos. A entrada e a residência de não cidadãos nunca são incondicionais.

os Estados modernos e o Sistema internacional de Estados do qual eles são parte, expropriam do indivíduo e das entidades privadas, particularmente, mas de nenhuma maneira exclusivamente, os meios legítimos de movimentos através das fronteiras internacionais (TORPEY, 2000, p. 4).

Arroyo (2006) esclarece que as porosidades territoriais, que contribuem para o adensamento das mobilidades transnacionais, são constituídas na associação do estabelecimento de uma base material com uma base normativa, cuja densidade da fluidez resulta, dentre outros, das inter(rel)ações estabelecidas entre os Estados e, também, entre os Estados e as grandes empresas. Assim, tais ações, envolvendo diferentes níveis geográficos, têm implicado variadas posturas de regulação, nas quais o Estado opta (ou não) por ampliar o grau de porosidade ao longo de suas fronteiras territoriais.

O Estado, através das suas políticas de imigração e cidadania, é um importante fator explicativo no processo de formação dos fluxos e ajuda a moldar a forma que esses fluxos adquirem (REIS, 2002). O Estado é sempre soberano para decidir quem entra (legalmente) em seu território. Todavia, “Se a imigração fosse apenas questão de política e da vontade de impor controles, muitos dos atuais fluxos não autorizados não existiriam” (SASSEN, 2010, p. 120). Por este motivo,

Não existe, nem nunca existiu, um Estado que tivesse fronteiras impermeáveis, ou absoluto controle sobre quem entra e quem sai. A constatação da permeabilidade das fronteiras não significa, porém, uma limitação na soberania do Estado (REIS, 2002, p. 45).

Para Reis (2002), antes de qualquer coisa, para se definir quem é o imigrante, é preciso se definir quem é o nacional. Além disso, o Estado tem que definir se quer que o imigrante se torne nacional ou não, que tipo de imigrante pode se tornar nacional, e quais são os critérios adequados para esse processo. A autora nos revela que a política de nacionalidade e a de imigração estão intimamente ligadas.

Imigrantes, comumente, não podem participar das discussões e decisões a respeito de sua situação e não possuem direitos políticos. Logo, são indivíduos desprovidos de cidadania, de direitos políticos. As questões sobre imigração são tratadas pelo Estado e este, muitas vezes vê como um problema de segurança pública e polícia.

Apesar do crescimento das preocupações com os direitos humanos, as migrações internacionais de hoje se deparam com uma quantidade muito maior de

barreiras, principalmente aquelas postas pela regulação dos Estados, do que enfrentavam um século atrás.

Podemos destacar duas perspectivas no estudo das migrações dentro das ciências políticas: os soberanistas e os liberais, sendo que, o objeto de estudo mais preciso para os autores soberanistas é a elaboração da política de governo que determina as regras de entrada e saída de estrangeiros do território nacional (GOMES, 2005). Os autores “soberanistas” reforçam o princípio da soberania que garantiria aos Estados o controle sobre os fluxos migratórios internacionais. Tendo como pressuposto a legitimidade soberana dos Estados, “estas análises acabam se concentrando sobre as formas e capacidades dos controles migratórios, sobre os atores envolvidos, assim como as diferentes políticas vinculadas aos fluxos migratórios, como as de naturalização de estrangeiros e de asilo” (GOMES, 2005, p. 2).

Em contrapartida, a corrente liberal sustenta que a incapacidade dos Estados para manter sob controle os fluxos migratórios é a consequência de um liberalismo político e econômico que se instala de maneira irreversível, e que, o aumento dos trabalhadores ilegais é uma consequência direta das políticas de migração restritivas postas em prática pelos diferentes governos (GOMES, 2005).

Outra questão importante quando nos deparamos com o olhar voltado para as fronteiras é a questão do nacionalismo, crescente em alguns grupos no momento em que estes indivíduos passam a conviver com imigrantes. Para Castells (2002) a era da globalização é também a era do ressurgimento do nacionalismo, manifestado tanto pelo desafio que impõe a Estados-Nação estabelecidos como pela ampla (re)construção da identidade com base na nacionalidade, invariavelmente definida por oposição ao estrangeiro.

Muitos pesquisadores apoiam suas análises na importância do Estado para legitimar ou coibir os movimentos migratórios internacionais, mas isto não significa que o grau de permeabilidade imposto por um país será o fator mais relevante na formação e na manutenção dos fluxos.

1.3 A importância das redes sociais

Todo deslocamento migratório, embora de sujeitos que pareçam não ter vínculo entre si, tem conexão com alguma rede social, pela qual circula informações, pessoas, mercadorias e capitais. Tais redes compõem o território e podem ser materiais e imateriais.

As redes sociais ligam as comunidades remetentes aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos (ASSIS, 2011).

A análise dos movimentos migratórios centrada nas redes sociais é uma tentativa de integração entre indivíduo e estrutura. Este enfoque busca compreender os motivos que levam os indivíduos à migração, evitando os extremos da teoria neoclássica e do determinismo estrutural. Nas palavras de Soares (2003, p. 231),

Esse arcabouço teórico não tenta uma síntese impossível entre estrutura e sujeito; busca, isto sim, estabelecer uma ponte entre essas duas escolas de análise do campo social. A um só tempo, a análise de redes admite o constrangimento formal e a racionalidade relativa, o que significa, metodologicamente, trabalhar com uma rigorosa representação algébrica da configuração estabelecida entre as relações sociais e ter em conta o contexto social no qual os atores tomam decisões: o ator move-se dentro de uma lista predeterminada de preferências e faz a melhor escolha possível, com os meios que dispõe.

Os fluxos migratórios tendem a ser fortemente influenciados pelas redes, que podem ser fundadas em laços familiares, de amizade ou de identidade, constituindo fatores de intermediação entre os indivíduos e as forças estruturais. Entretanto, as redes não são apenas relacionais: as agências de intercâmbio, escolas de idiomas, aeroportos, rodoviárias, casas de envio de remessas, etc. são a materialização – ou os fixos -, das redes, alterando os espaços de partida e de chegada. Rocha-Trindade (1995, p.91) ressalta que,

ao ligar migrantes e não migrantes no espaço e no tempo, as redes sociais dão origem a teias complexas de relações interpessoais que

permitem contextualizar as migrações como um produto social. [...] as migrações são condicionadas por estruturas econômicas, sociais e políticas inerentes à história das sociedades emissora e receptora. Estas estruturas são transportadas e influenciam, através das relações e dos papéis sociais, os indivíduos e os grupos.

Para Sasaki e Assis (2000), as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais entre os locais de origens e os receptores, que unem simbioticamente migrantes e não migrantes através de papéis e relacionamentos interpessoais sociais complementares num quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados. A decisão de migrar decorre de ações estritamente coletivas que ocorrem no núcleo de unidades mais amplas, levando em consideração os motivos econômicos, mas também as expectativas dos grupos.

Uma característica comumente apontada pelos pesquisadores que trabalham com a abordagem das redes sociais é a de que estas redes proporcionam algum tipo de apoio, seja por meio de informações, ajuda material, ou oportunidade de trabalho. Estas redes contribuem não apenas para fortalecer os referenciais do local de destino, mas são importantes para a acomodação inicial do imigrante e sua inserção no mercado de trabalho. Os laços sociais embutidos dentro das redes de migrantes fornecem essas informações e reduzem os custos da migração. “Bravos pioneiros podem estar dispostos a migrarem em face do conhecimento limitado e arcarem com os custos da viagem e da instalação por conta própria, mas pioneiros são, por definição, uma espécie rara” (MASSEY; CAPOFERRO, 2008, p. 4).

O surgimento das redes faz reduzir os custos da emigração. Além disso, a existência das redes influencia a decisão de migrar, pois é através delas que os futuros emigrantes obtêm informação. De acordo com o sociólogo Douglas Massey,

Todo novo migrante reduz o custo da migração subsequente para um grupo de amigos e parentes e, com os custos reduzidos, algumas dessas pessoas são induzidas a migrar, o que expande adiante o grupo de pessoas com vínculos no exterior (MASSEY, 1988, p. 397).

Os novos imigrantes tendem a buscar como destino as grandes cidades onde os imigrantes anteriores das mesmas origens nacionais já se estabeleceram. Além do apoio social e econômico que podem receber desde antes da chegada, as grandes cidades mundiais também geram uma grande demanda por trabalhadores

para os serviços do setor informal, fato que ajuda a atrair migrantes internacionais (SASSEN, 2001).

A adaptação do migrante recém-chegado ao meio social se dá, na maioria das vezes, mediante mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade de migrantes mais antigos. Isto significa que o lugar que o novo migrante irá ocupar na estrutura social já é, em boa medida, predeterminado pelo seu relacionamento social, isto é, por sua situação de classe anterior (SINGER, 1983).

Mesmo que as transformações estruturais nos países de origem e destino condicionem o início dos fluxos migratórios (CASTLES; MILLER, 2003), a criação de redes sociais pelas comunidades de imigrantes nos países de adoção facilita a chegada de novos imigrantes. Estas redes permitem aos imigrantes encontrarem mais facilmente um trabalho e uma hospedagem, assim como auxiliam na sua adaptação cultural (GOMES, 2005).

As teorias sociológicas das redes migratórias preconizam que os imigrantes como integrantes de estruturas sociais mais abrangentes, realizando conjuntamente as várias etapas do empreendimento migratório, no qual o motivo econômico pode não atuar como a principal causa da migração de grupos, estabelecendo o princípio da solidariedade, que transcende, por ora, o motivo econômico.

Assim sendo, para Peixoto (2004), os fluxos migratórios são resultantes de conjunturas históricas peculiares com uma dinâmica própria conferindo-lhes as características de um sistema. Os primeiros imigrantes tornam-se pioneiros e disseminam as informações com os amigos e parentes que ficaram no país de origem. Assim surgem as redes e, ao passo que vão se adensando, interconectam uma quantidade maior de pessoas. Redes densas, com muitas pessoas, intensificam as trocas de informações e diminuem os riscos da mobilidade internacional.

De acordo com Brito (1996), os modernos sistemas de telecomunicação fazem com que as informações circulem numa grande velocidade e cheguem a um número muito maior de pessoas hoje do que no passado. Estas informações trazem consigo normas e valores que se internacionalizam, permitindo a diferentes povos a redefinição de padrões e aspirações de comportamento, além da construção de um

imaginário sobre a realidade do seu e de outros países. Deste imaginário, fruto da internacionalização de processos sociais, é que cada migrante internacional potencial cria a sua “ilusão migratória”, sem a qual ninguém migra a longa distância. Segue o autor:

As informações que circulam pela mídia são reforçadas pelas “redes sociais de imigrantes”. Esta é uma característica fundamental das migrações a longa distância e, sem dúvida, das internacionais. Ninguém migra isoladamente, o processo migratório tende a ser coletivo, funcionando como uma bola de neve. Os que migram estabelecem entre si uma “rede” de informações e apoio, visando não só informar sobre as condições do país de destino como também facilitar a adaptação do imigrante (BRITO, 1996, p. 63).

O enfoque nas redes sociais revela as relações solidificadas entre pessoas e grupos residentes no país de origem e no país de destino. As redes garantem a continuidade do fluxo, a recepção e adaptação dos recém-chegados, as transações de remessas financeiras, a socialização etc. Elas minimizam os riscos na migração de longa distância.

Segundo Tilly (1990), a nova onda de migração não pode ser explicada apenas pelos fatores de atração e expulsão que fazem as pessoas migrarem devido aos diferenciais de oferta de trabalho. No caso das migrações de longa distância, quanto mais estabelecidas encontram-se as redes, maiores chances tem o migrante no local de destino. Dessa forma, as redes sociais tornam-se um recurso precioso, pois se constituem em capital social.

O capital social, traduzido em uma estrutura social de acolhida construída pouco a pouco pelas comunidades de imigrantes, seria um dos fatores que mais encorajaria os novos membros. “Quando um migrante traz um outro, redes de amizade e parentesco são acionadas e contribuem para a reunificação familiar e para a ampliação do tempo de permanência dos imigrantes” (ASSIS, 2011, p. 28). De acordo com Fusco (2007), capital social se refere à capacidade dos indivíduos em mobilizar recursos escassos pela virtude de pertencimento a redes ou estruturas sociais mais amplas. Tais recursos podem incluir bens econômicos tangíveis como empréstimos livres de juros, ou intangíveis como informações sobre negócios, dicas de empregos, e boa-vontade generalizada. Os próprios recursos não são o capital

social; o conceito se refere antes à habilidade do indivíduo em ter acesso a eles, quando necessário.

As redes sociais ocupam o nível intermediário das análises sobre imigração. Enquanto as macroteorias têm se concentrado nos assuntos mais amplos encontrados no nível estrutural agregado, as microteorias examinam a importância de se mediar coletivos sociais, permitindo a análise dos laços sociais que integram o processo de migração e podem fazer migrantes potenciais tornarem-se reais (GOZA, 2003). Segundo o autor, as redes sociais são dinâmicas e envolvem relações que organizam e direcionam o fluxo de informação. Estudos de vários países estabeleceram a importância das redes para providenciar informações gerais, apoio financeiro para facilitar a mudança, assistência com despesas e acomodação iniciais, assegurar emprego, encontrar habitação, apoio psicológico e a manutenção dos laços com a distante comunidade de origem.

Para Gislene Santos (2005) a migração internacional se dá ancorada nos laços das redes sociais, pelas quais circulam informações e pessoas, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais. “Pertencer à rede social implica oportunizar recursos e informações, o que permite ao migrante amenizar as dificuldades de sua travessia” (SANTOS, 2005, p. 55).

As redes sociais na internet colaboram de forma significativa para criar relações de amizades, mesmo entre desconhecidos, através de grupos de temáticas específicas (comunidades). Assim, as informações circulam com velocidade, atingindo um grande número de pessoas.

As redes sociais emergem em decorrência do próprio desenvolvimento do processo migratório e das conexões que passam a ser estabelecidas entre os locais de destino e origem dos migrantes (ASSIS, 2011). A configuração dessas redes e suas mudanças ao longo do tempo permitem compreender esse movimento relativamente autônomo ao Estado e às forças macroestruturais.

A teoria das redes sociais se distânciava da explicação funcionalista comum que atribui exclusivamente o aumento e a diminuição das flutuações migratórias às variações macroeconômicas do mercado de trabalho da sociedade que recebe o novo imigrante (GOMES, 2003).

Os fluxos migratórios tendem a ser, portanto, fortemente influenciados pelas redes sociais, que contribuem não apenas para fornecer os referenciais do local de destino, como a acomodação inicial do imigrante e sua inserção no mercado de trabalho (SALES, 1999).

De fato, não se pode mais entender a migração simplesmente como o empreendimento aventureiro de um indivíduo, expulso de sua terra e atraído para outra pela esperança de ascensão social: todo o deslocamento migratório, mesmo o de sujeitos aparentemente isolados, compõe uma imensa teia pela qual circulam pessoas, informações, dinheiro, através de redes formais e informais (PÓVOA-NETO, 2005, p. 307).

Dada a complexidade de fatores que envolvem os movimentos migratórios contemporâneos não podemos explicá-los simplesmente pelos fatores de atração e expulsão, comum nas interpretações neoclássicas de migração. Tampouco podemos restringir a explicação aos condicionantes macroestruturais que reduzem a importância das singularidades (SILVA, 2012). Dito isto, entendemos que a teoria das redes sociais é a que está mais próxima de nos guiar para o entendimento do movimento populacional de brasileiros para a Irlanda.

Ainda em tempo, ressaltamos que abordar o tema à luz das redes sociais implica em algumas limitações. Críticos da teoria das redes sociais apontam que ela deixa uma lacuna na interpretação dos fluxos migratórios contemporâneos, pois, comumente, as dimensões territoriais estão ausentes. Além disso, ela não aprofunda nas questões relacionadas à conjuntura econômica do país de destino dos migrantes e desconsidera a dimensão mais política das migrações internacionais. Voltaremos à importância das redes sociais no capítulo 3 do trabalho, quando será analisado nosso estudo de caso, que são os brasileiros na Irlanda.

1.4 Ainda em tempo: considerações pertinentes sobre o estudo das migrações

Antes de adentrarmos no segundo capítulo, faz-se necessário tecermos breves considerações a respeito das denominações utilizadas, em termos temporais e espaciais, nos estudos das migrações.

1.4.1 Definições básicas

As migrações são habitualmente definidas como o deslocamento de seres humanos de um local ou país para outro por um período de tempo significativo, sendo um fenômeno simultaneamente espacial e temporal (KING, 2010).

A fim de auxiliar pesquisas futuras sobre mobilidade populacional, compilamos algumas definições recorrentes nos estudos migratórios. Para tanto, tomamos como base a bibliografia consultada ao longo da dissertação, com destaque para o livro¹² *Sociologia das Migrações*, 1995, da antropóloga e socióloga portuguesa Maria Beatriz Rocha-Trindade. Buscamos uma divisão didática, entretanto, as motivações para efetuar a migração não costumam ter uma única ordem de razões.

Tabela 1 - Definições das principais modalidades de movimentos migratórios

Tipo de MIGRAÇÃO	DEFINIÇÃO
Econômica	É aquela que afeta os países mais pobres ou menos desenvolvidos, as regiões deprimidas economicamente, as classes sociais menos favorecidas.
Política	Se dá quando ocorrem graves desajustes entre um sistema político e seus cidadãos, comumente havendo confrontação física ou ideológica e, até mesmo, risco de perder a vida.
Étnico-cultural	Ocorre, principalmente, quando se dá o reagrupamento de populações forçadas a separar-se. Um exemplo foi quando se deu a constituição da Índia e do Paquistão como Estados independentes, pois houve intensa mobilidade de hindus para o primeiro e os de religião muçulmana para o segundo.
de emergência	Quando a partida não foi previamente planejada, mas alguma situação repentina gerou sua necessidade. Abrange o caso dos refugiados por motivos de invasões e guerras, e também, as vítimas de grandes eventos naturais como tsunamis, erupções vulcânicas, entre outros.
de especialistas	Também conhecida como <i>brain drain</i> ¹³ (fuga de cérebros), resume-se no deslocamento de especialistas para países com maior desenvolvimento econômico e/ou tecnológico.
de aposentadoria	Movimento crescente nos países europeus no qual a população aposentada migra em busca de melhor qualidade de vida, custos mais baixos com moradia, climas mais amenos, entre outros. Por exemplo, a crescente quantidade de aposentados ingleses em Portugal.

Org. Alessandra G. Soares

Fonte: Rocha-Trindade, 1995; Castles e Miller, 2009.

¹² O livro funciona como um manual sobre as migrações.

¹³ Fuga de cérebros (*brain drain*). Desperdício de cérebros (*brain waste*). Circulação de cérebros (*brain circulation*). Ganho de cérebros (*brain gain*).

Observamos a ocorrência de terminologias correlacionadas em termos espaciais, tais como: migrações internas, que são movimentos de população que se realizam dentro das fronteiras de um Estado; migrações internacionais, de um país para outro. E às que abrangem significados temporais, como: de curta e longa duração; sazonais, com duração inferior a um ano e se repetem ciclicamente; temporárias (que serão discutidas ainda neste capítulo), etc. Também é pertinente, conforme Cogo e Badet (2013), diferenciarmos país de nascimento (onde o migrante nasceu) e país de origem (de onde ele migrou, que pode ou não coincidir com o país onde nasceu).

Outra questão comumente colocada nos estudos de movimentos populacionais é quanto ao uso de “migração”, “emigração” e “imigração”. Rocha-Trindade (1995) define emigração como a saída de alguém com ausência de duração significativa, do país que é seu por relação de nacionalidade e por vivência no território que politicamente lhe está adstrito. Emigrar significa, portanto, deixar a pátria ou a terra própria para se refugiar, trabalhar temporariamente ou estabelecer residência em país estrangeiro; os protagonistas desta ação serão designados, sendo seus praticantes os emigrantes. No destino, o emigrante será visto como um imigrante. Portanto, o mesmo indivíduo recebe as duas denominações. Segue a autora:

A diferença de designações, atribuídas afinal aos mesmos indivíduos, correspondem também diferentes estatutos sociais: o emigrante é um nacional ausente, com perda pouco significativa de direitos no país de onde provém e, talvez até, uma certa diminuição dos deveres e obrigações inerentes à sua qualidade de cidadão. Em contrapartida, como imigrante, é um estrangeiro vindo de fora, encontrando uma sociedade que provavelmente desconhece e onde terá de inserir-se, sujeitando-se às leis que a administram (ROCHA-TRINDADE, 1995, p. 31).

Para Hauser (1965), migração é o movimento da população, temporário ou permanente, voluntário ou involuntário, de um determinado espaço físico para outro, podendo ser dentro de um país ou de um país para outro. Sempre implica em mudança de residência. Já a imigração é o termo usado para descrever o processo de entrada em um país que não é o pátrio, enquanto que emigração é o movimento de saída do lugar de residência, dentro de um mesmo país ou para outro país.

Para Sayad (1998) há uma complementaridade dos processos de imigração e de emigração, ressaltando que a imigração é um fato social completo no campo das ciências sociais, sendo, portanto, um deslocamento de indivíduos no espaço físico e qualificado, seja social, econômico, político, cultural, religioso etc. Conforme o autor,

A imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; nisto, encontra-se relacionada, prioritariamente, com as ciências que buscam conhecer a população e o espaço, ou seja, *grosso modo*, a demografia e a geografia [...]. Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente etc. (SAYAD, 1998, p. 15).

Dentro desta linha de raciocínio, Bourdieu (1998) nos revela que “imigração” costuma partir do olhar da sociedade receptora que coloca o problema dos “imigrantes” apenas quando os imigrantes “constituem um problema”, omitindo as questões sobre os motivos que poderiam ter determinado as partidas e sobre a diversidade das condições de origem das trajetórias. O imigrante não é “nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se nesse lugar ‘bastardo’ de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social” (BOURDIEU, 1988, p.11).

O que chamamos de *imigração*, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de *emigração* [duas faces da mesma realidade]. Complementa Sayad:

Sendo o político monopólio exclusivo do nacional – ele é inclusive sua característica distintiva por excelência -, o imigrante, como não-nacional, é dele excluído, e excluído de direito; mas o emigrante que ele também é (e que continua sendo enquanto for designado e nomeado como imigrante) é excluído de fato enquanto é um nacional ausente (ausência da nação) do político (SAYAD, 1998, p. 269).

Sayad (1998) observou que o imigrado não existe para a sociedade que o nomeia como tal até o momento em que ele transpõe as fronteiras. Já o emigrado é, conforme Vainer (1996), gerado no interior do país de origem, antes de emigrar. Sua

construção, pois, antecede, cronológica e logicamente, à construção do imigrado¹⁴. Haesbaert complementa:

Há migrações ditas “econômicas” vinculadas à mobilidade pelo trabalho, migrações provocadas por questões políticas e outras por questões culturais ou ainda “ambientais”. Para completar, categorias como as de refugiado e exilado muitas vezes são confundidas com a de migrante, sendo muitas as situações ambíguas ou de entrelaçamento (HAESBAERT, 2004, p. 246).

Migrante é uma categoria muito complexa. Podemos, de modo geral, dizer que há tantos tipos de migrantes quanto de indivíduos ou grupos sociais envolvidos nos processos migratórios (HAESBAERT, 2004). Por se tratar de um mesmo indivíduo, muitos autores optam por utilizar apenas a denominação migrante e seu movimento é chamado de movimento migratório.

1.4.2 Migração definitiva ou temporária?

A respeito das migrações temporárias, escolhemos iniciar com um fragmento do capítulo “*O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil*”, no qual José de Souza Martins escreve:

Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes [...]; é ser duas pessoas ao mesmo tempo [...]; é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo, sair quando está chegando, voltar quando está indo [...]. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca (MARTINS, 1988, p. 45).

As palavras de Martins nos colocam frente à dificuldade e complexidade das questões relacionadas à temporalidade da permanência. E quando analisamos as

¹⁴ Vainer (1996) se refere à construção social, isto é, sua construção enquanto categoria social – o que inclui tanto elementos de sua existência objetiva quanto elementos simbólicos que remetem às representações e classificações sociais que permitem identificá-lo/reconhecê-lo.

migrações internacionais esta complexidade se acentua, pois nem mesmo os migrantes sabem ao certo se estão no outro país “de passagem” ou se ficarão “para sempre”. Partindo de tal perspectiva, optar por migrar em caráter definitivo é uma decisão que deve ser tomada com cautela. George (1977, p. 34) afirma que “é sempre difícil qualificar uma migração como temporária ou definitiva no momento em que se efetua. As intenções dos migrantes não bastam, porque podem ser modificadas pelas condições que se deparam”.

Na concepção de Zygmunt Bauman, “a decisão de abandonar o lar com o fim de explorar terras estranhas é positivamente mais fácil de tomar pela confortadora percepção de que sempre se pode voltar” (1998, p.116-117).

Ao estudar as migrações temporárias da Argélia para a França Abdelmalek Sayad (1998) verificou que é a sociedade de imigração quem instala no trabalhador imigrante um estatuto de provisoriedade enquanto estrangeiro (de direito, mesmo se não o é sempre, ou, se o é pouco, de fato) e que, assim, nega-lhe todo direito a uma presença reconhecida como permanente, ou seja, que exista de outra forma que não na modalidade de provisório contínuo.

A estadia autorizada ao imigrante argelino na França está inteiramente sujeita ao trabalho. “Foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante”. O autor prossegue: “esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o ‘mercado de trabalho para imigrantes’ lhe atribui e no lugar que lhe é atribuído” (SAYAD, 1998, p. 55).

O autor está preocupado com os movimentos migratórios temporários, sendo esta atribuída, exclusivamente, a relação de disponibilidade de trabalho. “É verdade que a razão essencial da emigração reside na busca de trabalho e que é também o trabalho que pode, sozinho, justificar a presença do imigrante” (SAYAD, 1998, p. 73).

Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele (SAYAD, 1998, p. 55).

Apesar de não abordar o migrante como um indivíduo múltiplo e complexo, característico da pluralidade de fatores que condicionam o movimento migratório, Sayad faz uma grande contribuição para a questão da permanência e da temporalidade dos movimentos migratórios.

As migrações temporárias são recorrentes no mundo todo. A maior parte das migrações internacionais dentro do continente africano é de caráter temporário. No Brasil sempre houve movimentos internos de população vinculados às transformações econômicas, sociais e políticas da sociedade. As migrações temporárias, comumente relacionadas a trabalhos precários como no caso dos migrantes maranhenses no corte da cana em São Paulo¹⁵, são recorrentes e afetam a vida daqueles que partem, assim como a dos que ficam. Nas palavras de Martins¹⁶,

O migrante temporário, ao retornar, já não é o mesmo [...]. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro, procurando ser o mesmo. Já não pode ver o mundo da mesma maneira que via antes. Mais ainda: quanto tempo é necessário para definir a migração temporária (MARTINS, 1988, p. 45-46)

Algumas páginas depois, Martins (1988, p. 49-50, grifos do autor) responde sua própria pergunta:

É temporário, na verdade, aquele migrante que se considera a si mesmo 'fora de casa', 'fora do lugar', *ausente*, mesmo quando, em termos demográficos, tenha migrado definitivamente. É aquele que se considera fora do *seu* lugar, fora de 'suas' relações sociais, e que, no limite, não se considera dentro mesmo quando está. [...] É sempre o que *vai voltar a ser* e não o que *é*. A demora desse reencontro define a migração temporária.

¹⁵ Trabalho de SILVA, A. E. R. da. "Territorialidades e redes da migração maranhense para o trabalho nos canaviais paulistas".

¹⁶ Martins classifica os movimentos migratórios como sendo cíclicos e não-cíclicos ao escrever sobre os migrantes temporários brasileiros, nas décadas de 1970 e 1980. Ele aborda os deslocamentos de grupos indígenas e de trabalhadores rurais das Regiões Nordeste e Sudeste (Vale do Jequitinhonha - MG) ao longo do território nacional em busca de trabalho, seja no campo ou na cidade: "A partir do momento em que se tornam migrantes temporários, a produção real da família camponesa é a força de trabalho barata que vai alimentar a produção e reprodução do capital nas fazendas de café, de cana, na construção civil, na indústria". O autor classifica estes movimentos migratórios como sendo cíclicos e não cíclicos (MARTINS, 1988, p. 57-58).

Quanto ao nosso estudo de caso a questão da temporalidade, abordaremos no capítulo 3, no subcapítulo: “*De passagem ou para ficar? Redefinição da expectativa temporal e a importância das redes sociais*”, quando discutiremos as especificidades da migração brasileira na Irlanda. Todavia, já adiantamos que este é um tema delicado por envolver migrantes de primeira geração, dada a recência do fenômeno.

Diante do exposto, cabe informar que antes de chegarmos ao estudo de caso da pesquisa, precisamos contextualizar as migrações em ambos os países, além de realizar um esforço analítico quanto à influência do período atual da globalização nos movimentos migratórios internacionais contemporâneos. Esses serão os assuntos abordados no próximo capítulo.

2 MOBILIDADE TERRITORIAL INTERNACIONAL

“Meu Deus! Eu poderia estar confinado numa casca de noz e considerar-me rei do espaço infinito”.

Shakespeare (1603, p. 181)

As migrações internacionais possuem significativa importância no mundo contemporâneo globalizado. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) em 2013 havia 232 milhões de pessoas vivendo fora de seu país de nascimento, e, cerca de 800 milhões de indivíduos que se deslocaram no interior do próprio país. Em 1990 eram 120 milhões (OIM, 2014). O registro quantitativo do crescimento das migrações internacionais nessas últimas décadas é apenas uma dimensão de um fenômeno para o qual concorrem diferentes fatores de ordem qualitativa, com mais grupos étnicos e culturais envolvidos, e que contribuem para atribuir maior complexidade aos fenômenos migratórios (COGO; BADET, 2013).

As taxas de emigração para países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico¹ (OCDE) – em inglês (OECD) –, são mais elevadas do que nunca, especialmente para a América Latina e Caribe. Quase 6% de todas as pessoas nascidas na América Latina e no Caribe viviam nos países da OCDE em 2011 (OECD, 2013).

Cerca de metade de todos os migrantes internacionais residem em dez países. Dados da OECD e UNDESA (2013) revelam que em 2013 os Estados Unidos da América hospedava o maior número de migrantes internacionais (45,8 milhões ou 20% do total mundial), seguidos pela Federação Russa (11 milhões), Alemanha (9,8 milhões), Arábia Saudita (9,1 milhões), os Emirados Árabes Unidos e o Reino Unido (7,8 milhões de cada), França (7,5 milhões), Canadá (7,3 milhões), Austrália e Espanha (6,5 milhões cada).

Diante do que foi exposto até aqui é possível perceber a expressividade dos deslocamentos internacionais. Em concordância com a assertiva de Castle e Miller: “migrações internacionais – em todas suas formas – devem ser vistas como parte integrante do desenvolvimento do mundo contemporâneo” (2009, p. 47),

¹ A maioria dos membros da OCDE são economias com um elevado PIB per capita e Índice de Desenvolvimento Humano e são considerados países desenvolvidos.

buscaremos compreender a importância do estágio atual do processo de globalização na configuração destes movimentos. Na sequência, iremos discutir as migrações na Irlanda e no Brasil.

2.1 Globalização, território e consumo

Os migrantes contemporâneos, diferentemente dos imigrantes do início do século XX, contam com um sistema de comunicações e transporte mais barato e eficiente, o que diminuiu as distâncias e tornou mais frequentes os contatos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino (ASSIS, 2011), ampliando a constituição das redes. Esse encolhimento do mundo, a atual compressão espaço-tempo conforme Harvey (2012), proporcionada pelo meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2004a) modifica e cria tecnologias e práticas contemporâneas atreladas às comunicações e aos transportes, intensificando as mobilidades e alterando o nosso modo de vida. Simultaneamente, reforça antigas e recria novas geometrias do poder, através de quadros altamente complexos e extremamente variados de diferenciação social (OLIVEIRA, 2013).

As migrações contemporâneas estão intrinsecamente vinculadas à globalização, que além de integrar os mercados econômico-financeiros mundiais, possibilita padronizar sistemas de produção, transporte, comunicação e informática, com base na alta tecnologia, viabilizando o movimento de valores financeiros, mercadorias, informações, imagens e os fluxos de pessoas em escala planetária (KAWAMURA, 1999). Embora as migrações transfronteiriças já existissem muito antes da atual fase da globalização (SASSEN, 2010), ela é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista.

No fim do século XX os avanços da ciência viabilizaram a produção de um sistema técnico de presença planetária (SANTOS, 2004c). A globalização atual é um processo de mudança que combina um número cada vez maior de atividades através das fronteiras e tecnologia da informação, permitindo a comunicação praticamente instantânea com o mundo (KANTER, 1996). Entretanto, não é o mundo todo que se moderniza. Essa modernização, assim como todos os processos sociais, desenvolve-se desigualmente no tempo e no espaço e, desse modo,

inscreve geografias históricas bem diferentes nas diferentes formações sociais regionais (SOJA, 1993).

Diante do exposto, Santos (2004) sinaliza que os espaços da globalização apresentam cargas diferentes de conteúdo técnico, de conteúdo informacional, de conteúdo comunicacional e se definem, pois, pela presença conjunta indissociável, de uma tecnosfera e de uma psicosfera, funcionando de modo unitário. A tecnosfera é o mundo dos objetos, a psicosfera é a da ação. Em relação às redes técnicas, considerar assim toda infraestrutura que permite o transporte de matéria, de energia, ou de informação implantada no território, permitindo o acesso e a circulação.

Consideramos a globalização como a atual fase de expansão do capitalismo com impactos na economia, na política, na cultura e no espaço: é a atual fase da mundialização capitalista: o capitalismo em seu atual período técnico-científico. A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista (SANTOS, 2000, p.23).

A globalização homogeneiza, ao mesmo tempo em que regionaliza, produzindo contradições globais e regionais. As disparidades regionais relacionadas às oportunidades de trabalho e renda, segundo Harvey (2012), são resultado da acumulação flexível. Trata-se de um fenômeno ligado à dinâmica recente do capitalismo caracterizada pela globalização da produção, pela flexibilidade dos processos e dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo. A globalização, enquanto reorganização geográfica do capitalismo, constitui um dos termos mais hegemônicos para compreender a economia política do capitalismo internacional. Seus usos vão além do mundo dos negócios, abarcando questões de política, de cultura e de identidade nacional.

Ortega e López (1997) observam a globalização como desenvolvimento de interconexões crescentes entre as unidades nacionais do mundo, corresponde a um processo de reestruturação do sistema de acumulação e reprodução dos centros capitalistas mundiais.

Para Lieven e Sauer, a chamada “terceira revolução industrial”, iniciada na década de 1970, modificou rapidamente o panorama geográfico, econômico, social, político e cultural do mundo.

“Alicerçada na necessidade de rearranjo no processo de acumulação de capital, a globalização reúne um conjunto de fenômenos econômicos, políticos e culturais que atravessam as fronteiras das nações e diferenças históricas dos povos. A globalização, portanto, transcende um fenômeno meramente econômico” (LIEVEN; SAUER, 1998, p. 283).

O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquiriu outro impulso, com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e mundialização dos mercados, ultrapassando fronteiras geográficas, históricas e culturais, multiplicando-se assim as suas formas de articulação e contradição (IANNI, 1996).

Para Furtado (2001) globalização trouxe consigo efeitos negativos. “Não podemos ignorar que vivemos uma fase de concentração de poder, que favorece as grandes empresas. A globalização tem consequências negativas marcantes, das quais destaco a crescente vulnerabilidade externa e a agravação da exclusão social” (FURTADO, 2001, p. 74).

Conforme argumentado por Kawamura (1999), o desenvolvimento das novas tecnologias permitiu mudanças profundas nos processos de produção e intensa integração mundial do capitalismo; um exemplo disso é a informática, que possibilitou não só a simultaneidade das ações, mas também a integração dos espaços, tanto material quanto simbolicamente. Castells já esperava por esta integração quando escreveu “*A era da informação: economia, sociedade e cultura*”. Segundo ele, “o século XXI será marcado pela conclusão da *Infovia* global, pela telecomunicação móvel e pela capacidade da informática, descentralizando e difundindo o poder da informação” (CASTELLS, 2002, p. 430). Já Santos afirma que, “a instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e cria entre os lugares e acontecimentos uma relação unitária à escala do mundo” (2004a, p. 203).

Os novos processos de mobilidade de populações das últimas décadas só podem ser compreendidos se observarmos o desenvolvimento do capitalismo

mundial e o atual estágio da globalização, que tem de ser observada a partir de dois processos paralelos, que Santos (2001, p. 55) elucida:

De um lado, dá-se a produção de uma materialidade, ou seja, das condições materiais que nos cercam e que são a base da produção econômica, dos transportes e das comunicações. De outro há a produção de novas relações sociais entre países, classes e pessoas.

As migrações no mundo globalizado se fazem, fundamentalmente, mas não exclusivamente, no sentido sul-norte, ou países em desenvolvimento para países desenvolvidos. Os países ou áreas mais densas de capital, o que pressupõe técnica, ciência e informação seriam, hoje, considerados espaços luminosos ou atrativos para os migrantes. Espaços nos quais, em essência, a vida moderna tem condições de ser projetada ou ser realizada. “Chamaremos de espaços luminosos aqueles que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, ficando assim mais aptos a atrair atividades com maior conteúdo de capital, tecnologia e organização” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 264).

Esse deslocamento para um país de nível mais elevado de desenvolvimento humano potencializaram as restrições à entrada e mesmo à permanência de imigrantes. Todavia, esta dinâmica vem mostrando algumas alterações, principalmente relacionadas ao crescimento na entrada de migrantes nos países que compõem o BRICS² - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

De acordo com Haesbaert (2004) podemos afirmar que é intrínseco à reprodução do capital este alimentar constante do movimento, seja pelos processos de acumulação, com a aceleração do ciclo produtivo pela transformação técnica e paralela reinvenção do consumo, seja pela dimensão de exclusão que joga uma massa enorme de pessoas em circuitos de mobilidade compulsória na luta pela sobrevivência cotidiana.

[...] Não se pode dizer que a globalização seja semelhante às ondas anteriores, nem mesmo uma continuação do que havia antes, exatamente porque as condições de sua realização mudaram

² BRIC é um acrônimo cunhado por Jim O'Neill e se refere a quatro países considerados emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China. Posteriormente, foi acrescentado o 'S' para South Africa (África do Sul), formando o que conhecemos como BRICS.

radicalmente. É somente agora que a humanidade está podendo contar com essa nova qualidade da técnica, providenciada pelo que se está chamando de técnica informacional. Chegando a um outro século e o homem, por meio dos avanços da ciência, produz um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação. Estas passam a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando a presença planetária desse novo sistema técnico (SANTOS, 2004, p. 141-142).

O mundo hoje é marcado por processos de globalização, onde quem comanda são as redes construídas pelas grandes corporações financeiras e do comércio transnacional. Entretanto, elas não têm pleno controle sobre a organização do espaço planetário. Existem também as redes de solidariedade atuando no deslocamento populacional. Enquanto que as redes funcionais estão voltadas para a eficácia do sistema econômico capitalista, as de solidariedade encontram-se em sintonia com as territorialidades mais alternativas ao sistema dominante (HAESBAERT, 2006). Redes territoriais e redes de relações sociais se inter cruzam em vias práticas cotidianas que marcam o processo migratório. Em conformidade com Silva (2012, p. 177) “não é possível conceber territorialidades conformadas por bases técnicas, de forma isolada das territorialidades construídas a partir do processo migratório, até porque uma se apoia sobre a outra”.

Para Massey e Jess (1995), a migração é o processo de globalização no qual as pessoas estão espalhadas - movimentadas e misturadas - em todo o mundo. A atual intensificação da era da globalização é caracterizada não pela eliminação completa da importância do lugar, mas por uma tensão permanente entre o global e o local. "Lugares" continuam importantes, tanto para o capital que explora as diferentes características do lugar, quanto para as pessoas, porque é de onde vem os nossos sentidos de pertencimento, identificação, noções geográficas. Nós frequentemente identificamos o lugar como parte do nosso próprio sentido pessoal de identidade. É no lugar que as redes de solidariedade vão se desenvolver, gerar apropriação e permitir a constituição de territórios.

Para Haesbaert (2004), o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. Numa perspectiva geográfica, a territorialização é vista como o processo de domínio

(político-econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos. Para Santos,

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencimento àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi (SANTOS, 2004c, p. 96).

O território “é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugado e mutuamente reforçado, ora desconectado e contraditoriamente articulado” (HAESBAERT , 2006, p. 120). Nesse movimento, a territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais. Segundo Claude Raffestin (1993, p.158), ela

reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial, por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas.

A territorialidade é sempre construída socialmente. O espaço social é fruto da transformação e apropriação da natureza, ao passo que um lugar é um espaço dotado de significado, um espaço vivido (SOUZA, 2013). O uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social, afinal, “o território mostra todos os movimentos da sociedade” (SANTOS, 2000, p. 52).

Partimos do fato de que o território comporta a coexistência de redes técnicas (empresas, transportes, informações) e redes sociais (migrantes, familiares, amigos). As redes estão dentro do território, sendo elementos constituintes do mesmo. É nele que se constituem as formas geográficas materiais (com diferentes densidades técnicas, informacionais e comunicacionais), e é onde ocorrem as práticas sociais individuais ou de grupo. “Por conter atributos espaciais e simbólicos é que se pode articular a rede ao território. As mensagens, informações, pessoas, que circulam através das redes, não dispensam uma base territorial” (SANTOS, 2005, p. 59).

Podemos dizer que no mundo moderno o movimento é um pressuposto para a eficiência do sistema capitalista. Quanto mais o território ou o espaço estiver apto para o movimento, mais apto ele estará para participar do mundo globalizado (FERREIRA, 2007). Na globalização, a possibilidade de movimento é maior, porém apenas uma parcela da população tem reais possibilidades de se por em constante movimento. Tornar-se “cidadão do mundo” é para os poucos que podem circular livremente. De acordo com Assis (2011, p. 299-300):

A migração internacional talvez seja uma das facetas mais complexas do mundo globalizado: um mundo onde circula o capital, através de mercados transnacionais, onde circula a informação pela internet e pela TV a cabo, circulam também migrantes, viajantes, turistas e empresários. Nesse mundo de intensa movimentação, no entanto, os trabalhadores imigrantes são os que mais têm dificuldade de circular. A migração contemporânea tem colocado questões significativas para a cidadania em um mundo que aparentemente aboliu as fronteiras nacionais, mas onde nunca foi tão difícil cruzar a fronteira.

Na década de 1970 um novo paradigma tecnológico, organizado com base na tecnologia da informação, foi constituído. As novas tecnologias da informação criadas integraram o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gerou uma gama enorme de comunidades virtuais. Em fins da década de 1990, o poder de comunicação da Internet, juntamente com os novos progressos em telecomunicações e computação, provocaram mais uma grande mudança tecnológica (CASTELLS, 2007).

As migrações assumem uma nova dinâmica, possibilitada pelo desenvolvimento tecnológico. O papel crescente das tecnologias informacionais para as migrações internacionais contemporâneas se destacam. O aumento do número de brasileiros que se deslocam em direção à Europa, por exemplo, foi reforçado pelo desenvolvimento de tecnologias aéreas, além da diminuição dos preços de passagens (SOARES, 2010).

As mudanças na economia mundial observadas após o processo de reestruturação produtiva e as transformações no mercado de trabalho, tendem a polarizar o trabalho em ocupações para aqueles altamente qualificados e os indivíduos de baixa qualificação. Essa polarização também reflete uma dualidade emergente entre um mercado de trabalho primário - profissionais bem-pagos,

empregos seguros e com benefícios -, e um segundo mercado de trabalho mal remunerado, com trabalho em tempo parcial e muitas vezes inseguro. Os processos de migração são afetados nesse sentido, de modo que o perfil de competências dos migrantes internacionais de hoje tende a refletir a polaridade entre profissionais altamente treinados, cientistas e técnicos de um lado, e os de baixa qualificação de outro (KING, 1995).

As populações globais também têm passado por mudanças. Os índices de mobilidade internacional são reveladores deste processo. Conforme Harvey (2009), parece impossível conter as vagas dos fluxos migratórios. As fronteiras nacionais, apesar de mais porosas ao capital, ainda têm suficiente porosidade as pessoas e ao trabalho. A imigração é uma questão relevante em todo mundo e pode ser produzida por inúmeros motivos.

Há uma multiplicidade de fatores que condicionam as migrações. Elas não ocorrem apenas pelas dificuldades encontradas no país de origem. São também motivadas pelo desejo por melhores oportunidades e diferentes estilos de vida em outro lugar. Não é só o pobre que muda: os movimentos entre os países ricos também estão aumentando. O desenvolvimento econômico dos países pobres também leva ao incremento da mobilidade internacional, pois as pessoas passam a ter os recursos financeiros necessários para este empreendimento (CASTLES; MILLER, 2009).

As pessoas têm ideias construídas sobre o mundo. Embora sejam passíveis de mudança, elas formam o quadro de valores e julgamentos morais, aquilo que é certo ou errado fazer, bom ou ruim, bonito ou feio, justo ou injusto, melhor ou pior. Esses valores morais conduzem nossas ações para além da mera sobrevivência, em busca daquilo que aspiramos como sendo bom ou melhor para nós (TUAN, 1989). Com base na nossa percepção de mundo e valores, buscamos transformar a realidade, o que pode resultar na efetivação de uma mobilidade territorial.

É crescente na atualidade o movimento migratório de pessoas que, nas palavras de Paul Claval, “são fascinadas pelos níveis de vida dos países desenvolvidos, pelas oportunidades de trabalho das grandes cidades e pela qualidade dos serviços que são frequentemente oferecidos de forma gratuita a todos” (2007, p. 408).

Os indivíduos assistem cada vez mais sua condição de cidadãos serem resumidas à condição de consumidores. Subordinados aos ditames do mercado, a cidadania só é concebida e reconhecida por aqueles que se encontram inseridos nos circuitos da produção e do consumo. Muitos migrantes brasileiros partem em busca dessa inclusão no universo do consumo. Uma inclusão que é desigual, subordinada, mas que, de acordo com os migrantes, é compensada pelos bens que adquirem no exterior (ASSIS, 2011).

Os desejos são induzidos nos indivíduos de modo que o consumo abundante, constantemente dito e mostrado, torna-se a marca do sucesso. “Eles também aprendem que possuir e consumir determinados objetos, e adotar certos estilos de vida, é a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana” (BAUMAN, 1998, p. 55-56).

Observamos em nossa pesquisa que para muitos dos brasileiros que estão na Irlanda, poder estudar em outro país é parte da realização de um desejo, que foi socialmente criado e que é socialmente compartilhado. Adentraremos nesta questão no terceiro capítulo.

2.2 Seletividade e fluidez da mobilidade

O período atual abrange uma fase onde os capitais, as tecnologias, os bens e as informações circulam mais livremente que as pessoas. Embora as bases técnicas hoje disponíveis permitam viver e agir simultaneamente em lugares distintos de modo instantâneo e independente das distâncias, na prática, quando se trata de movimentos migratórios internacionais, a cada dia há um controle maior das fronteiras, principalmente nos países desenvolvidos. O fluxo migratório internacional se intensificou no século XX e emergiram austeras restrições normativas quanto às políticas migratórias internacionais. Em muitos países discute-se o impacto das imigrações na economia resultando em leis xenofóbicas e forçando mudanças nas políticas imigratórias.

O estágio atual da globalização exige que a circulação do capital se dê em escala global. A circulação das pessoas, apesar das barreiras impostas para parte delas, tende a seguir a mesma característica. Todavia, a fronteira que se quer tão

flexível para fazer circular o capital tem sido extremamente seletiva quando se trata da população.

É importante compreender que as migrações não ocorrem de forma homogênea por todo o globo. Conforme Hauser (1965) a população do mundo é desigualmente distribuída sobre a superfície do globo. Cerca de dois terços das pessoas que vivem na Terra fazem-no em cerca de sete por cento de sua área. Logo, as migrações também acontecem em lugares selecionados. Há um propósito na escolha do destino de uma pessoa que migra.

Desde o início dos anos 1980, a liberalização econômica tem facilitado a circulação de mercadorias, de capitais (especialmente financeiros) e de empresas. Sob estas circunstâncias, não é de estranhar a crescente circulação de pessoas. No entanto, esta não se deu sob o âmbito dos processos de desregulamentação, mas, ao contrário, enfrentando as regulamentações existentes (MORALES, 2009, p. 43).

Para Oliveira (2006) uma característica dos tempos atuais é que são criadas grandes facilidades para a globalização dos mercados e grandes dificuldades para a circulação de pessoas, principalmente para aquelas que não são ricas ou bem-educadas. Um dos paradoxos da globalização econômica, nas palavras de King, é que “o capital é livre para percorrer o mundo e o trabalho não é” (1995, p. 25).

De acordo com Lieven e Sauer (1998, p. 287): “vivemos num mundo que rompe qualquer fronteira e permite uma mobilidade interplanetária. A mobilidade é parte da identidade da pessoa moderna, pois as distâncias deixaram de ser obstáculos físicos para os deslocamentos”. Esta afirmação não é verdadeira, pois ela não dá conta de explicar a seletividade das migrações e o conjunto de regras e normas jurídicas construídas com a finalidade de impedir, de constranger, o movimento de determinados grupos.

A economia está cada vez mais global, mas, para os indivíduos, as fronteiras estão a cada dia mais delimitadas. O deslocamento de “pessoas sobrantes” para países centrais do capitalismo provoca reações autoritárias e segregadoras do território, que são materializadas pelo fortalecimento dos controles fronteiriços e pela proliferação de atitudes discriminatórias, xenófobas e neonacionalistas (HAESBAERT, 2004). “Se, por um lado são criados mecanismos e condições materiais para potencializar as mobilidades, não podemos desconsiderar que, de

outro, se estabelecem barreiras visando à contenção de fluxo” (OLIVEIRA, 2013, p. 257). Em muitos casos a crise de governabilidade é atribuída ao migrante que acaba tendo sua condição ainda mais fragilizada, principalmente ao deparar-se com legislações que tornam mais duras as restrições territoriais de ingresso, circulação e permanência (HAESBAERT, 2004).

Há uma clara abertura de facilidades aos migrantes considerados qualificados profissionalmente, processo que atrai muitos profissionais ocasionando a chamada fuga de cérebros. “Estamos assistindo à formação de um mercado de trabalho transnacional cada vez mais complexo e flexível para profissionais de alto nível em serviços corporativos avançados” (SASSEN, 2010, p. 124). Já os pobres latino-americanos (PATARRA 2006), circulam de maneira geral na América Latina, enquanto que a classe média movimenta-se muito mais em direção ao primeiro mundo. “Com a globalização, passam a aumentar os mecanismos protecionistas sociais vinculados à identidade das nações, sendo cada vez mais adverso ao migrante internacional sua entrada no mercado de trabalho dos países ‘ricos’” (BECKER, 1997, p. 360). Isto se aplica em alguns países, exceto aos migrantes selecionados como nos casos de fuga de cérebro.

Os fluxos não tem a mesma rapidez, a mesma velocidade. Para Santos (2013), os homens não percorrem as mesmas distâncias no mesmo tempo, serão mais rápidos, mais “globais”, àqueles que dispõem de mais recursos. Os pobres e os miseráveis quando não estão presos ao lugar, efetivam na maioria das vezes uma migração regional (PATARRA, 2006).

A própria unificação europeia mostra-se como um processo de duas faces, pois ao mesmo tempo em que os cidadãos dos estados membros transitam livremente pela Europa, suas fronteiras externas estão cada vez mais fechadas. Segundo Santos (2001), as fronteiras deixam de ser rígidas e passam a ser porosas para o dinheiro e para a informação ficando os indivíduos muitas vezes à margem do processo.

Do ponto de vista da chamada “globalização”, pode-se afirmar que a internacionalização da economia e o consequente enfraquecimento das fronteiras nacionais agiram como um estímulo às correntes migratórias, acarretando, em contrapartida, nos países de destino, comportamentos restritivos à presença dos migrantes, seja por meio de manifestações ostensivas de racismo e xenofobia, seja pela

adoção ou reforço de legislação restritiva à presença de estrangeiros (BÓGUS, 1996, p. 111).

Dois elementos podem ser considerados característicos dos novos movimentos migratórios internacionais: o primeiro é a tentativa dos Estados em regular, através de leis de segurança, quem pode ou não adentrar suas fronteiras; o segundo é o transnacionalismo dos movimentos contemporâneos, que nas palavras de Castles e Miller (2009, p. 3):

Como as migrações tornam-se mais fáceis e as pessoas tornaram-se mais móveis, muitas delas têm relações importantes e duráveis de natureza política, econômica, social ou cultural em duas ou mais sociedades ao mesmo tempo.

É recorrente a fala de que a mobilidade tornou-se muito mais fácil, como resultado de mudanças políticas e culturais recentes, e com o desenvolvimento dos transportes e das novas tecnologias comunicacionais. A migração internacional, por sua vez, é uma dinâmica central na globalização (CASTLES; MILLER, 2009). Santos (2004c, p. 29) nos apresenta um questionamento acerca desta temática: “Se a técnica cria aparentemente para todos a possibilidade da fluidez, quem, todavia, é fluido realmente?”

Valeremos-nos do pensamento de King para responder esta questão. Para King (2010) certos grupos de pessoas (os mais abastados, os ‘ocidentais’ ou os indivíduos pertencentes a determinados grupos étnicos) são livres para migrarem para onde entenderem, enquanto outros não possuem esse direito (os mais pobres, menos instruídos, de países em desenvolvimento etc.).

Haesbaert discorda desta ideia de que alguns grupos têm o privilégio de poderem se deslocar para onde queiram. Argumenta o autor:

A elite dos grandes *businessmen* que aparentemente circulam livremente pelos quatro cantos do planeta [possui uma] mobilidade que não é de forma alguma irrestrita, seja porque isto simplesmente não lhes interessa, atrelados que estão a determinados espaços de familiaridade e segurança, seja porque lhes está efetivamente vedada, com muitos espaços nos quais a acessibilidade não lhes está de modo algum assegurada (HAESBAERT, 2004, p. 253).

Tal como sucede com as outras formas de capital, a distribuição do capital de mobilidade é extremamente desigual. A dotação em termos desse tipo de capital depende de se ser rico ou pobre, da parte do mundo onde se nasceu e, conseqüentemente, dos '*privilégios de mobilidade*' que se possui (KING, 2010). Conforme o autor,

É bastante irônico que, neste mundo supostamente globalizado e caracterizado pela liberdade de movimento (de bens, capitais, ideias etc.), um dos fatores de produção mais fundamentais – a mão de obra, as pessoas – seja sujeito a regimes draconianos de controle de movimentos (KING, 2010, p. 41).

Complementando o que foi exposto, Oliveira (2006) caracteriza os tempos atuais pela ocorrência de grandes facilidades para a globalização dos mercados e dificuldades para os humanos, principalmente se não são ricos ou bem-educados. A circulação de pessoas é seletiva. Não são todos os indivíduos que detêm da mesma possibilidade a fluidez. “O mundo se torna fluido, graças à informação, mas também ao dinheiro. Todos os contextos se intrometem e se superpõem, corporificando um contexto global, no qual as fronteiras se tornam porosas para o dinheiro e para a informação” (SANTOS, 2004c, p. 66). Segue o autor:

Hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas da informação, e de uma fluidez efetiva, realizada quando essa fluidez potencial é utilizada no exercício da ação, pelas empresas e instituições hegemônicas. A fluidez potencial aparece no imaginário e na ideologia como se fosse um bem comum, uma fluidez para todos, quando, na verdade, apenas alguns agentes têm a possibilidade de utilizá-la, tornando-se, desse modo, os detentores efetivos da velocidade (SANTOS, 2004c, p. 83).

Essa discussão sobre a técnica ganha relevo em virtude do barateamento dos deslocamentos internacionais e das facilidades de comunicação. As viagens contemporâneas tornaram-se mais rápidas e mais baratas – parece que o mundo ficou menor (HARVEY, 2012) com a melhoria dos transportes e da comunicação. O autor se reporta a uma “compressão tempo-espço” para se referir a um encolhimento do espaço pelo tempo (ou pela velocidade). A compressão do tempo-espço se dá por inovações tecnológicas crescentes que “encolhem” o mundo. Por

exemplo, o desenvolvimento de novos sistemas de transporte e comunicação ao longo da história do capitalismo revolucionaram nossas experiências espaço-temporais. Para Milton Santos “a aceleração contemporânea impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos” (SANTOS, 2013, p. 28). Todavia, esta “aceleração” não se dá da mesma forma para todos.

Em realidade, é mínima a parcela de pessoas que, mesmo nos países mais ricos, se beneficiam plenamente dos novos meios de circulação. Mesmo para esses indivíduos privilegiados, não se trata da supressão do espaço: o que se dá é um novo comando da distância. E o espaço não é definido exclusivamente por essa dimensão (SANTOS, 2004a, p. 202).

A mobilidade internacional é facilitada pelos avanços tecnológicos de transporte e a redução dos custos. Mas precisamos considerar que as possibilidades econômicas estão desigualmente distribuídas no espaço. Além disso, facilidades técnicas estão bem longe de ser equivalentes ao rompimento de fronteiras, principalmente no que tange à circulação de pessoas. O controle à acessibilidade tem aumentado nos países que são potências econômicas do mundo.

As redes técnicas permitiram a diminuição da relação espaço-tempo aproximando espaços antes distantes. As distâncias se contraem e se anulam pelo fato da instantaneidade das transmissões. Tais técnicas também não se encontram difundidas de maneira homogênea. Sua difusão se dá seletivamente, portanto, de maneira dependente de interesses e vontades políticas (DIAS, 2005).

Enquanto fruto de decisões políticas o conteúdo técnico do espaço expressa que a globalização afeta diferentemente os diversos grupos sociais nos territórios. Essas diferenças, que muitas vezes resultam em desigualdades, são elementos importantes na compreensão dos fluxos migratórios internacionais contemporâneos.

As condições nas quais se efetuam as migrações mudaram: a evolução e a constituição de uma sociedade em redes, assim como a evolução dos transportes, aumentam o volume e os movimentos dos deslocamentos (CASTELLS, 2001).

Diante desses processos estudados, a necessidade de mergulhar na história para compreender melhor o movimento das migrações torna-se um imperativo. Na próxima seção trabalharemos a história das migrações.

2.3 Movimentos migratórios na história da Irlanda e do Brasil

Os deslocamentos populacionais estão remodelando as sociedades e as políticas ao redor do globo. A velha dicotomia entre países de emigração e países de imigração está sendo erodida. A maioria dos países vivenciam ambos, simultaneamente. Podemos incluir o Brasil deste início do século XXI nesta situação.

A migração, mesmo a internacional de longa distância, não é um fenômeno novo. As migrações têm sido parte da história humana desde os primeiros tempos. Os movimentos migratórios das épocas pré-modernas sempre estiveram ligados aos condicionantes naturais, tais como: catástrofes, alterações climáticas marcadas (eras glaciais, glaciação e desertificação) etc. O surgimento da agricultura e a domesticação de animais permitiram ao homem maior autonomia na circulação espacial.

Civilizações como a romana, egípcia e árabe, conduziram mobilidades forçadas, nas quais pessoas foram capturadas e obrigadas a trabalhar. A partir de 1500 a expansão da Europa para o Novo Mundo transplantou cerca de dois milhões de europeus e seis milhões de escravos africanos, principalmente para América. A escala da “migração” de escravos no Atlântico foi maior do que qualquer outra migração de longa distância, voluntária ou involuntária, até o início do século XIX (KING, 1995).

A questão acima merece um parêntese: nunca existiram “migrações de escravos”. Apoiamo-nos em Vainer (2007), segundo o qual o escravo não é um migrante, é um escravo, é propriedade de outrem. A condição de escravo não dá ao indivíduo a possibilidade de decidir migrar. Ele é transferido alheio à sua vontade. Consideramos movimentos migratórios aqueles que não resultaram de coerção direta, como no caso de escravidão, mas sim, os movimentos realizados por vontade dos sujeitos implicados no processo.

Não estamos desconsiderando as situações nas quais os migrantes são praticamente obrigados a migrar, como por exemplo, por motivos de guerra ou de extrema pobreza. Mas mesmo nos casos mencionados, a decisão final ainda cabe

ao indivíduo. Esta liberdade de decidir é o que diferencia os migrantes das transferências autoritárias de populações.

Agora voltemos para o recorte histórico da realidade analisada. Do século XVI até o século XIX a formação do capitalismo na Europa sempre foi acompanhada por uma forte migração interna nos diversos países. Já no final do século XVIII e em todo século XIX existiam movimentos migratórios ultrapassando as fronteiras nacionais. Na época, principalmente da Europa para a América do Norte e do Sul como também para a Austrália (KURZ, 2005).

Depois da segunda metade do século XIX o volume de migração internacional aumentou de forma significativa e os europeus passaram a dominar a migração intercontinental em números antes nunca vistos. Em 1850 a Lei de Terras é criada no Brasil, mesmo período em que observamos o incremento de migrantes europeus no país, num fluxo que permanecerá intenso até 1930, conforme veremos adiante.

Até o século XIX a Europa exportou seus excedentes demográficos para as Américas. Este processo só diminuiu após a Segunda Guerra Mundial, quando a Europa Ocidental enfrentou um período de reconstrução vivenciando um forte incremento de imigrantes em seu território.

Brasil e Irlanda são exemplos de países que foram fortemente marcados pelas migrações transatlânticas. O primeiro, pela entrada de populações; o segundo pela saída, conforme veremos.

2.3.1 Irlanda e as migrações

A economia da Irlanda se mostrou um bom atrativo para migrantes internacionais entre o final do século XX e a primeira década do século XXI, com um crescimento médio de 6% durante o período de 1997-2007, tornando-se o país desenvolvido com maior crescimento do PIB no período avaliado. Isso ajudou a reverter o quadro de saída de migrantes que dominava até cerca de 20 anos. Ao contrário da conjuntura de imigração que se verificou na última década,

historicamente a Irlanda sofreu com momentos em que se acentuaram fluxos de saída de população. Isso se deu fortemente ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Naquele período, a relação de dominação por parte da Inglaterra trazia severas consequências para o povo irlandês, tais como: exploração econômica, perseguição religiosa, expropriação de terras, confinamento, proibição de trabalhar legalmente, entre outras, gerando uma legião de miseráveis. Além do domínio inglês, a Irlanda sofreu com crises na agricultura, sendo que a mais famosa foi a Crise da Batata, entre 1845/1846.

Dos irlandeses famintos que deixaram seu país durante a fome de 1845, 6% morreram no mar; contando-se os que morreram logo após a chegada ao destino, uma em cinco dessas infelizes criaturas deixou de construir um lar no continente que os estava acolhendo (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 196).

Em 1845 a praga que atacou as batatas, que era o alimento principal da população, causou fome e 750.000 óbitos. Os sobreviventes precipitaram-se para os portos à procura de algum barco que os levasse para outro lugar (BEAUJEU-GARNIER, 1980). Assim teve início a grande diáspora³ irlandesa. O movimento migratório irlandês, que se originou por causas puramente econômicas, ganhou dimensões psicológicas após o restabelecimento econômico. Conforme a autora, depois de seu começo, resultante das trágicas circunscritas à ilha, a emigração irlandesa “não cessou ao ser restabelecido um equilíbrio econômico mais estável; pelo contrário: continuou com maior ou menor intensidade até os dias atuais” (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 246).

Em 1880 dois terços dos irlandeses nascidos na Irlanda viviam fora do país. Entre os anos de 1820 e 1910 aproximadamente cinco milhões de irlandeses deixaram a Irlanda. Segundo Beaujeu-Garnier (1980), durante os últimos 100 anos⁴, seis milhões de irlandeses deixaram o país; mas existem agora 16 milhões de irlandeses espalhados fora de sua ilha natal, dos quais 50% estão nos Estados Unidos e mais de 10% no Reino Unido. Este número é ainda mais expressivo se

³ "Por diáspora entendemos situações econômicas, culturais, políticas ou religiosas tão graves que acabam por expulsar, em condições extremas, contingentes expressivos de sua população nativa" (PATARRA, 2014, p. 4).

⁴ Considerar o período entre 1880 e 1980, aproximadamente.

considerarmos a população total da Irlanda de acordo com o último censo de 2011, que aponta uma população de 4.6 milhões.

Nenhum outro país na Europa foi tão profundamente afetado pela experiência migratória quanto à Irlanda. Estima-se que a fome irlandesa resultou na morte de um milhão de pessoas e na emigração de 1,8 milhões. Os altos níveis de emigração da Irlanda continuaram durante o resto do século XIX e durante grande parte do século XX. Na verdade entre 1845 e 1921 (véspera da independência irlandesa) um total de 5,4 milhões de pessoas emigrou.

Após mais de um século de experiência emigratória, principalmente para os Estados Unidos, Inglaterra e Austrália, entre os anos de 1996 e 2009 a Irlanda apresentou saldo migratório positivo, conforme representado na tabela abaixo.

Tabela 2 - Emigração e Imigração na Irlanda entre 1994 e 2014.

Ano	Imigração	Emigração	Saldo Migratório	População total
1994	30.100	34.800	-4.700	3.585.900
1995	31.200	33.100	-1.900	3.601.300
1996	39.200	31.200	8.000	3.626.100
1997	44.500	25.300	19.200	3.664.300
1998	46.000	28.600	17.400	3.703.100
1999	48.900	31.500	17.300	3.741.600
2000	52.600	26.600	26.000	3.789.500
2001	59.00	26.200	32.800	3.847.200
2002	66.900	25.600	41.300	3.917.200
2003	60.000	29.300	30.700	3.979.900
2004	58.500	26.500	32.000	4.045.200
2005	84.600	29.400	55.100	4.133.800
2006	107.800	36.000	71.800	4.232.900
2007	151.100	46.300	104.800	4.375.800
2008	113.500	49.200	64.300	4.485.100
2009	73.700	72.000	1.600	4.533.400
2010	41.800	69.200	-27.500	4.554.800
2011	53.300	80.600	-27.400	4.574.900
2012	52.700	87.100	-34.400	4.585.400
2013	55.900	89.000	-33.100	4.593.100
2014*	60.600	81.900	-21.400	4.609.600

* dados preliminares

Elaborada por: Alessandra G. Soares

Fonte: CSO statistical release, August 2014

Population and Migration Estimates

Num período de cinco anos, entre os anos de 2004 e 2008, entraram no país 515.500 imigrantes, resultando num saldo migratório positivo de mais de 320 mil pessoas. É neste mesmo período que teremos o incremento dos fluxos de brasileiros para a Irlanda, que veremos no próximo capítulo.

A economia da Irlanda experienciou um rápido crescimento econômico sem precedentes, com crescimento médio do PIB de 10% ao ano entre os anos de 1997 e 2000, e de 5% entre 2001 e 2007. Neste período o país chegou à posição de quarto país em PIB *per capita* do mundo (MAHER, 2010). Segundo o autor, este crescimento levou a Irlanda a tornar-se um destino migratório, revertendo o processo até então dominante de saída de população, para o de entrada no país. Houve um movimento de retorno de irlandeses que estavam distribuídos pelo mundo, além da chegada de imigrantes das mais variadas nacionalidades.

A saída de população da Irlanda só volta a ser superior à entrada a partir de 2010, como reflexo da crise econômica internacional que atingiu o país em 2008 e resultou na diminuição dos benefícios sociais, alto índice de desemprego e na redução dos salários.

2.3.2 O Brasil e as migrações

Sabemos que a história do Brasil sempre esteve ligada aos movimentos migratórios. O Brasil foi formado, majoritariamente, por imigrantes. Em 1500 chegaram os primeiros portugueses. Até 1850 aproximadamente três milhões de africanos foram trazidos de forma forçada para o trabalho escravo na agricultura canavieira. A partir da segunda metade do século XIX e, sobretudo, após a abolição da escravatura, a migração internacional para o Brasil ganhou destaque, período no qual recebemos uma grande onda migratória constituída por europeus e, posteriormente, por asiáticos.

De acordo com Cogo e Badet (2013), entre 1819 e o final da década de 1940, o Brasil recebeu cinco milhões de migrantes, principalmente italianos⁵, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses, mas também grupos migratórios menos expressivos numericamente como russos, austríacos, sírio-libaneses e poloneses. Muitos vinham, sobretudo, para atuarem na substituição da mão de obra escrava em uma conjuntura nacional de transição do trabalho escravo para o trabalho livre.

Segundo Martes (2009), o Brasil foi o terceiro maior receptor de imigrantes durante o período áureo da grande migração europeia, entre 1850 e 1950, quando 60 milhões de pessoas deixaram a Europa dirigindo-se principalmente para as Américas. Conforme Bassanesi,

a vinda desses imigrantes para o Brasil esteve inserida no contexto das grandes migrações humanas do século XIX e da primeira metade do século XX, que foram determinadas por e/ou acompanharam um conjunto complexo de transformações originadas na Europa (BASSANESI, 1996, p. 3).

A imigração ultramarina diminuiu após os anos 1930, devido a uma série de motivos, entre eles: a crise econômica mundial de 1929 que afetou a economia cafeeira, as restrições impostas pelo governo brasileiro limitando a cota de 2% de imigrantes do total de ingressos para cada nacionalidade, a Segunda Guerra Mundial e o início da industrialização como tal a conhecemos (que absorvia mão de obra resultante dos deslocamentos internos).

Desde os primórdios da colonização portuguesa até meados do século passado, o Brasil se definia essencialmente como receptor de imigrantes. Nas primeiras décadas do século XX ocorre a diminuição no incremento de migrantes internacionais e tem início da mobilidade interna. A partir deste momento o Nordeste se destaca como celeiro de mão de obra do país (SANTOS, 2010).

Quando o país se industrializa e se urbaniza, as migrações internas – inter-regional e rural-urbana – não apenas tornam disponíveis trabalhadores para as

⁵ “Há uma forte entrada de italianos no Brasil até 1902, quando foi promulgado o ‘Decreto Prinetti’ na Itália, que proibia o deslocamento de italianos para o Brasil devido às más condições de vida” (BAENINGER, 2002, p. 12).

atividades urbano-industriais concentradas no Centro-Sul do Brasil, como se constituem em um veículo de ascensão social para as populações migrantes (REIS; SALES, 1999).

Entre 1930 e 1980 a mobilização interna se destacou. Foi neste período que ocorreu o desenvolvimento econômico brasileiro, que iniciado na década de 1930 com o governo de Getúlio Vargas, resultou numa rápida industrialização e no início da substituição de importações. Na década de 1950 o Brasil conheceu a política econômica modernizadora e descentralizadora de Juscelino Kubitschek, que propiciou a interiorização de atividades econômico-comerciais no Brasil com a criação de rodovias para a região central do país, permitindo a migração interna para o Centro-Oeste (construção da nova capital, Brasília). A partir dos anos 1960, com a Ditadura Militar, vivenciamos um momento de crescimento econômico⁶ e intensificação dos movimentos migratórios internos, do Nordeste para o Sudeste.

O Nordeste e o Norte representavam mais de um terço (34,39%) da população brasileira em 1872. Em 1960 essas duas regiões só representavam um quarto (25,76%) dos totais brasileiros, ainda que seus índices de natalidade fossem mais fortes que no resto do país. Grande parte dos brasileiros do Norte e do Nordeste trocaram essas regiões pelo Sudeste e pelo Sul do Brasil (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Detentor da concentração industrial brasileira, o Sudeste funcionou como polo de atração para migrantes de todo o país, mas, sobretudo, do Nordeste. “Somente na década de 1930 é que o número de migrantes brasileiros para o Estado de São Paulo ultrapassa o de estrangeiros” (SANTOS; SILVEIRA, 2001. p. 42).

Além dos fluxos migratórios para a Região Sudeste, a partir dos anos 1970 muitos migrantes, principalmente oriundos da Região Sul, seguem para o Centro-Oeste e para o Norte, num movimento de expansão da fronteira agrícola do país. Nas palavras de Becker,

Intensos fluxos de caráter rural-urbano ocorreram nas décadas 50 e 60, representativos de um período marcado por crescente concentração fundiária e pela industrialização nos grandes centros

⁶ E também de repressão aos movimentos populares e de constrangimento das liberdades civis.

urbanos do Sudeste Brasileiro. Estabeleceram-se migrações interestaduais de longa distância na década de 70, especialmente a de nordestinos para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo e a de sulistas para as áreas do Centro-Oeste e Amazônia, responsáveis pela expansão e consolidação do mercado de trabalho a nível nacional (BECKER, 1997, p. 321).

Estados como Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e Bahia apresentam, entre 1950 e 1980, altas taxas de emigração líquida. Áreas que haviam sido atrativas em outros momentos transformaram-se, nos anos 1970, em expulsoras de uma população cujo destino era as metrópoles ou que incursionava em novas frentes pioneiras, como a Amazônia (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Figura 1 – Migrações internas brasileiras entre 1950 e 1980
Org. Alessandra G. Soares. Fonte: Santos e Silveira (2001).

As migrações internas continuam ocorrendo no Brasil com uma variedade de temporalidades, destinos e fatores condicionantes nunca antes observados. Embora reconheçamos a importância destes deslocamentos, seguiremos com o foco da nossa pesquisa que é a emigração brasileira.

A emigração internacional brasileira ganha visibilidade após os anos 1980, tendo grande divulgação do fenômeno na mídia, com destaque para o sucesso e as dificuldades dos migrantes. Na academia crescem as pesquisas, principalmente relacionadas ao processo migratório para Estados Unidos, Europa e Japão.

No final da década de 1980 e início da de 1990 se produziram importantes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais no âmbito internacional:

As mudanças surgidas na reestruturação produtiva implicaram uma mobilidade de capital e também da população do mundo. O Brasil começou a inserir-se em um novo contexto de migração internacional, e ao fim do século XX volta a aumentar a imigração (BAENINGER, 2002, p. 13).

A dinâmica das migrações ao exterior nas duas últimas décadas do século XX deve ser entendida como um fenômeno intimamente ligado aos acontecimentos políticos e econômicos do país. Estima-se que nos anos 1980, quando ganhou força o fluxo de brasileiros para o exterior, entre 1 e 2,5 milhões de pessoas deixaram o Brasil. A maior parte destes fluxos não são documentados, escapado às estatísticas oficiais.

As migrações sentido sul-norte são um fato relativamente recente na história das migrações, iniciado com o fim da Segunda Guerra Mundial (SANTOS, 2010). O fim da ditadura e a volta da democracia coincidem com a crise econômica. Neste período, problemas sociais se intensificam e planos econômicos fracassam. É neste momento, anos 1980, que tem início a saída de brasileiros para os países “de primeiro mundo”, principalmente, Estados Unidos e Japão (FERREIRA, 2007).

Os países mais pobres, como o Brasil, tiveram a década de 80 marcada por tentativas, mal sucedidas, de ajuste econômico e financeiro, visando à nova realidade do capitalismo internacional e às necessidades de quitação dos compromissos de pagamento da dívida externa. O resultado foi uma década de crise econômica, de profunda dimensão social, onde as taxas de desemprego se aproximaram dos 15% e a miséria se generalizou para 20% da população (BRITO, 1996, p. 61-62).

Para Cogo e Badet (2013) a emigração de brasileiros para diversos países (em especial Estados Unidos, Paraguai, Japão e países da Europa Ocidental) tem sido alvo de grande interesse desde meados de 1980, quando se constatou que parte da nossa população estava deixando o país. Nesse período, o Brasil deixou de ser um país de entrada de imigrantes e começou a enfrentar fluxos migratórios de saída que foram intensificados nos anos 1990. Até aquele momento o Brasil era visto por muitos pesquisadores como um país de população fechada (predomínio das migrações internas), após ser considerado por quatro séculos como um país receptor de imigrantes.

Os principais problemas apontados como desencadeadores dos processos migratórios de brasileiros para o exterior nos anos 1980 foram: dificuldades econômicas, desemprego, altos índices de inflação e altas taxas de juros internacionais, que levaram o país a adotar medidas restritivas que causaram recessão. Nessa década, os Estados Unidos surgiram como principal área de atração de brasileiros, face ao seu status de grande potência econômica e os laços culturais estabelecidos com o Brasil. De acordo com Sales,

em meados dos anos 80 o Brasil experimentou pela primeira vez em sua história a emigração de brasileiros para outros países. Até então, tínhamos uma extensa experiência de movimentos migratórios internos às nossas fronteiras e uma experiência de país receptor de imigrantes, nas grandes correntes de migrações internacionais que se deram na passagem do século e nas primeiras décadas do século XX (SALES, 1999a, p. 93).

Esse novo movimento da população se consolidou na década de 1990 e a saída de brasileiros para o exterior tornou-se uma questão relevante, na medida em que o que era um movimento esporádico para o estrangeiro nos anos 1970 transformou-se em um fluxo migratório demograficamente significativo (ASSIS, 2011). Para estes indivíduos, emigrar foi uma alternativa encontrada para fugir do desemprego e do estrangulamento econômico daquele período, principalmente para os cidadãos escolarizados. Os brasileiros partiram em busca da ascensão social que não conseguiam no Brasil. No passado e no presente, migrações e classe média encontram-se intrinsecamente vinculadas. E justamente essa parcela da população brasileira que mais se disporá a sair do país para satisfazer seus anseios (SANTOS, 2010).

Ao longo dos anos 1990 o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos manteve-se contínuo, ao mesmo tempo em que se diversificava a população tornando mais complexas as características da população, bem como revelando outros pontos de partida para a emigração (ASSIS, 2011). “A partir desses primeiros movimentos, redes sociais foram estabelecidas, proporcionando suporte a essa migração, atraindo um volume ainda maior de migrantes, mesmo após o arrefecimento do difícil momento econômico no Brasil” (IBGE, 2011, p. 60).

A crise da moeda brasileira, o Real, em janeiro de 1999 e o crescimento contínuo do desemprego que em 2002 era de 20% na área metropolitana da grande São Paulo, o maior desde 1985, parecem ter aumentado significativamente o fluxo emigratório (MARGOLIS, 2003).

No início do século XXI o Brasil vivencia políticas redistributivas e de aumento de renda, com sensível melhoria na qualidade de vida em todas as classes sociais. Conforme observamos no caso da recente migração de brasileiros para a Irlanda, a emergência de uma parcela das camadas menos favorecidas a uma situação econômica melhor permitiu o deslocamento para o exterior. Apesar dos avanços econômicos e sociais do Brasil, ainda não se observa a retração da saída de brasileiros.

2.4 Fluxos atuais para o Brasil

O Brasil vive um importante momento de entrada de migrantes em seu território. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, constam como recenseados 431.453 mil estrangeiros. A estimativa do Banco Mundial⁷ (2014) revela um número superior ao do Censo, totalizando 688.026 indivíduos estrangeiros vivendo no Brasil. Conforme Cogo e Badet (2013) este número, de fato, pode ser superior a 1.4 milhão de imigrantes.

O Brasil tem recebido população do continente africano, tanto na condição de refugiados (angolanos e congoleses), quanto na de estudantes intercambistas. Já

⁷ The World Bank - <http://data.worldbank.org/indicator/SM.POP.TOTL>

entre os asiáticos, destacam-se os chineses e coreanos. Entre os imigrantes latino-americanos, destacam-se os bolivianos, que vivem majoritariamente no município de São Paulo e trabalham nas oficinas de costura, e os peruanos. Europeus e norte-americanos constituem a maioria em autorizações para trabalho no Brasil.

Um movimento migratório importante que tem o Brasil como destino passou a ser constituído por haitianos. Estima-se que cerca de cinco mil haitianos migraram para o Brasil entre 2011 e 2012, após o terremoto que atingiu o país e agravou as já precárias condições políticas, econômicas e sociais enfrentadas pela população do país (COGO; BADET, 2013), o que levou o governo brasileiro a limitar os vistos concedidos por razões humanitárias a 1.200 por ano.

À medida que o Brasil avança econômica e politicamente na esfera de influência internacional, igualmente adquire visibilidade e passa a povoar o imaginário global como destino migratório e como espaço para vivência concreta de projetos de migração (COGO; BADET, 2013). Estes sujeitos seguem motivações pessoais, resultado de um imaginário de sonhos que podem ser de ordem individual ou coletiva.

Ressaltamos que, de acordo com os dados do Censo de 2010 (IBGE, 2012), dos imigrantes internacionais que chegaram ao Brasil entre 2005 e 2010, 65,5% eram brasileiros, isto é, imigrantes internacionais de retorno. Podemos atribuir este retorno ao crescimento econômico brasileiro e a crise econômica global de 2008, que trouxe severas consequências para alguns países tradicionalmente receptores de brasileiros, tais como: Portugal, Itália, Espanha, Japão e Estados Unidos.

Cabe mencionar ainda que, a partir de 2008, registra-se um decréscimo do número de migrantes nos Estados Unidos, na Europa e no Japão, como consequência da crise econômica global. No Japão, o desemprego entre os brasileiros alcançou 40% em 2009. Já em Portugal, no final de 2009, havia mais de 10 mil brasileiros desempregados (COGO; BADET, 2013).

A despeito da crise econômica que atingiu – em maior ou menor grau de intensidade – os países europeus, muitos brasileiros seguem para diferentes destinos na Europa com a finalidade principal de vivenciar uma nova cultura, viajar, aprender um novo idioma, mas trabalham para a manutenção de um estilo de vida, ou ainda para viajar e aproveitar culturalmente o novo país.

A constatação anterior não é uma exclusividade dos jovens brasileiros. Na França e na Inglaterra observamos a migração temporária da jovem “elite” dos antigos territórios coloniais, que muitas vezes seguem em busca de maior instrução em universidades e institutos técnicos europeus, que os capacite a participar da administração de sua terra natal, ou ainda, amplie as possibilidades em um mercado de trabalho extremamente especializado.

No próximo capítulo nosso olhar estará direcionado à migração de brasileiros para a Irlanda. Nossa reflexão estará apoiada nos resultados obtidos após a aplicação dos 310 questionários.

CAPÍTULO 3 - BRASILEIROS NA IRLANDA

Segundo o Itamaraty (2014), há cerca de 2,8 milhões de brasileiros residentes no exterior, aos quais se somam aproximadamente de 3,5 milhões que anualmente viajam, por diversas razões, para fora do Brasil. Os brasileiros no exterior significam 1,5% da população do país, número superior à quantidade de habitantes de oito unidades da federação: Acre, Amapá, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Roraima, Sergipe, Tocantins.

Conforme as informações do Ministério das Relações Exteriores¹ (2014) no ano de 2013 os brasileiros que vivem fora do Brasil encontravam-se distribuídos da seguinte forma: América do Norte (1.043.422), Europa (736.760), América do Sul (621.692), Ásia (204.123), Oceania (96.050), Oriente Médio (42.103), África (35.687) e América Central e Caribe (7.387).

Figura 2 – Distribuição de brasileiros no mundo segundo o Ministério das Relações Exteriores
Ano de referência: 2013. Acesso em Agosto/2014.

Fonte: MRE - Brasileiros no mundo. (<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/>)

¹ "A estimativa atualizada de brasileiros no exterior apresentada aqui levou em conta, como base, avaliações contidas nos relatórios consulares enviados anualmente por nossos Consulados e Embaixadas sobre o número de brasileiros residentes em suas respectivas jurisdições. Tendo em consideração que grande parte desses brasileiros encontra-se em situação migratória irregular e evita submeter-se a sondagens e censos, ou mesmo matricular-se nas repartições consulares, é difícil fazer tais avaliações" (MRE, 2014).

Os Estados Unidos são o país que mais concentra imigrantes brasileiros (1.006.842), sendo o destino de um expressivo volume de jovens pertencentes à classe média, que entram clandestinamente no país e se ocupam em trabalhos não qualificados. Em seguida aparece o Japão (459.760), em observamos o caso de migração de retorno² (nipo-brasileiros) com apoio institucional do governo japonês. Paraguai (186.051), único país do hemisfério sul a se destacar como destino de brasileiros, cujo fluxo ocorre direcionado ao campo, diferentemente dos orientados aos países norte, onde predominam concentrações nas áreas urbanas.

O fluxo para o Paraguai tem início com a construção de Itaipu nos anos 1970 e o movimento de expansão agrícola (sojicultora) do Sul do Brasil em direção ao Centro-Oeste. Visando ao crescimento da produção de soja em seu país, o governo paraguaio ofereceu facilidades para os brasileiros interessados em adquirir terras no Paraguai. Assim surgiram os “brasiguaios”.

Na Europa, a maior presença da comunidade brasileira se dá no Reino Unido³ (180.000) e Portugal (162.190). Salientamos que, com exceção dos brasileiros no Japão⁴, estes dados podem estar subdimensionados, pois a maioria das pessoas que emigram o fazem com visto de turista, dificultando a mensuração dos fluxos.

O relatório final do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2011) aponta que o volume de brasileiros no exterior é uma das questões mais controversas quando o tema migrações internacionais é abordado. As cifras sobre a presença de nacionais vivendo no estrangeiro variam de forma significativa, dependendo da fonte de onde se originam as estimativas.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores seriam entre 2 milhões a 3,7 milhões de pessoas. Para a Organização Internacional para as Migrações - OIM (International Organization for Migration - IOM) ter-se-ia entre 1 milhão a 3 milhões de emigrantes. Isso apenas detendo-se nos organismos oficiais (IBGE, 2011, p.55).

Na figura 3 podemos observar os direcionamentos dos fluxos de brasileiros:

² Retorno é abordado no sentido de volta ao país de origem, de forma voluntária, após um período mais ou menos longo de estada no estrangeiro.

³ Dado disponível na dissertação de Santos (2010). O Reino Unido não foi computado no último levantamento do MRE.

⁴ O governo japonês apresenta um rígido controle migratório.

Figura 3 – Principais destinos de brasileiros residentes no exterior.

Ano de referência: 2010.

Fonte: IBGE (2012).

Observamos na figura anterior que a migração de brasileiros para a Irlanda aparece no Censo de 2010 entre os destinos escolhidos pelos brasileiros que deixaram o país. Todavia, trata-se de um fenômeno recente. Segundo o geógrafo irlandês Garret Maher (2010) os primeiros brasileiros chegaram à ilha em 1998.

Devido à ausência de laços históricos entre os países, a Irlanda não é um país que faz parte do imaginário da maioria dos brasileiros. Também observamos que este destino está ausente do debate brasileiro sobre migrações. Mas antes de analisarmos nosso estudo de caso, apresentaremos brevemente o país escolhido como foco do nosso trabalho.

A Irlanda⁵ possui uma área de 70.282 km², é cercada integralmente pelo Oceano Atlântico e situa-se ao noroeste da Europa (Figura 4). Desconexa fisicamente do restante do continente, ocupa cerca de 90% da Ilha da Irlanda, onde está localizada. O restante da ilha é ocupado pela Irlanda do Norte⁶, pertencente ao Reino Unido.

A influência dominante sobre o clima da Irlanda se faz sentir através da maritimidade. Em consequência disso, o país não sofre os extremos de temperatura experimentada por muitos outros países de latitude semelhante. A temperatura média anual é de cerca de 10°C e chove em média 200 dias por ano (MET ÉIREANN⁷, 2014).

A Irlanda é um dos 28 países membros da União Europeia (UE), faz parte da OMC⁸, da OCDE e da ONU. É um país considerado desenvolvido, destacando-se internacionalmente pelos bons índices em qualidade de vida e em desenvolvimento social. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em 2014 encontra-se na 11ª posição mundial de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

A população da Irlanda⁹ é de 4.609.600 pessoas, sendo que deste total, mais de um quarto da população (27,65% ou 1.274.600 pessoas) reside na Grande Dublin e 527.612 vivem na cidade de Dublin, capital do país (CSO, 2014).

⁵ República da Irlanda ou Éire (em gaélico), conforme mencionado anteriormente.

⁶ Também denominada Ulster.

⁷ The Irish Meteorological Service (Serviço Meteorológico Irlandês).

⁸ OMC - Organização Mundial do Comércio.

⁹ A população total da ilha da Irlanda é de 6,4 milhões, sendo que 4,6 milhões de pessoas vivem na República da Irlanda, representando 72 por cento do total. Os demais vivem na Irlanda do Norte.

Figura 4 – Localização: Brasil e Irlanda

Orgs. Alessandra G. Soares e Luiz G. M. Barros. Fonte: IBGE (1999)

Conforme o *Census* de 2011, 12% da população irlandesa é composta de estrangeiros. Ressaltamos que o levantamento só considera imigrantes aqueles que fizeram solicitação e obtiveram visto para permanência no país.

É difícil estimar o número de imigrantes brasileiros que vivem na Irlanda atualmente. A recência do fenômeno e a falta de números oficiais mais confiáveis são as maiores razões da obscuridade dos emigrantes brasileiros nas discussões acadêmicas sobre as migrações contemporâneas. O mesmo se aplica ao caso dos brasileiros na Irlanda. Não existe consenso nos órgãos de pesquisa oficiais em relação ao número de brasileiros vivendo na Irlanda, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3 - Número de brasileiros na Irlanda	
ONU**	8.473
CSO*	8.704
INIS**	13.000
MRE***	18.000
Org. Alessandra G. Soares	
Dados de: *2012, **2013 e ***2014.	
Fonte: ONU (2013), CSO (2014), INIS (2014) e MRE (2014).	

Segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011) a Irlanda ocupa a 14^a posição na lista dos destinos escolhidos pelos brasileiros (1,3%). Conforme o Itamaraty, a Irlanda encontra-se na 19^a colocação entre os destinos escolhidos com 18.000 brasileiros residentes em seu território (MRE, 2014). O Departamento de Censo Irlandês da *Central Statistics Office* em 2012 estimava o número de 8.704 brasileiros vivendo na Irlanda. Entretanto, este dado só abrange os brasileiros que solicitaram visto de permanência no país, por motivos de casamento e/ou trabalho, desconsiderando assim os que entram com visto de estudante (maioria dos casos), turista e os que possuem cidadania europeia.

Em concordância com Oliveira (2008), conforme constatado até o momento, os caminhos que levam à mensuração da migração internacional são bastante tortuosos, particularmente quando as fontes de informação não são completas o suficiente para serem utilizadas em cálculos que requerem uma precisão aceitável. “No mar das imprecisões numéricas, o que se tem são estimativas que ora parecem corresponder aos possíveis acertos, ora inspiram justificadas dúvidas. Tudo é muito

vago, fluido, discutível” (MEIHY, 2004, p.42), resultado da carência de dados e da recência do fenômeno.

Antes de voltarmos para os brasileiros na Irlanda, é importante compreendermos como se dá a distribuição dos imigrantes na Irlanda:

Gráfico 1 – Nacionalidade e idade de irlandeses e estrangeiros na Irlanda em 2011.
 Legenda: Azul – não irlandeses. Vermelho – irlandeses. Fonte: CSO (2012).

A pirâmide etária acima mostra a distribuição em 2011 de ambos os cidadãos irlandeses e não irlandeses por sexo e idade. As diferenças são grandes e fica nítido que a maior parte dos imigrantes do país é jovem (cerca de 60%). Quando voltamos a atenção para o caso dos migrantes brasileiros, percebemos que a porcentagem de jovens é superior à média, ultrapassando os 90%:

O percentual de brasileiros na Irlanda com idade entre **15 e 34 anos é de 91,2%**. Os brasileiros também são majoritariamente solteiros (87%). Além disso, mais da metade dos brasileiros que estão na Irlanda (60%) moram com amigos em composições não familiares (CSO, 2012, p. 29, grifo nosso).

Os dados do Censo brasileiro de 2010 referentes à idade dos emigrantes brasileiros coincidem com as informações do *Census* irlandês de 2011. Trata do movimento migratório de uma população majoritariamente jovem.

Gráfico 2 – Distribuição dos brasileiros emigrantes por sexo e grupo de idade – 2010
Fonte: IBGE (2010)

Os brasileiros que vivem no exterior encontram-se distribuídos em 193 países, sendo que 53,8% são mulheres e 46,2% são homens. Logo, há maior emigração de mulheres do que de homens, sendo que “as mulheres são maioria em todos os grupos de idade” (IBGE, 2010, p. 56). Os números da CSO apurados em 2011 e publicados em 2012 apontam a razão entre sexos dos imigrantes brasileiros na Irlanda de forma mais equilibrada, havendo 4.408 brasileiros homens (50,6%) e 4.296 brasileiras mulheres (49,4%).

Conforme explicamos na introdução, para o estudo de caso do presente trabalho, recorreremos à aplicação de um questionário a 310 brasileiros que vivem na Irlanda. Nossa reflexão a partir deste momento está apoiada nas respostas obtidas.

Quanto à idade das pessoas que participaram da pesquisa, observamos uma concentração de pessoas jovens, em plena idade produtiva, sendo que a faixa de idade que vai dos 20 aos 34 anos contempla majoritariamente a presença destes indivíduos (92,25%). Os dados obtidos em nosso levantamento corroboram com os apresentados pelo Censo irlandês.

Em termos de composição de gênero, entre os interlocutores da pesquisa obtivemos maior proporção de respostas de mulheres (66,7%) do que homens

(33,3%). Todavia, não é possível saber se há efetivamente uma quantidade maior de brasileiras no território irlandês ou se houve maior disponibilidade das mulheres para participarem da pesquisa. Este resultado se assemelha àqueles obtidos em nossa pesquisa de conclusão de graduação¹⁰, que demonstrou um percentual de 68% de mulheres e de 32% de homens brasileiros vivendo em Dublin, Irlanda, em 2010.

Gráfico 3 – Distribuição dos brasileiros na Irlanda por sexo e grupo de idade – 2014
Org. Alessandra G. Soares (2014). Fonte: Questionários aplicados

Entendemos ser importante abrir um parêntese para destacar a atual importância das mulheres nos fluxos migratórios. Até poucas décadas atrás, a mulher migrante era vista como aquela que acompanhava o marido, mais um membro da família a realizar o deslocamento. Nos fluxos contemporâneos elas já são maioria, tendem a migrar sozinhas ou como primeiras em suas famílias. Isto se observa também nos fluxos de saída do Brasil, pois, de acordo com o Censo de 2010, temos 53,8% de participação feminina nas emigrações (IBGE, 2011).

De acordo com Bilac (1995), o aumento da participação feminina nas migrações internacionais, denominada “feminização” dos deslocamentos populacionais, seria uma das características dos novos processos de mobilidade territorial, associados às “novas formas de produzir”, inerente ao momento de acumulação capitalista após os anos 1970. “É importante destacar que o aumento da participação feminina ocorre num contexto em que há um crescimento das migrações internacionais a partir da segunda metade do século XX” (ASSIS, 2011, p. 51).

¹⁰ SOARES, Alessandra G. *Mobilidade estudantil e trabalho: o caso dos brasileiros em Dublin, Irlanda*. 2010.

A feminização da migração constitui uma das mais recentes mudanças no movimento populacional, o que se associa ao aumento da disponibilidade de emprego para as mulheres na indústria e nos serviços de cuidar de pessoas idosas e de crianças (MACAMO; MUANAMOH, 2011). O fluxo brasileiro também é constituído por uma diversidade étnica, de classe e de gênero que o termo migrante brasileiro muitas vezes encobriu (ASSIS, 2011).

O Census de 2011 apontou que 87% dos brasileiros na Irlanda estavam solteiros, o que vai de encontro com nosso levantamento, no qual apenas 18% dos interlocutores responderam estavam casados ou unidos civilmente.

Gráfico 4 – Estado civil dos brasileiros na Irlanda – 2014.
Org. Alessandra G. Soares (2014). Fonte: Questionários aplicados

Para simplificar visualmente as informações, elaboramos um quadro resumo com os dados sócio demográficos do universo da pesquisa (310 respostas):

Categorias	Elementos de Análise		
Gênero	Masculino	Feminino	
	33,3%	66,7%	
Idade (anos)	De 0 a 19	De 20 a 34	Acima de 35
	1,5%	92,25%	6,25%
Estado Civil	Solteiro	Casado/União Civil	Separado/Divorciado
	80%	18%	20%
Escolaridade	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
	0,3%	7,7%	92%
Filhos	Sim	Não	
	6,5%	93,5%	

Quadro 1 - Resumo dos dados sócio demográficos

Org. Alessandra G. Soares (2014). Fonte: Questionários aplicados

Baseamo-nos em nosso levantamento para inferir que a migração de brasileiros para a Irlanda é o movimento de uma população jovem, solteira e sem filhos (apenas 21 indivíduos declararam ter filhos, 16 destes vivendo na Irlanda). Trata-se de um grupo de indivíduos com menores impedimentos (cônjuge, filhos, financiamento de imóveis etc.) e que em muitos casos podem contar com apoio financeiro da família.

Os dados revelam ainda que a migração para a Irlanda é bastante seletiva para quem tem poucos anos de estudo. Do universo de 310 migrantes que participaram da pesquisa, apenas um tinha o Ensino Fundamental completo, enquanto que 285 indivíduos fizeram alguma graduação antes de migrar (anexo C). Trata-se de estudantes universitários, recém-formados e jovens profissionais.

Gráfico 5 – Escolaridade dos brasileiros na Irlanda – 2014

Org. Alessandra G. Soares (2014). Fonte: Questionários aplicados

A situação encontrada na Irlanda vai de encontro com o que encontrou a socióloga Adriana C. de Oliveira em sua pesquisa sobre os brasileiros na Flórida:

Nas abordagens sobre os níveis educacionais da população brasileira no exterior, esta característica parece ser uma condição generalizada dos nossos emigrantes. As migrações ultramarinas carregam consigo brasileiros que haviam obtido graus de formação escolar nada desprezíveis para a realidade brasileira. [...] de maneira geral, os brasileiros residentes nos EUA estão acima da média do seu país e, por vezes, acima da própria média americana (OLIVEIRA, 2003, p.125).

Conforme trabalhos anteriores sobre a emigração brasileira, observamos que os números para àqueles indivíduos com ensino superior se destacam. No trabalho de Margolis (1994), sobre os brasileiros em Nova York, os migrantes com Ensino superior representavam 44%, enquanto que no estudo de Sales (1999a) os migrantes brasileiros na região de Boston representavam 47%. Conforme o Censo Demográfico de 2010, 11,2% dos brasileiros possuíam Ensino Superior¹¹, o que mostra que temos uma migração de indivíduos que possuem escolarização muito acima da média nacional.

Quanto ao local de origem no Brasil destes migrantes, 21 estados foram apontados em nossa pesquisa (figura 5), revelando a diversidade na procedência desta população. Embora 21 estados brasileiros tenham sido mencionados ocorre um predomínio da população oriunda da Região Sudeste, com participação de 65,8% do total do universo da pesquisa, informação que vai de encontro com os dados do Censo Demográfico de 2010:

A mensuração da emigração brasileira, a partir das Unidades da Federação das pessoas que residiam com os emigrantes, antes da data de partida para o exterior, permite observar que a Região Sudeste foi a principal origem desses fluxos, de onde saíram aproximadamente 49,0% dos emigrantes (IBGE, 2011, p. 56).

É importante destacarmos a relevância da participação do estado de São Paulo, principal emissor de pessoas para a Irlanda. Conforme nosso levantamento, São Paulo responde pela saída de 54,5% das pessoas que partiram do Brasil para a Irlanda, e por 83% dos que saíram da Região Sudeste. Os 34,2% que representam a contribuição das demais Regiões brasileiras estão divididos da seguinte forma: Sul (19,3%), Nordeste (9,7%), Centro-Oeste (4%) e Norte (1,2%).

Ainda considerando o total de participantes da pesquisa (310), mais da metade (171) vivia em capitais estaduais, o que representa 55% dos emigrados, sendo um movimento que parte de áreas urbanas para áreas urbanas dos países de destino. Não podemos desconsiderar que as metrópoles representam espaços privilegiados dentro do processo de reestruturação produtiva, concentrando, num primeiro momento, as rotas de fluxos migratórios internacionais¹².

¹¹ Sendo, 9,9% da população masculina e 12,5% da população feminina.

¹² Um contraponto desta mobilidade urbana é a migração brasileira para trabalhar nos frigoríficos da Nova Zelândia, que ocorre da cidade (brasileira) para o campo (neozelandês).

Na figura abaixo podemos observar os estados de origem destes brasileiros:

Figura 5 – Emigração brasileira por estado de origem - 2014

Orgs. Alessandra G. Soares e Luiz G. M. Barros. Fonte: Questionários aplicados.

3.1 Escolhendo a Irlanda

Muitos trabalhos sobre as migrações têm como foco principal a busca por trabalho. Conforme veremos no decorrer da pesquisa os brasileiros que estão na Irlanda também estão inseridos no mundo do trabalho. Todavia, não podemos desconsiderar que elementos subjetivos também impulsionam o processo migratório. Concordamos com Meihy (2004, p. 31) quando ele afirma que “todos vão em busca de alguma forma de realização ou, pelo menos, para tentar alguma coisa nova”. Na tabela 4 podemos observar os principais motivos que os migrantes declararam em relação à decisão de sair do Brasil.

Tabela 4 – Motivação para migrar

Motivo principal	%
Crescimento pessoal	27
Estudos	25,9
Crescimento profissional	20,5
Lazer/Turismo	15,6
Mudança de residência	6,7
Trabalho	4,3
Total (%)	100

Org. Alessandra G. Soares

Fonte: Questionários aplicados - 2014.

As palavras dos próprios migrantes a respeito das motivações exemplificam a subjetividade da decisão. Por exemplo: “esta é a conquista de um sonho”, “estou tentando uma vida nova”, “precisava melhorar o currículo”, “em busca de amadurecimento”, “vim pra conhecer pessoas de outros países”, “conseguir vencer na vida”, “preciso aprender inglês”, “fazer amigos de outras culturas”, “conhecer outros países”, “ter vivência internacional”, “queria qualidade de vida”, “sonhava morar na Europa” etc. A maior parte dos questionados apontou mais de um motivo para ter migrado.

Embora o desejo de viver em outro país estivesse posto, a Irlanda não foi a primeira opção para a maioria destes brasileiros. Do universo de 310 indivíduos, apenas 55 (17,75%) mencionaram a Irlanda como primeira opção. Os demais 255

(82,25%) tinham em mente países como: Inglaterra, Austrália, Canadá, Estados Unidos e Nova Zelândia. Nota-se que os principais países mencionados possuem uma característica em comum: todos eles têm o inglês como língua oficial.

Gráfico 6 – Países cogitados como destino antes da Irlanda – 2014

Org. Alessandra G. Soares (2014). Fonte: Questionários aplicados

O trabalho não aparece de forma direta como motivador da migração, ao contrário, foi a razão menos apontada pelos pesquisados. Todavia, a necessidade de conhecer uma língua estrangeira está diretamente relacionada ao atual estágio da globalização e às demandas e competitividade do mercado de trabalho.

A transição para a acumulação flexível foi feita em partes por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas. [...] Para os trabalhadores, tudo isso implicou uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho (HARVEY, 2012, p. 257).

Entre as principais exigências feitas pelo mercado de trabalho brasileiro na atualidade, a que mais se destaca, independentemente da área de atuação, é o conhecimento do idioma inglês¹³. As relações interpessoais com indivíduos de diferentes países, facilitadas pelo uso da internet, também são uma face da vida de parte destes indivíduos (jovens, universitários, oriundos da “classe média”). Razões pelas quais muitos procuram escolas de idiomas no Brasil e no exterior.

¹³ Observação após uma busca em alguns sites que anunciam vagas de emprego, tais como: catho.com.br e vagas.com.br.

No gráfico anterior observamos que Inglaterra e Austrália se destacam como destinos pretendidos pelos brasileiros. Todavia, nos últimos anos, as leis de imigração do Reino Unido vêm sendo mudadas no sentido de restringir cada vez mais a entrada e permanência no país de estrangeiros oriundos de países que não são os da Comunidade Europeia, ou que não detenham passaporte europeu, ou que não sejam altamente qualificados. Assim, as opções disponíveis aos brasileiros são limitadas (EVANS, 2010).

Em relação à Austrália muitos alegaram que os altos custos com cursos e transporte e a dificuldade para obtenção do visto seriam impeditivos. No que se refere ao Canadá, assim como aos Estados Unidos, a maior dificuldade imposta é a obtenção de visto. Conforme Aline Santos,

Os ataques de 11 de setembro de 2001 aos EUA levaram ao acirramento do controle de suas fronteiras. O destino preferencial de muitos brasileiros torna-se de mais difícil acesso, pois são impostas novas exigências para entrada no país, dificultando, por exemplo, a obtenção de vistos (SANTOS, 2010, p. 57).

Os principais motivos que levaram os brasileiros a decidirem pela Irlanda são: facilidade de permissão de entrada no país e de obtenção de visto, visto que possibilita o trabalho e custos mais acessíveis, conforme tabela a seguir.

Tabela 5 - Motivo pelo qual escolheu a Irlanda

Motivo principal	%
Facilidade de entrada/obtenção de visto	20,8
Visto que possibilita trabalho	19,1
Custos mais acessíveis	17,9
Inglês como língua oficial	16,0
Por ser um país europeu	15,2
Presença de amigos ou familiares no país	5,2
Conhecimento prévio do país	3,3
Outros	2,5
Total (%)	100

Org. Alessandra G. Soares

Fonte: Questionários aplicados - 2014.

A República da Irlanda é um dos 28 Estados da UE, mas, por fazer parte do Espaço Schengen, mantém o controle de suas fronteiras mesmo para cidadãos europeus. Conforme o *Irish Naturalisation and Immigration Service*¹⁴ (INIS, 2014), todos os cidadãos de países que não compõem o Espaço Econômico Europeu (EEA) precisam de permissão para permanecer na Irlanda. O EEA é composto pelos 28 Estados-Membros da UE, além de Islândia, Liechtenstein, Noruega e Suíça.

A Irlanda se diferencia dos países mencionados por manter um sistema de emissão de visto menos burocrático e que permite o trabalho. A obtenção do visto de estudante para o país requer que o candidato se matricule em um curso reconhecido na Irlanda, como um curso de língua inglesa, com ao menos de 25 semanas de duração e exige presença na sala de aula de no mínimo 15 horas semanais. Assim como no Reino Unido, estudantes nesta condição recebem autorização para trabalhar até 20 horas semanais durante o período de aulas, podendo, contudo, trabalhar período integral durante as férias escolares. “O visto é normalmente concedido pelo mesmo tempo de duração do curso, e é possível obter sua renovação” (EVANS, 2010, p. 14).

A possibilidade de ficar legalmente no país com visto de estudante¹⁵, que permite o trabalho casual, isto é, poder trabalhar 20h semanais no período de aula e 40h semanais no período das férias escolares, mostra-se um dos principais atrativos para os brasileiros que escolhem a Irlanda como destino. Para tanto, a permanência mínima é de seis meses.

A política do governo que permite ao estudante trabalhar durante os estudos é conhecida como *Student Work Concession*. Introduzida em 2001, permite aos alunos o benefício de poderem trabalhar em tempo parcial (20 horas semanais) durante os estudos e em tempo integral (40 horas por semana) durante as férias. **A concessão do direito ao trabalho é visto como um elemento importante para a atração da Irlanda como destino de estudo**, concorrendo com os países que operam sistemas similares (FINN; O'CONNELL, 2014, p. 27, grifo nosso).

¹⁴ Serviço de Naturalização e Imigração Irlandês.

¹⁵ **Certificate of Registration:** Stamp 2. **Type of Student:** Non-EEA national attending a full-time course of study. **Conditions of Stay:** This person is permitted to remain in Ireland to pursue a course of studies on condition that the holder does not engage in any business or profession other than casual employment (defined as 20 hours per week during school term and up to 40 hours per week during school holidays) and does not remain later than a specified date. Also the person has no recourse to public funds unless otherwise provided (FINN e O'CONNELL, 2014, p. 45).

Para Finn e O'Connell (2014) este benefício pode se tornar problemático a partir do momento que é utilizado como via de imigração alternativa com finalidade exclusiva de acesso ao mercado de trabalho.

Os estudantes estrangeiros que chegam à Irlanda para fins de estudo podem acessar cursos de ensino superior, profissionalizantes e de idioma inglês, havendo no período 110 escolas de idiomas certificadas operando na Irlanda. Todavia, as escolas com certificação representam uma pequena parte do número de escolas disponíveis no país. Estudantes estrangeiros que chegam à Irlanda para cursos com duração inferior a três meses (período comum para cursos de língua inglesa) são classificados como turistas, ao invés de estudantes internacionais (FINN; O'CONNELL, 2014).

Estudantes estrangeiros de países não pertencentes à UE podem ficar na Irlanda por até três anos com visto de estudante. Para tanto, precisam se matricular em programas de estudo que não sejam de graduação nas escolas certificadas pelo governo. Incluindo os cursos de ensino superior, os estudantes estrangeiros podem manter o visto de estudante por até sete anos. Para tanto, eles precisam provar que o curso que farão já está integralmente pago, providenciar um seguro médico privado, comprovar que possuem no mínimo 3 mil Euros para se manterem no país sem precisar trabalhar, além de ter no mínimo 80% de frequência nas aulas. Um novo visto é feito a cada ano, precisando sempre da matrícula na escola certificada (DEPARTMENT OF EDUCATION AND SKILLS, 2014).

Gráfico 7 – Tipo de visto que possui na Irlanda – 2014
Org. Alessandra G. Soares (2014). Fonte: Questionários aplicados

Quando os cursos são *full time*, como são denominados os cursos com no mínimo 15 horas de aula por semana e com duração superior a 25 semanas, é permitido aos estudantes o acesso ao mercado de trabalho, podendo trabalhar 20 horas por semana no período de aula e 40 horas por semana no período de férias. Estes cursos são os que mais concentram brasileiros estudantes na Irlanda.

Os brasileiros encontram certa facilidade para regularizarem sua condição de migrante com uso do visto de estudante. No momento da pesquisa, apenas 2% estavam sem visto no país.

Embora 77% estejam no país com visto de estudante, quando perguntados como eles se sentem, 67% responderam sentirem-se nesta condição. Outros 19% consideram sua situação como sendo de trabalhador estrangeiro no país e 14% se veem como imigrantes. Percebemos que muitos associam o visto que possuem (de estudante) à sua condição naquela sociedade.

Tabela 6 - Como os brasileiros se percebem na Irlanda.

Visto que possui	Número de pessoas	Como se considera		
		Estudante	Imigrante	Trabalhador
Estudante	238	186	24	28
Cidadania Europeia	27	7	4	16
Casamento	22	-	14	8
Turista	11	11	-	-
Sem visto	5	5	-	-
Visto de trabalho	4	-	-	4
Outros	3	-	1	2
Total (%)	100	67,4	13,9	18,7
Número absoluto	310	209	43	58

Org. Alessandra G. Soares

Fonte: Questionários aplicados - 2014.

Constatamos em nossa pesquisa que a maior parte dos brasileiros encontra-se na Irlanda com visto de estudante. Entre os que estudam na Irlanda, independentemente do visto, 80% estão matriculados em cursos de inglês. Este dado está em conformidade com as informações obtidas junto à Embaixada do Brasil na Irlanda, que informou haver 13 mil nacionais brasileiros naquele país. Deste total, 9.500 estariam matriculados em curso de inglês e 1.300 em cursos universitários (informação pessoal)¹⁶. Conforme Finn e O'Connell (2014), através do

¹⁶ GUERRA, Daniela. **Número de brasileiros na Irlanda**. Mensagem recebida por ale.geo.usp@gmail.com em 26 set. 2014.

acordo bilateral firmado em junho de 2012 entre Brasil-Irlanda, alunos bolsistas brasileiros do programa do Governo Federal Ciência Sem Fronteiras¹⁷ puderam escolher a Irlanda como destino para estudos e pesquisas. O programa, com foco particular em ciência e tecnologia, concedeu 2.164 bolsas de estudo e pesquisa para a Irlanda, sendo 1.207 em 2014.

O Departamento de Justiça e Igualdade irlandês observou em seu último relatório (setembro, 2014) que a Irlanda tem se deparado com um grupo crescente de pessoas para as quais a educação não é a prioridade, mas que em vez disso buscam, principalmente, utilizar a educação como uma rampa para facilitar o acesso ao mercado de trabalho. Este é o caso de muitos brasileiros que se encontram no país.

O direito de viver e trabalhar legalmente na Irlanda é um valor em si mesmo e, para muitos, **a inscrição em um programa educacional é motivada pelo desejo de acessar o mercado de trabalho** em vez de quaisquer aspirações de educação pessoais. Inevitavelmente, essa demanda tem atraído fornecedores dispostos a oferecer serviços de ensino voltados para este público. Tais prestadores agem como verdadeiras fábricas de visto, oferecendo serviços ineficientes de ensino com péssima qualidade, além de se engajarem na falsificação pura e simples dos registros de frequência dos alunos. O único interesse é o de explorar os interessados na possibilidade de trabalho, criando assim, uma franquia de imigração (DEPARTMENT OF EDUCATION AND SKILLS, 2014, p. 6, grifo nosso).

As escolas de idiomas do país, ao perceberem que muitos alunos estavam mais interessados nas vantagens de poder trabalhar em período integral do que no próprio aprendizado da língua, passaram a oferecer cursos com seis meses de férias. Em outras palavras, a pessoa paga por um ano de curso, mas só estuda por seis meses, podendo trabalhar em período integral durante metade ano.

As autoridades irlandesas de imigração não monitoram o movimento de pessoas em seu território após a passagem pelas fronteiras, assim como não registram a saída do país. Sendo assim, muitos brasileiros renovam seus contratos como estudantes ou permanecem além do prazo concedido no visto. Esta informação vem de encontro com a questão da ausência de dados oficiais precisos.

¹⁷ Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional (BRASIL. 2014).

Com base no questionário aplicado observamos que população brasileira não está dispersa no território irlandês, mas concentrada em Dublin, capital do país. Além de Dublin, destaca-se a presença brasileira em Galway – a Oeste; e em Cork – ao Sul da ilha. Estes três condados¹⁸ são os mais importantes da Irlanda.

Figura 6 – Imigrantes brasileiros na Irlanda - 2014

Orgs. Alessandra G. Soares e Luiz G. M. Barros. Fonte: Questionários aplicados.

¹⁸ Trata-se de uma divisão político-administrativa maior que o município e menor que o estado. Inexistem no Brasil.

Dublin agrupa 27% da população da Irlanda e, conforme os resultados do questionário, 74% dos migrantes brasileiros. A capital irlandesa concentra serviços, infraestrutura, opções de lazer, escolas de idiomas, assim como vagas de trabalho. As áreas centrais da cidade são as mais procuradas pelos jovens do próprio país e pelos imigrantes em geral. Abaixo podemos observar como estão distribuídos os brasileiros nos bairros de Dublin.

Figura 7 – Distribuição dos brasileiros na cidade de Dublin, por bairro - 2014

Orgs. Alessandra G. Soares e Willian dos Santos. Fonte: Questionários aplicados.

Para Massey e Capoferro (2008) Uma característica marcante da imigração em todo o mundo é a sua concentração geográfica. Os imigrantes tendem a não dispersar aleatoriamente ao longo nações de destino, mas para mover de forma desproporcional a lugares onde pessoas da mesma nacionalidade já se instalaram. Em grande medida, esta canalização seletiva de imigrantes para as áreas de destino específicas reflete a influência das redes de migrantes.

Morar nas áreas centrais tem um custo elevado. Praticamente todos os brasileiros que participaram do nosso levantamento dividiam moradia (apenas 2 indivíduos moravam sozinhos), além disso, não constituíam lares familiares. A maior parte dos brasileiros (68%) dividiam moradia com outras 4 até 7 pessoas, sendo que 21% moravam com mais de 8 pessoas e apenas 11% dividiam residência com menos de 3 pessoas.

Em termos do tipo de habitação, 60% moravam em apartamentos, 32% em casas e 8% em hospedagens coletivas (alojamentos ou albergues). A maior parte não dispõe de um quarto próprio, precisando dividir com pessoas que, na maioria das vezes, não são conhecidas. Esta é a situação de 75% dos brasileiros. E ainda, 25% dos 310 pesquisados informaram precisar dividir a própria cama.

Conseguir moradia bem localizada e com valores econômicos sem a ajuda de outros imigrantes é quase impossível. Assim como é muito difícil encontrar o primeiro trabalho na Irlanda sozinho. Na maioria dos casos, um amigo ou conhecido auxilia na obtenção de emprego no seu próprio lugar de trabalho. Sendo assim, é fundamental estabelecer contatos antes mesmo da chegada.

A colocação como *au pair*¹⁹ é uma boa alternativa pra quem está chegando ao país, pois garante o contato com a língua e costumes da Irlanda. Além disso, a pessoa não precisa buscar moradia, o que no caso de Dublin, pode ser mais trabalhoso do que encontrar trabalho. De fato, encontrar onde morar é um obstáculo para os recém-chegados. Muitos brasileiros, ao chegarem à Irlanda, se hospedam por uma ou duas semanas em *host family*, isto é, alugam um quarto numa residência de irlandeses, mas esta é uma alternativa mais cara. Logo, assim que chegam ao país, efetuam a busca por um local de moradia. As redes sociais são de extrema importância para o sucesso desta etapa. Normalmente, os brasileiros divulgam vagas nas escolas ou nas redes sociais da internet, com grande rotatividade de pessoas nas moradias.

Constatamos que com o objetivo de redução de custos, brasileiros dividem moradia, seja entre brasileiros ou outros imigrantes, se assemelhando com os

¹⁹ *Au pair*: expressão francesa que significa *ao par*, no qual ocorre um tipo de acolhimento temporário de jovens no seio de famílias, tendo como contrapartida a prestação de alguns serviços comumente relacionados ao cuidado de crianças. Comum entre jovens estrangeiros que pretendam aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos.

resultados obtidos por Margolis (1994) em seu trabalho com os imigrantes em Nova Iorque.

Um problema apontado pelos brasileiros está relacionado ao contrato de locação, pois os proprietários dão preferência para os cidadãos Europeus. Este fator dificulta grupos formados apenas por brasileiros. Em contrapartida, leva muitos a morarem em apartamentos com pessoas de múltiplas nacionalidades, podendo resultar em alguns conflitos, mas gerando ganhos culturais que dificilmente aconteceriam em habitações compostas apenas por brasileiros.

3.2 Trabalho na Irlanda

Sabemos que a mobilidade de brasileiros para a Irlanda é um fenômeno recente. Os primeiros brasileiros chegaram à Irlanda ao final da década de 1990 para trabalhar no corte de carne em um frigorífico em Gort, Galway. O deslocamento de jovens estudantes para Dublin teve início na década de 2000, período de grande crescimento econômico do país.

Segundo ROSSI (2010), entre 1995 e 2007, a economia irlandesa cresceu 6% ao ano, na média, superando todos os seus parceiros da UE. Crescimento este apoiado na construção civil, em empresas de tecnologia da informação, medicamentos e setor financeiro.

Figura 8 – PIB irlandês entre 2005 e 2014.

Fonte: Banco Mundial, 2014.

As alterações no plano econômico e os fortes investimentos dos Estados Unidos fizeram com que o país mantivesse um crescimento médio do PIB de 6% entre 1995 e 2007, passando de 48 bilhões de U.S. dólares em 1990 para 262 bilhões de U.S. dólares em 2008.

Em 2009 o país entra num período de recessão, resultado da crise econômica iniciada nos Estados Unidos em 2008, e apenas em 2014 começa a dar sinais de uma possível recuperação. Ainda assim, em pleno período de crise, num momento em que mesmo os irlandeses deixavam o país, o fluxo de brasileiros cresceu significativamente (informação pessoal)²⁰.

No período de apogeu econômico a Irlanda se destacou como o país com maior PIB *per capita* da UE e seu crescimento foi um dos atrativos para migrantes de muitos países, principalmente da própria UE. Além disso, dada sua história de emigração o país é considerado por muitos como receptivo aos imigrantes. Nenhum participante da pesquisa classificou a relação entre brasileiros e irlandeses como conflituosa ou difícil. Ao contrário, 83% disseram ser uma relação boa ou ótima. E quanto à questão se houve receio de ter a entrada recusada ou o visto negado a maioria dos brasileiros (60,3%) respondeu negativamente.

Dadas as informações apresentadas até o momento, percebemos que a Irlanda configura-se numa escolha comparativamente econômica, que facilita a entrada e a permanência no país, e que permite o acesso ao mercado de trabalho.

Seguindo as regras de acesso ao mercado de trabalho (formal) da UE, a Irlanda contrata primeiramente cidadãos dos países membros da UE, e, caso seja necessário, indivíduos de países não membros, mas que possuam visto de trabalho. Ao estudante trabalhador é permitido apenas os trabalhos de meio período, logo, eles dificilmente terão acesso às vagas condizentes com suas qualificações e os níveis educacionais atingidos no Brasil. A falta de fluência do idioma torna-se um segundo fator limitante.

Assim como outros grupos de imigrantes, os brasileiros no exterior em geral obtêm trabalhos pouco condizentes com o que faziam no Brasil, mesmo quando possuem educação de nível superior. Comumente são ocupações de baixa qualificação ou que não exigem qualificação alguma (quadro a seguir).

²⁰ GUERRA, Daniela. **Número de brasileiros na Irlanda**. Mensagem recebida por ale.geo.usp@gmail.com em 26 set. 2014.

Última ocupação no Brasil	Ocupação atual na Irlanda
Advogado	Faxineiro
Advogado	Auxiliar de cozinha
Analista de Benefícios	Doméstica
Analista de Recursos Humanos	Babá e faxineira
Analista químico	Caixa
Arquiteta	Garçonete
Arquiteta	Babá e faxineira
Assessor Jurídico	Assistente de loja
Assessora de Imprensa	Garçonete
Assessora de imprensa	Babá e faxineira
Assistente Jurídico	Venda de Jornais nas ruas (informal)
Auditor	Faxineira
Auditora Fiscal	Babá
Auxiliar de Controle de Qualidade	Cuidadora de idosos
Contadora	Babá
Coordenador de projetos	Auxiliar de cozinha
Designer	Entregador de panfletos
Designer	Auxiliar de cozinha
Designer Gráfico	Garçom
Economista	Faxineira
Educadora	Babá e faxineira
Empresário	Auxiliar de cozinha
Fisioterapeuta	Auxiliar de cozinha
Fisioterapeuta	Vendedor e garçom
Fisioterapeuta	Babá
Gerente de Canais	Recepcionista
Jornalista	Faxineira
Jornalista	Garçom
Nutricionista	Babá
Produção de eventos culturais	Babá
Produtora	Babá
Professor Universitário	Faxineiro
Professora	Garçonete
Professora Universitária	Faxineira
Psicóloga	Garçonete e babá
Publicitária	Faxineira e babá
Recrutamento e seleção	Faxineira, camareira
Supervisor	Garçonete e atendente de loja
Terapeuta Ocupacional	Babá

Quadro 2 - Comparativo de ocupação profissional no Brasil e na Irlanda

Org. Alessandra G. Soares. Fonte: Questionários aplicados - 2014.

Estes dados corroboram com o trabalho de Sales (1999a), que evidencia uma queda no status das ocupações exercidas pelos brasileiros nos Estados Unidos em relação à que eles exerciam no Brasil. Porém, esta diminuição de status é compensada por outros fatores, como por exemplo, pela possibilidade de consumo.

O sistema da mídia e das comunicações e, sobretudo, a chamada “revolução da informação” produziram algumas mudanças importantes na organização do consumo e da produção, bem como na definição de desejos e necessidades integralmente novos (HARVEY, 2009, p. 90).

Não podemos desconsiderar o fato de que o espaço do migrante é um local dotado de sentidos, sendo que estes variam de indivíduo para indivíduo. O espaço da migração se torna um espaço particular para cada um, pois cada indivíduo terá uma consciência desse espaço. Muitas vezes, a ideia de poder consumir, viajar, estudar em um país de primeiro mundo faz parte da ideia de obter uma vida melhor.

O horizonte do migrante contemporâneo não se restringe à cidade mais próxima, nem à capital do estado ou do país. Seu horizonte é o mundo – visto no cinema, na televisão, na comunicação entre parentes e amigos. O migrante está inserido num mundo onde a globalização dispensa fronteiras, muda parâmetros constantemente, ostenta luxos, esbanja informações, estimula consumos, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor (MARTINE, 2005).

O espaço moderno move o consumidor a consumir e, por que não dizer que com isso, também acaba influenciando ou mesmo movendo o migrante a migrar. Os consumidores tentam encontrar a sua realização na mercadoria, na contemplação da mercadoria ou no imaginário da mercadoria. Porque a mercadoria é a promessa de felicidade, muitas vezes sinônimo da própria felicidade (FERREIRA, 2007).

O desejo de viver em outro país pode estar relacionado a uma nova forma de consumo conspicuo que, conforme explana Contel (2006), refere-se ao consumo voltado para a manutenção do status ou da posição social do indivíduo consumidor, e diz respeito muito mais ao hábito de ostentação.

É importante destacar que a aspiração do consumo e de um padrão de vida específico é estimulada pela publicidade e pelo marketing. Além disso, há uma

postura submissa e subalterna de parcela da sociedade que tende a valorizar o exterior em detrimento do nacional.

Concordamos com Aline Santos (2010), quando ela afirma:

A experiência de viver no exterior é repleta de significações positivas para o Brasil. Nesse sentido, morar em algum país europeu, nos Estados Unidos, ou em outros países ricos constitui-se na ilusão de maior acesso ao consumo e prestígio social no Brasil, ainda que isso signifique, para o migrante, condições de vida piores do que a anterior (p. 31).

Para Margolis os imigrantes tendem a aceitar trabalhos degradantes devido à natureza temporária de sua migração.

O benefício da migração transnacional para o mundo industrializado é substancial: ela se concentra numa massa de trabalhadores de baixo custo, geralmente bem preparados, que desejam, ou até mesmo se mostram ansiosos por preencher vagas que, de outra maneira, permaneceriam ociosas (MARGOLIS, 1994, p.15).

Observa Sales (1996) que os migrantes encontram-se, sobretudo, no setor secundário, sendo os empregos no setor primário largamente reservados para os nativos. Os empregos no mercado de trabalho secundário são aqueles que requerem pequenos ou nenhum treino, estão na mais baixa escala de salários, oferecem pouca ou quase nenhuma oportunidade de mobilidade e são caracterizados pelo rápido *turnover*²¹.

Um dado fundamental é que muitos imigrantes se mostram dispostos a viverem em condições de incômodo extremo e a realizar trabalhos indesejáveis que não aceitariam em seus próprios países, e que inclusive aceitariam localizar-se abaixo de seu extrato social e educativo (SASSEN, 2010, p. 169).

Tal qual a caracteriza Harvey (2012), a acumulação flexível apoia-se na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. A presença de trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho dos países capitalistas avançados é decorrência, em última análise, de uma característica estrutural do capitalismo em suas atuais carências de mão de obra, na

²¹ Rotatividade (tradução nossa).

qual os trabalhadores subcontratados, os temporários, os trabalhadores *part time*²² – numa palavra, o setor informal moderno – seriam a expressão mais contundente da flexibilização do trabalho (SALES, 1996).

Por mais que as poucas pesquisas e a observação enfatizem que a maioria dos migrantes é constituída de indivíduos de nível de escolaridade bastante elevado e oriundos de famílias de classe média, sua inserção no mercado de trabalho nos Estados Unidos ocorre, principalmente, em ocupações no âmbito dos serviços. (KLAGSBRUNN, 1996, p. 38).

Para Evans (2010), embora o denominador comum de tais atividades seja o baixo nível da qualificação exigido, a divisão sexual do trabalho pode mostrar-se bastante diferenciada. Na Irlanda, as mulheres se inserem no mercado de trabalho por meio dos cuidados de crianças, como babás e *au pairs* (41%), seguido dos serviços de faxina e limpeza (24%). Já os homens encontram nos bares, hotéis e restaurantes a principal possibilidade de trabalho (44%), seguido também do setor de faxina e limpeza (22%). Destacamos que só as mulheres trabalhavam como babás, situação semelhante à encontrada por Evans (2010) em seu trabalho sobre os brasileiros em Londres. Abaixo segue a tabela com a distribuição dos migrantes por grupo de ocupação²³.

Tabela 5 - Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação.

Ocupação	Feminina	Masculina
Babás/ <i>Au pairs</i>	41,71	-
Faxina/Limpeza	24,17	22,95
Bares, Hotéis e Restaurantes	17,54	44,26
Atendimento ao cliente e Vendas	9,95	11,48
Técnicos	2,37	1,64
Estágio	1,42	-
Administração	1,42	3,28
Idiomas (professor, tradutor)	1,42	8,20
Outros	-	8,20
Total (%)	100,00	100,00
Número absoluto	207	103

Org. Alessandra G. Soares

Fonte: Questionários aplicados - 2014.

²² Meio período (tradução nossa).

²³ Estamos denominando por ocupação qualquer forma de trabalho remunerado para o qual o indivíduo trabalha de forma regular ou irregular, podendo ou não demandar os conhecimentos profissionais obtidos com a formação no Brasil.

Conforme Klagsbrunn (1996) em praticamente todos os casos de emigração, uma das poucas vantagens dos imigrantes frente aos naturais do país é que nos primeiros tempos, quando predomina a ideia de uma migração temporária, o migrante está disposto a aceitar qualquer tipo de trabalho, muitas vezes fazendo coisas que não aceitaria em seu próprio país.

É o mesmo espírito de tudo sacrificar, por pouco tempo, que leva os imigrantes a aceitarem empregos que os naturais não aceitam e a viver sob condições muito precárias, dividindo espaço com muitos companheiros em quartos apertados de pensões ou em apartamentos minúsculos. (KLAGSBRUNN, 1996, p. 39).

A maioria dos brasileiros que entram no mercado de trabalho internacional executa tarefas que não exigem qualificação, seja nos Estados Unidos, Europa ou Japão. “São trabalhadores migrantes que, mesmo possuindo elevada escolaridade, são contratados para funções desqualificadas” (KAWAMURA, 1999, p. 39).

Para Massey e Capoferro (2008) A imigração não é um processo suave. Migração de longa distância, muitas vezes começa com perturbações econômicas nos locais de origem e destinos. Além disso, no local de destino os trabalhadores imigrantes preenchem nichos econômicos que mantêm algumas indústrias no mundo dos negócios; imigrantes estão dispostos a fornecer serviços de baixo custo e criam demanda econômica para habitação e comércios locais.

Os brasileiros estudados por nós na graduação passaram por um processo de queda em seu *status* profissional, de trabalhadores qualificados que eram no Brasil, para ocupantes de posições no mercado de trabalho irlandês que não demandavam qualificação. Ainda assim, muitos pretendiam ficar na Irlanda alegando terem uma melhor remuneração, possibilidade de comprar bens de consumo e maior qualidade de vida (SOARES, 2010). Conforme Castells (2002, p. 95), “a maior parte da Europa Ocidental ainda goza dos mais elevados padrões de vida do mundo e da história da humanidade”.

Segundo Ferreira (2007) a migração internacional contemporânea é um negócio interessante para o capital, que necessita de mão de obra sem maiores custos sociais, para competir nos mercados globais, sendo também um meio dos migrantes se inserirem de forma precária no mundo moderno, mas em uma posição aparentemente melhor do que se estivessem no seu lugar de origem. “Os imigrantes

têm uma longa história de serem contratados para fazer trabalhos mal remunerados, que exigem pouca formação educacional e que normalmente estão situados nos setores menos avançados” (SASSEN, 2010, p. 125).

Para a Irlanda é vantajoso ter disponível mão de obra migrante, pois estes não apresentam custos de formação, fazem as contribuições sociais, ocupam imóveis, pagam cursos de idiomas, e não recebem os mesmos benefícios sociais dos nacionais. Eles têm os deveres, mas não os direitos.

Os imigrantes trabalham o máximo que podem, não se importando – de forma explícita, pelo menos – com as condições de trabalho desconfortáveis, horários irregulares, trabalho nos finais de semana, os baixos salários (compensados no momento da conversão cambial), o baixo prestígio, entre tantas outras desvantagens. O objetivo é o de acumular a maior quantidade de dinheiro no menor período. Entretanto, diferentemente do que observaram Margolis (1994), Sales (1999a), Ferreira (2007), Assis (2011), entre outros pesquisadores, o interesse destes brasileiros está mais ligado ao ganho de capital cultural, através do acesso à viagens internacionais, cultura e lazer em geral.

Tabela 6 – Viagens internacionais e na Irlanda

Viagens	Sim, frequentemente	Sim, às vezes	Não
Realiza viagens internacionais	62%	27%	11%
Realiza viagens na Irlanda	65%	22%	13%

Org. Alessandra G. Soares

Fonte: Questionários aplicados - 2014.

Em relação ao trabalho, nosso levantamento evidencia que os migrantes trabalham em média 30 horas por semana e recebem um salário médio de 1.020,00²⁴ Euros por mês. O gasto mensal principal no país é com moradia (370 Euros), seguido pela alimentação (145 Euros). Na média o custo de se viver em Dublin é de 580 Euros por mês, valor atrativo para se viver numa capital europeia, principalmente pra quem sai de cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro, nas quais o custo de vida é bastante elevado.

²⁴ Conversão de acordo com o Banco do Brasil dia 28 de outubro de 2014: 1 Euro = 3,17 Reais.

3.3 De passagem ou para ficar? Redefinição da expectativa temporal e a importância das redes sociais

Há o recorrente discurso entre os migrantes de que estão somente de passagem, de que é algo temporário, mas muitos adiam constantemente o retorno até a migração tornar-se permanente. Conforme Meihy, “uma expectativa de retorno iminente frequenta os discursos” (2004, p. 43).

Os resultados do levantamento mostraram que 25% dos brasileiros não pretendem retornar em definitivo ao Brasil, e outros 38% estão indecisos se retornam ou se ficam na Irlanda. Outros 37% afirmaram que pretendem retornar em definitivo ao Brasil. É importante destacarmos que entre os indivíduos que responderam que retornarão, 40,5% prorrogaram as validades dos seus vistos. Esta proporção aumenta entre os que estão indecisos para 61,5%. Sendo assim, dos 310 brasileiros pesquisados 63% informam que não pretendem retornar ao Brasil ou que estão indecisos em relação ao retorno.

Quando os migrantes decidem prorrogar a permanência na Irlanda, os laços com o país se fortalecem e outros acabam sendo criados. “A redefinição da expectativa temporal resulta pois em um novo projeto, no qual o imigrante começa a encarar a perspectiva de lá permanecer por um tempo mais longo de sua vida” (SALES, 1999, p. 19). Todavia, eles permanecem “nutrindo a ideia de que estão no exterior por conveniência e temporariamente, **mas que, um dia, voltarão**” (MEIHY, 2004, p. 42, grifo do autor). Em muitos casos, falta coragem para assumir que tal experiência extrapola os limites da aventura episódica e se constitui em processo migratório.

A manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanentemente [embora] esse “provisório” possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse ‘definitivo’ jamais seja enunciado como tal (SAYAD, 1998, p. 46).

Sayad (1998) aponta para a condição imigrante como sendo constituída por uma contradição: provisório permanente, mas que pode durar indefinidamente.

Segundo Margolis (1994), “estudos sugerem que muitos imigrantes continuam presos ao mito do retorno²⁵, mesmo depois de vencidos vários de seus próprios prazos para voltar”. Os imigrantes “se adaptam a seus empregos servis e à perda de padrão social que sofrem, porque veem a ambos como temporários” (p. 48 e p. 396).

Na medida em que o imigrante brasileiro vai redefinindo sua expectativa de permanência na Irlanda por um período mais longo do que o planejado ao sair do Brasil, ele volta-se mais para a sua vida lá.

É recorrente na fala dos imigrantes a natureza transitória da mobilidade. No caso dos brasileiros na Irlanda não é diferente do que foi observado por outros pesquisadores como Margolis²⁶ (1994), Sayad²⁷ (1998), Sales²⁸ (1999), Kawamura²⁹ (1999), entre outros.

Para Sales (1999a), a redefinição da expectativa temporal é reveladora das mudanças nos projetos de permanência dos emigrantes brasileiros, indicando o amadurecimento das redes sociais. Elas são expressas territorialmente através dos fixos, a exemplo dos comércios étnicos e da Igreja. Segundo a autora, conforme se dá o amadurecimento das redes sociais, há uma redefinição da expectativa temporal.

Para Castells estas redes podem ser virtuais: “a Internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores: é a rede que liga a maior parte das redes” (2007, p. 431). Segundo o autor, mesmo as redes virtuais podem gerar reciprocidade e apoio.

Os usuários da Internet ingressam em redes ou grupos *online* com base em interesses em comum, e valores, e já que têm interesses multidimensionais, também os terão suas afiliações *online*. Não obstante, com o passar do tempo, muitas redes que começaram como instrumentais e especializadas acabam oferecendo apoio pessoal (CASTELLS, 2007, p. 444).

²⁵ De acordo com o antropólogo George Gmelch, alguns grupos de imigrantes se agarram a uma “ideologia da volta”, independentemente de quanto tempo tenham permanecido no país que os recebeu.

²⁶ MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York**. Campinas: Papirus Editora, 1994.

²⁷ SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

²⁸ SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

²⁹ KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros no Japão**. Campinas: Unicamp, 1999.

Os avanços tecnológicos permitem que a pessoas não se sintam mais tão distantes, quanto antes. “Os imigrantes atuais têm mais possibilidades de manter uma comunicação fluida com o local de origem” (OLIVEIRA, 2006, p. 18).

As migrações contemporâneas são uma expressão da rearticulação entre o global e o local, criando um campo social entre dois lugares – transnacional. O emigrante contemporâneo cruza fronteiras nacionais, mas mantém suas relações familiares, afetivas, econômicas e culturais com a terra natal, estabelecendo uma complexa rede de relações entre a sociedade de origem e a sociedade de destino (ASSIS, 2011).

Abaixo temos um gráfico que exemplifica como se deu o acesso às informações referentes à Irlanda. A coleta de informações durante o processo migratório é fundamental para a definição de país.

Gráfico 8 – Consulta de informações sobre a Irlanda – 2014

Org. Alessandra G. Soares. Fonte: Questionários Aplicados – 2014.

Os brasileiros buscaram informações sobre a Irlanda na internet (34%), com amigos brasileiros que estão ou já estiveram na Irlanda (27%), em agências de intercâmbio (25%), em feiras de intercâmbio e outros (5% cada), jornais e revistas (3,5%) e consulado (0,5%).

É comum os brasileiros que estão no país há mais tempo ajudarem os recém chegados. Os resultados mostram que a maior parte dos brasileiros (82%)

receberam ajuda de outro brasileiro, o que mostra a força da rede social existente no país. Estes brasileiros que se já vivem na Irlanda ajudam na inserção e na adaptação daqueles que acabaram de chegar.

O migrante precisa de um tempo para reconhecer-se e orientar-se. As culturas são diversas e para ele tudo é novidade. A mediação exercida pelas redes sociais facilita este processo de orientação inicial. Salientamos que o indivíduo é moldado pela cultura: o que sabe fazer, suas maneiras de sentir e de ver, suas aspirações, são recebidos de seu círculo ou construídos a partir dos elementos por ele fornecidos (CLAVAL, 2007, p. 106).

De acordo com Margolis (2003) Os pesquisadores sempre souberam que as condições econômicas tanto nos países de origem quanto nos países anfitriões não são os únicos catalisadores para a imigração internacional. Uma vez que um fluxo de migração esteja em ação, como uma bola de neve, ele traz famílias e amigos adicionais. À medida que uma rede de imigrantes cresce, o fluxo migratório entre os dois países se torna mais independente dos fatores que o causaram inicialmente.

Amigos e parentes brasileiros ajudam os recém-chegados a achar um lugar para morar, um emprego e aconselham sobre os problemas práticos da vida na Irlanda, como usar o transporte público, como abrir uma conta bancária, onde comprar roupas de inverno etc. As redes sociais que hoje desempenham importante papel na mobilidade de brasileiros foram criadas nos anos de crescimento econômico irlandês. Conforme Assis,

as redes sociais no processo migratório contribuem para questionar a imagem da migração como produto de um cálculo racional, resultando, particularmente, a importância das redes de parentesco, amizade e origem comum nesse processo. No caso da migração de longa distância, quanto mais estabelecidas estão as redes, maiores chances tem o migrante no local de destino (2011, p. 62).

Ocorre uma interessante conexão entre a importância das redes para a migração de longa distância, geralmente vinculada à migração internacional, e a atuação das redes nas migrações internas. Em ambos os casos, elas ajudam o migrante a se inserir na sociedade de migração e constituem-se num capital social e cultural muito importante para o ajustamento dos migrantes na sociedade de acolhimento/recepção (ASSIS, 2011).

Para Reis (2002) O desenvolvimento do capitalismo global e a formação de redes transnacionais são apontados como os principais propulsores dos movimentos migratórios. Tal como outros fluxos migratórios internacionais (ASSIS, 2011), os imigrantes brasileiros utilizam-se das redes sociais para minimizarem os riscos presentes na migração de longa distância.

Conforme Sales (1999a), os fluxos migratórios tendem a ser fortemente influenciados pelas redes sociais, que contribuem não apenas para oferecer os referenciais do local de destino, como a acomodação inicial do imigrante e sua inserção no mercado de trabalho.

Apesar das inúmeras vantagens que os imigrantes podem ter com o apoio das redes sociais, precisamos destacar que estas estão longe de serem ausentes de tensões e conflitos (GOZA, 2003). As relações de poder se fazem presentes dentro das redes sociais, uma vez que elas não assumem a mesma forma para todos os indivíduos. Os sujeitos têm papéis e privilégios diferenciados dentro das redes, conforme a idade, origem, classe social, gênero etc.

3.4 Recriando o Brasil na Irlanda

Quando saem, os brasileiros tendem a se reunir em restaurantes e casas noturnas que oferecem comida e/ou música brasileira. “Os espaços sociais do deslocamento são importantes na (re)criação de representações, conformação de territorialidades nas áreas de migração” (SILVA, 2012, p. 16).

Para Orozco e Wilson (2005), o fluxo migratório produz uma ampla gama de efeitos econômicos, que alimentam a oferta e a demanda de cinco elementos da migração: remessas, turismo, transporte, telecomunicações e comércio nostálgico.

As transformações presentes na paisagem denunciam os processos espaciais, entre eles as migrações. Novos objetos materiais adicionados aos territórios e novos usos dados às velhas formas revelam a presença brasileira no mercado de trabalho, na sociedade e no território irlandês. Há uma multiplicidade de elementos que comprovam a importância da comunidade brasileira, como por exemplo, as igrejas.

Na Irlanda, país de maioria católica, já existe algumas igrejas que celebram a missa em português, um domingo por mês. As igrejas pentecostais brasileiras surgem numa velocidade maior e se espalham pelo território, conforme podemos observar nas figuras a seguir.

Figuras 9 e 10. Igrejas evangélicas brasileiras na Irlanda

Autor: Willian dos Santos, 2013.

Dentre os espaços de territorialização do Brasil na Irlanda encontram-se as igrejas protestantes brasileiras, que celebram o culto em português. “Na igreja, amizades são feitas, relações afetivas se estabelecem e empregos podem surgir” (RIBEIRO, 1999, p.51). Afinal, o migrante precisa sentir que pertence à algum lugar.

A participação das igrejas nos movimentos de migração internacionais é um fenômeno de caráter milenar. As igrejas são, por definição, instituições expansionistas: é preciso levar a palavra de Deus, qualquer que seja ele, aos mais recônditos confins. Ademais, os deslocamentos populacionais envolvem perdas, inquietação e desamparo. Desamparados e aflitos compõem um dos públicos-alvo das igrejas, especialmente das mais recentes, ou seja, das igrejas pentecostais (MARTES, 1999, p.87).

Embora o número de brasileiros na Irlanda siga indeterminado, existe uma presença brasileira visível e crescente, que pode ser observada pelo incremento de negócios e serviços voltados à comunidade. Há uma gama variada de lojas e minimercados de produtos brasileiros, salões de beleza, restaurantes com o tradicional arroz e feijão etc., conforme observamos nas figuras a seguir.

Figuras 11 e 12 - Venda de alimentos e produtos brasileiros em Dublin

Fonte: Propagandas em comunidades virtuais, 2014.

Figuras 13 e 15 – Comida brasileira em Dublin

Fonte: Propagandas em comunidades virtuais, 2014.

Figura 14 – Caffé Brazil

Autor: Ivo Milani, 2014.

O aumento da presença brasileira na Irlanda estimulou o surgimento de restaurantes de comida típica brasileira, mercearias, cafés, entre outros empreendimentos cujo foco é o público brasileiro, gerando o que Graça Brightwell (2010) em seu estudo sobre brasileiros em Londres denominou como “economia da saudade”. Segundo a autora,

a “**fome de casa**” movimenta não só um setor econômico para donos de bares, restaurantes, mercearias e cafés brasileiros. A criação destes estabelecimentos cria novas geografias nos lugares onde se situam, produzindo sentidos de brasilidade para brasileiro(a)s e para outros grupos (BRIGHTWELL, 2010, p. 28, grifo nosso).

As festas típicas brasileiras são muito presentes, com baladas nas quais se escuta forró, samba, sertanejo. “Os bares, restaurantes e night clubs são cenários importantes onde se processa a imagem do Brasil, por meio da sua música, dança, bebida ou comida” (RIBEIRO, 1999, p.47). Essa territorialização demonstra como os brasileiros estão influenciando o espaço irlandês em diferentes aspectos e revela novas relações entre estes grupos. Esses elementos reforçam a territorialização dos brasileiros na Irlanda e são o que Meihy (2004, p.65) chama de “reinvenção de nichos culturais materializados”.

Figuras 16, 17, 18, 19 e 20 – Festividades brasileiras em Dublin
Fonte: Propagandas em comunidades virtuais, 2014.

Também são muitos os empreendedores que disponibilizam seus produtos e serviços nas redes sociais da internet. Entre eles é possível encontrar: cursos de

inglês, serviços de taxi, cabeleireiras, cartomantes, bolos e salgados para festas, entrega de bebidas etc.

A presença brasileira está se solidificando. Em Gort (Galway), por exemplo, existe desde 2005 a “Associação Brasileira de Gort”, criada por brasileiros e irlandeses e o grupo de mulheres “Amizade em Ação”, voltado para práticas esportivas e de artesanato.

A tendência para o associativismo que, de modo geral, decorre naturalmente da sociabilidade da espécie humana, encontra expressão concreta no espaço das comunidades brasileiras no estrangeiro, assumindo formas associativas muito diversas (ROCHA-TRINDADE, 1995, p.178)

Em 16/06/2013 cerca de 1.800 brasileiros saíram às ruas em Dublin em apoio aos protestos que estavam acontecendo por todo Brasil. A manifestação pacífica recebeu autorização e foi acompanhada pela Garda, a polícia local. O manifesto ocorreu na principal avenida do país, a O'Connell street (Dublin) e foi uma demonstração do volume de brasileiros na capital irlandesa.

Figuras 21, 22 e 23 - Protestos em Dublin: apoio ao movimento iniciado pelo aumento das tarifas de ônibus no Brasil – Junho, 2013

Fonte: G1

Entre inúmeras frases observadas nos cartazes, uma delas dizia em inglês: “Desculpem-nos a inconveniência. Nós estamos construindo um novo Brasil”. Este tipo de manifestação mostra que a comunidade está preocupada com o país de origem, vivenciando de alguma forma o que se passa no Brasil. A instantaneidade dos acontecimentos ultrapassam as fronteiras, e emergem o sentimento de pertencimento. Lutar para melhorar o Brasil, afinal, é pra onde eles almejam retornar, mesmo que este retorno seja constantemente adiado.

A mobilidade crescente multiplica os contatos entre as culturas. “A geografia cultural se constitui do olhar voltado para as sensações e percepções, a comunicação e a construção de identidades, insistindo então no papel dos indivíduos e nas dimensões simbólicas da vida coletiva” (CLAVAL, 1997, p. 92).

A aproximação dos diferentes, sobretudo pelas migrações, exige mais que uma nova cultura de tolerância. Coloca-nos diante da necessidade de apurarmos uma cultura que considere o outro enquanto outro e tenha na outriedade a condição do diálogo que, para ser verdadeiro, há que ser feito entre entes que diferem, literalmente difer-entes (PORTO-GONÇALVES, 1995, p. 204).

Ainda sobre a presença brasileira na Irlanda, em julho de 2014, foi inaugurada uma exposição retrospectiva da obra de Hélio Oiticica no *Irish Museum of Modern Art*, o mais importante do país, levando para Dublin mais de 100 trabalhos desse grande artista brasileiro, objetivando aproximar os dois países, dado o crescimento da comunidade brasileira.

3.5 Era uma vez... brasileiros em Gort, Galway

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, quando a Irlanda estava no meio de um *boom* econômico, surgiu a necessidade de mão de obra migrante para trabalhar em uma série de ocupações nas quais o povo irlandês não queria mais trabalhar. Segundo Maher (2011), as indústrias de processamento de carne (matadouros), cuidado de idosos e trabalho ao ar livre (agricultura e construção) foram os principais tipos de emprego para muitos imigrantes brasileiros.

Gort é um município rural do condado de Galway, oeste da Irlanda que no fim dos anos 1990 passou a receber imigrantes brasileiros oriundos de Anápolis, Goiás. Sheringham (2009) afirma que os primeiros brasileiros chegaram entre 1999-2000 para trabalharem em um frigorífico e, poucos anos depois, já representavam quase a metade da quantidade dos habitantes daquele município. O início se deu com um empresário dono de frigoríficos que trabalhou no Brasil. Foi ele quem recrutou os primeiros trabalhadores. Posteriormente, estes brasileiros pioneiros, através de uma rede de contatos familiares e de amizade, facilitaram a chegada de novos migrantes.

Uma vez na Irlanda, muitos migrantes procuraram tornar-se culturalmente estabelecidos, mas mantiveram costumes e práticas religiosas. O Catolicismo Romano tornou-se um elo comum que uniu irlandeses e brasileiros, servindo também como uma ferramenta para a integração. Além disso, igrejas evangélicas brasileiras foram criadas.

Conforme, Sheringham (2009) o processo de “Brazilianisation” deste pequeno município foi muito bem sucedido, tornando-se exemplo de integração com a população local. Não ocorre segregação espacial entre irlandeses e brasileiros em relação a moradia. Não há o “bairro latino” ou a “rua brasileira”. As crianças estudam nas mesmas escolas e 40% dos alunos são brasileiros. Irlandeses e brasileiros celebram o Carnaval, a Festa Junina e o dia de São Patrício.

Apesar da boa integração, os imigrantes brasileiros continuam mantendo fortes vínculos com os conterrâneos, tanto com os que moram na Irlanda, quanto com os que vivem no Brasil, resultando no processo que Maher (2011) denominou de transnacionalismo. Os migrantes brasileiros, segundo o autor, seriam migrantes transnacionais que vivem entre dois mundo e estariam construindo comunidades transnacionais (MAHER, 2010).

A fábrica que empregava a maior quantidade de brasileiros em Galway fechou no final de 2007, resultando no retorno de grande parte destes migrantes para Anápolis. Um grupo de aproximadamente 500 brasileiros permaneceram em Gort e estão inseridos no mercado de trabalho esporádico (colheitas) ou serviços domésticos.

3.6 Novas leis para estudar e trabalhar na Irlanda a partir de 2015

O maior atrativo para a ida de brasileiros para a Irlanda tem sido a facilidade de ficar no país regularmente e com acesso ao mercado de trabalho. Todavia, há uma expectativa de mudança de leis no país a partir de janeiro de 2015. O governo irlandês está preocupado com a baixa qualidade de ensino oferecida por muitas instituições de ensino do país.

Há uma parte da indústria de ensino que aplica taxas com valores insustentavelmente baixos se comparados com os custos envolvidos na entrega de um ensino de alta qualidade, o que tem atraído estudantes que estão apenas interessados no direito ao trabalho. (DEPARTMENT OF EDUCATION AND SKILLS, MINISTER FOR JUSTICE AND EQUALITY, 2014, p. 5).

Conforme este mesmo relatório do governo (2014), a alta qualidade do ensino, tanto superior quanto do idioma inglês, é estratégica para a promoção da Irlanda no exterior. A aplicação de normas de qualificação e a garantia de qualidade têm sido vistos como fundamentos da oferta de ensino na Irlanda a serem promovidos internacionalmente³⁰. Será preciso oferecer cursos com valores mais altos e com melhor qualidade, para incrementar a quantidade de alunos vindos dos países da Comunidade Econômica Europeia³¹ que buscam a Irlanda por sua alta qualidade de ensino, e diminuir o ingresso de alunos de outros países que estão em busca de visto que permita o trabalho.

Foi verificado que em muitos casos há uma intenção de imigração na contratação dos cursos e é exatamente isto que o governo irlandês quer evitar com a aplicação de medidas mais severas.

De acordo com o Department of Education and Skills (2014), a internacionalização dos serviços de educação proporciona benefícios importantes para a Irlanda, como o desenvolvimento de redes globais, além do mais, este setor

³⁰ Tradução nossa.

³¹ Composta pelos 28 países da União Europeia mais Noruega, Islândia, Suíça e Liechtenstein (INIS, 2014).

também faz uma significativa contribuição para a economia irlandesa, estimado em mais de 800 milhões de Euros³².

Conforme o *Regulatory Reform of the International Education Sector and the Student Immigration Regime*, publicado em Setembro de 2014, “novas regras estarão sendo criadas com o intuito de proteger os consumidores e os interesses educacionais dos **estudantes genuínos**³³, evitar o abuso do mercado de trabalho, proteger os prestadores públicos e privados de alta qualidade de educação internacional na Irlanda e salvaguardar a reputação da Irlanda”. (DEPARTMENT OF EDUCATION AND SKILLS, 2014, p.3).

Estas novas regras, que entrarão em vigor em Janeiro de 2015, contam com um conjunto mais restritivo de programas permitido aos estudantes, para inibir aqueles com fins de imigração. Somente os programas de ensino de inglês credenciados ou reconhecidos pelo governo irlandês e setores de ensino superior serão permitidos. Além disso, o regime de inspeção será reforçado.

Apenas a partir de 2015 será possível dizer como estas mudanças em curso irão interferir na vida e na mobilidade dos brasileiros para a Irlanda.

³² Cotação em 26/09/2014: 1 Euro = 3,08 Reais (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2014).

³³ Grifo nosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou analisar a migração internacional contemporânea de brasileiros para a Irlanda, movimento recente que conhece um crescimento significativo no início do século XXI, englobando suas esferas e implicações econômicas, políticas e culturais.

Os dados revelados através da pesquisa realizada acabaram por confirmar, em parte, as expectativas desenvolvidas através das hipóteses iniciais de trabalho.

Para muitos brasileiros que estão na Irlanda, o intercâmbio é apontado como uma etapa para o projeto de busca por ascensão social quando retornar ao Brasil, muitas vezes por meio do acúmulo de capital cultural e da fluência no idioma inglês.

Quando falamos da emigração de brasileiros, não estamos falando de pessoas que saíram de alguma região empobrecida do interior do país. Estamos tratando de sujeitos urbanos, com alta escolarização e qualificação profissional, com disponibilidade de recursos para serem investidos na mobilidade. Com base no bom conhecimento da língua inglesa e na alta escolaridade com predomínio de pessoas com curso superior ou pós-graduação, podemos afirmar que, diferentemente do que muitos pensam, não foram os mais pobres que buscaram a Irlanda como destino. Isto demonstra que ocorre uma seletividade nesta mobilidade.

As emigrações brasileiras continuam ocorrendo, mesmo no momento em que o Brasil está apresentando uma histórica estabilidade econômica, com ascensão social das classes mais baixas, e baixo índice de desemprego. De acordo com as interpretações tradicionais sobre as causas das migrações, esta combinação de tendências econômicas deveria ter ajudado a evitar a emigração, ou ao menos a mantê-la em níveis relativamente baixos. Acreditamos que a participação das redes sociais foi de grande relevância para a manutenção e ampliação do fluxo de brasileiros para a Irlanda. Sendo assim, apesar da importância em sempre buscarmos uma forma pluralista de análise, a teoria das redes sociais se destaca como a que melhor explica a recente migração de brasileiros para a Irlanda.

A continuidade do movimento migratório do Brasil para a Irlanda pode ser explicada, em parte, pela teoria das redes sociais. Tais redes foram criadas ao longo da década anterior, quando a Irlanda ainda apresentava os maiores índices de

crescimento econômico da União Europeia, atraindo imigrantes do mundo todo para seu território.

As redes de relações sociais são compartilhadas durante a experiência migratória. Pertencer à rede social na migração implica oportunizar recursos e informações, o que permite ao migrante amenizar as dificuldades de sua trajetória, instalação e adaptação. Os brasileiros na Irlanda majoritariamente receberam orientações de outros brasileiros, tanto no Brasil quanto na Irlanda. Também é entre os brasileiros que se divide moradia, recebe auxílio na obtenção de trabalho, com quem se viaja etc., revelando a presença marcante das redes sociais.

Os brasileiros na Irlanda costumam viajar e dedicar parte do tempo para o lazer, conforme observamos nas questões sobre viagens dentro da Irlanda, viagens para outros países, atividades no tempo livre. Isso os diferencia dos brasileiros nos Estados Unidos, que segundo Margolis (2003), a maioria dos imigrantes brasileiros vem para os EUA para trabalhar e ganhar o máximo de dinheiro no tempo mais rápido possível para o retorno ao Brasil.

Existe uma relutância, nas referências, em admitir que os estudantes possam ser - ou são - imigrantes na Irlanda. Desmitificar que a migração é só por base de trabalho. Há, sim, outros motivos, motivações, necessidades a serem contempladas.

Obtivemos a confirmação de algo que havia sido percebido ainda na pesquisa exploratória: a de que vem ocorrendo uma redefinição da expectativa temporal e do projeto do migrante brasileiro na Irlanda, quando este começa a encarar a perspectiva de lá permanecer por um tempo mais longo de sua vida. Conforme Sales (1999), esse novo projeto, embora tenha um marco temporal na vida de cada imigrante, é, contudo, reforçado em grupo, porque são expectativas fortemente compartilhadas. Esses sinais não significam uma quebra brusca das redes sociais no Brasil, mas apenas a solidificação de novas redes no local de destino.

Percebemos que não é possível separar os movimentos migratórios em temporários e permanentes. O que tem início como temporário pode se tornar permanente ou ter uma longa duração. As informações circulam rapidamente e

permitem que as pessoas mudem de ideia, decidam se deslocar para outro país ou mesmo antecipar o retorno.

A maioria dos brasileiros que estão na Irlanda o fazem dentro de forma legítima pelo Estado, embora muitos usem o visto de estudante como forma de acesso para uma imigração permanente ou de longa duração.

Procuramos demonstrar que uma série de eventos contribuíram para a Irlanda emergir como itinerário migratório para os brasileiros. Ao agregar este novo destino, apropriações territoriais das mais diversas foram efetuadas. A “descoberta” da Irlanda faz parte das estratégias adotadas pelos brasileiros, que visando uma possibilidade de viver no exterior de forma regular, passaram a acionar novos lugares para efetuar sua mobilidade, efetivando processos territoriais.

Emigração de um grupo de brasileiros jovens, com nível educacional superior à média nacional, mas que não consegue ocupar posições compatíveis com sua formação no mercado de trabalho irlandês. Esta observação nos faz questionar se estaria havendo “*desperdício de cérebro*” ou, se de fato, estes brasileiros estariam investindo em qualificação profissional e acúmulo de capital cultural na Irlanda para uma melhor colocação no mercado de trabalho brasileiro que lhes permitam alguma ascensão social no retorno ao Brasil. Dada a recência do fenômeno, ainda não podemos responder este questionamento.

Enquanto estudantes e trabalhadores na Irlanda, estes brasileiros se percebem com mais direitos do que no Brasil, onde são cidadãos. Isto se dá por estarem inseridos de forma mais intensa no mundo de consumo, pela possibilidade de deslocamentos internacionais – sinônimo de *status* entre os brasileiros – e pelo acesso a uma melhor qualidade de vida do que a experienciada no Brasil. É preciso pensar no migrante para além do trabalho. Muitos buscam uma alternativa de vida, reconstruções identitárias que buscam a realização e a revalorização pessoal.

As informações captadas por meio dos nossos questionários foram fundamentais para a argumentação proposta neste trabalho, mas somos obrigados a reconhecer alguns limites da pesquisa. Se fosse possível retornar ao momento de construção do instrumento de coleta de dados, algumas novas variáveis seriam incorporadas. O processo de pesquisa foi tão diferenciado quanto o próprio

fenômeno aqui abordado, partindo dos mesmos princípios e caminhos, isto é, usando quase que exclusivamente os meios digitais.

Por se tratar de um movimento recente e pouco expressivo numericamente, a mídia e a sociedade brasileira têm dado pouca ênfase para os emigrantes brasileiros que partem para a Irlanda, contrapondo o destaque que recebem os conterrâneos nos Estados Unidos, Japão, Paraguai e Portugal.

A comunidade brasileira na Irlanda encontra-se em processo de construção de uma identidade. É importante ressaltar que se trata de um processo migratório recente, que está na sua primeira geração. Também está concentrado em alguns pontos de destinos no país, principalmente em Dublin.

Compreendemos que o indivíduo se modifica ao se confrontar com o novo, mas também muda o lugar neste contato. Territorialidades são conformadas, assim como o sentido de apropriação. Os brasileiros na Irlanda mostram sua cultura por meio da música, da língua, da comida etc.

O trabalho sobre os brasileiros na Irlanda enfrentou a escassez e/ou pouca confiabilidade das fontes. Tratando-se de um trabalho de caráter exploratório, portanto, não foi possível traçar um perfil senão muito incompleto daquele grupo. O que sabemos é que este grupo de brasileiros está buscando de um país de língua inglesa, facilidade para permanência legal, possibilidade de trabalho. Este movimento está sustentado, num primeiro momento, no conhecimento de idiomas e na busca de capital cultural e tem sido viabilizado pelas redes sociais já consolidadas no país.

REFERÊNCIAS

- ANTICO, Cláudia. Por quê migrar? In: PATARRA, Neide; BAENINGER, Rosana; BOGUS, Lúcia; JANNUZZI, Paulo (orgs.). **Migrações, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993**. Unicamp/IE: Campinas, 1997, p. 97-112.
- ARROYO, Mónica. A vulnerabilidade dos territórios nacionais latino-americanos: o papel das finanças. In: LEMOS, A. I. G. de; SILVEIRA, M. L.; ARROYO, M. (orgs.). **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2006, p. 177-190.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- BAENINGER, Rosana. **La migración internacional de los brasileños: características y tendencias**. Série Población y desarrollo. Santiago de Chile: CEPAL-CELADE, Maio de 2002.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Taxa de câmbio**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?txcambio>>. Acesso em: Setembro, 2014.
- BASSANEZI, M. S. C. B. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil – v. 1. 2. ed. Campinas: FNUAP, 1996, p. 1-38.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, Georg.e (org.s.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia de população**. 2. ed. Nacional: São Paulo, 1980.
- BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. P.319-366. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, P.C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Explorações geográficas: Percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BILAC, Elisabeth D. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo, FUNAP, 1995, p. 65-77.
- BÓGUS, Lucia Maria Machado. Migrantes Brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil – v. 1. 2. ed. Campinas: FNUAP, 1996, p. 111-121.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor LTDA, 1983.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, p.11-12.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia/Ministério da Educação. **Ciência Sem Fronteiras**. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf>>. Acesso em: Setembro, 2014.

BRIGHTWELL, Graça. Saboreando o Brasil em Londres: comida, imigração e identidade. **Travessia Revista do Migrante**. São Paulo: Publicação do CEM, Ano XXIII, Nº 66, Jan-Jun. 2010, p. 21-31.

BRITO, Fausto. Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil – v. 1. 2. ed. Campinas: FNUAP, 1996, p.53-66.

BRUBAKER, Roger. **Citizenship and nation-hood in France and Germany**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede**. V. 1. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade**. V. 2. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Immigrant workers and class struggles in advanced capitalism: the western european experience**. Politics and Society, Cap. 3. 1975.

CASTIGLIONI, A. Migrações: Abordagens teóricas. In: ARAGÓN, L. (org.) **Migração internacional na Pan – Amazônia**. Belém: NAEA/UFGA, 2009.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **The age of migration: international population movements in the modern world**. 4. ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

CENTRAL STATISTICS OFFICE. **CENSUS 2011 Results: Profile 6 – migration and diversity**. Dublin: CSO, 2012.

CEPAL, **Migración internacional, derechos humanos y desarrollo**. Santiago do Chile: CEPAL, 2006. Cap. 1: MARTÍNEZ PIZARRO, Jorg.e (Diretor da investigação). Intersecciones entre los procesos migratórios, derechos humanos y el desarrollo. P. 17-68.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. **Bolsistas pelo mundo**. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/bolsistas-pelo-mundo>>. Acesso em: Setembro. 2014.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. P.89-117. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, P.C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Explorações geográficas: Percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COGO, Denise; BADET, Maria. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto de la Comunicación de la UAB/Instituto Humanitas Unisinos, 2013.

CONTEL, F.B. **Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. Tese (doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DEPARTMENT OF EDUCATION AND SKILLS. **Regulatory Reform of the International Education Sector and the Student Immigration Regime - Policy Statement**. Dublin, Setembro, 2014.

_____.; MINISTER FOR JUSTICE AND EQUALITY. **Report of the Task Force on Students Affected by Private College Closures**. Dublin, Julho, 2014.

EMBAIXADA DO BRASIL EM DUBLIN. **Inauguração da exposição retrospectiva de Hélio Oiticica no Irish Museum of Modern Art**. Disponível em: <http://dublin.itamaraty.gov.br/pt-br/inauguracao_da_exposicao_retrospectiva_de_helio_oiticica_no_imma_-_julho_2014.xml>. Acesso em: Agosto, 2014.

EVANS, Yara. Brasileiros em Londres: um perfil socioeconômico. **Travessia Revista do Migrante**. São Paulo: Publicação do CEM, Ano XXIII, Nº 66, Jan-Jun. 2010, p. 9-19.

FACEBOOK. Disponível em: <<https://www.facebook.com/>>. Acesso em: Setembro, 2014.

FERREIRA, Ricardo Hirata. **Migrações internacionais: Brasil ou Japão - O movimento de inserção do dekassegui no espaço geográfico pelo consumo**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FINN, Mairéad, O'CONNELL, Philip J. **Immigration of international students to the EU: Ireland. European Migration Network**. Agosto, 2014.

FONSECA, Lucinda Maria. Introdução. In: FONSECA, Lucinda Maria (coord.). **Aproximando mundos: emigração, imigração e desenvolvimento em espaços insulares**. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2010.

FOUCHER, Michel. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009.

FURTADO, Celso. **O capitalismo global**. 5. ed..São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FUSCO, Wilson. **Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos**. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 2007.

G1. **Brasileiros que moram em Dublin fazem ato de apoio a protestos de SP**. Disponível em: <g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/brasileiros-que-moram-em-dublin-fazem-ato-de-apoio-protestos-de-sp.html 2/>. Acesso em: Julho, 2013.

GAUDEMAR, Jean Paul de. **Mobilidade do Trabalho e acumulação do capital**. Tradução Maria do Rosário Quintela. Lisboa: Estampa, 1977.

GEORG.E, Pierre. **As migrações internacionais**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

_____. **Geografia da População**. Rio de Janeiro – São Paulo: Difel, 1978.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: mar.-abr., v. 35, n. 2, 1995, p. 57-63.

GOMES, Charles P. Os estudos de emigração: sobre algumas implicações políticas do método. In: PÓVOA-NETO, H.; FERREIRA, A. P. **Cruzando fronteiras disciplinares: Panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 1-15.

GOZA, Franklin. Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 263-288.

GUERRA, Daniela. **Número de brasileiros na Irlanda**. Mensagem recebida por ale.geo.usp@gmail.com em 26 set. 2014, (informação pessoal).

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004.

_____. **Territórios alternativos**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____.; SANTA BÁRBARA, Marcelo. Des-ordenamento territorial e migração brasileira nos vizinhos do Mercosul. In: HEIDEMANN, Heinz D.; SILVA, Antônio da S. **Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 115-122.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Espaços de esperança**. 3. Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

HAUSER, P. M.; et al. **Panorama da população mundial**. Lisboa: Fundo de Cultura, 1965.

HIRSCHMAN, Charles; MASSEY, Douglas S. Places and peoples: the new American mosaic. In: MASSEY, Douglas S. (Ed.). **New faces in new places: the changing geography of American immigration**. New York: Russell Sage Foundation, 2008, p. 1-21.

IANNI, Octavio. Globalização e diversidade. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Migrações Internacionais: herança XX, agenda XXI**. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil – v. 2. Campinas: FNUAP, 1996, p. 1-15.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base cartográfica ao milionésimo**. Rio de Janeiro, 1999.

_____. **Censo Demográfico 2010 - Características da população e dos domicílios: Resultados do universo**. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Censo Demográfico 2010 - Resultados gerais da amostra**. Rio de Janeiro, abril, 2012.

_____. Principais destinos de brasileiros residentes no exterior. In: **Atlas do Censo Demográfico 2010 – Brasil e o mundo**. Rio de Janeiro, 2010.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Where We're From**. Disponível em: < <http://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/about-migration/world-migration.html>>. Acesso em: Agosto, 2014.

IRISH NATURALISATION AND IMMIGRATION SERVICE. **Permission to Remain for Non-E.E.A. Nationals**. Disponível em: <http://www.inis.gov.ie/>. Acesso em: Abril, 2014.

KANTER, R. Moss. **Classe Mundial**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros no Japão**. Campinas: Unicamp, 1999.

KING, Russell. A geografia, as ilhas e as migrações numa era de mobilidade global. In: FONSECA, Lucinda Maria (coord.). **Aproximando mundos: emigração, imigração e desenvolvimento em espaços insulares**. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2010.

_____. Migrations, globalization and place. In: MASSEY, Doreen; JESS, Pat (Ed.). **A place in the world? Places, cultures and globalization.** The shape of the world: explorations in Human Geography. Oxford: The Open University, 1995, p. 5-44.

KLASBRUNN, Victor Hugo. Globalização da economia mundial e mercado de trabalho: a emigração de brasileiros para os Estados Unidos e Japão. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Migrações Internacionais: herança XX, agenda XXI.** Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil – v. 2. Campinas: FNUAP, 1996, p. 33-48.

KURZ, Robert. Barbárie, migração e guerras de ordenamento mundial. Para uma caracterização da situação contemporânea da sociedade mundial. In: SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES (org.). **Travessias na desordem global.** Fórum social das migrações. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 25-36.

LEE, Everett S. **A theory of migration.** Demography, v.3, n.1, 1966.

LIEVEN, Guilherme; SAUER, Sérgio. **Globalização, fragmentação e ecumenismo. Desafios de um mundo plural.** Estudos Teológicos, v. 38, n. 3, 1998, p. 282-302.

LISPECTOR, Clarice. 1968, 15 de junho. In: **A descoberta do mundo** (crônicas). Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.110-111.

MACAMO, Inês Raimundo; MUANAMOHA, Ramos Cardoso. Abordagens teóricas sobre migrações. In: **Movimentos migratórios em Moçambique.** Maputo: [?], 2011.

MAHER, Garret. A transnational migrant circuit: Remittances from Ireland to Brazil. Galway: **Irish Geography**, v. 43, n. 2, Jul. 2010, p. 177-199.

_____. **Defining Transnationalism: A geographical perspective.** Galway: National University of Ireland, [s/d].

_____. Transnational religions: The Brazilians in Ireland. In: **Irish Migration Studies in Latin America.** v. 7, n. 4, Nov. 2011. Disponível em: http://www.irlandeses.org/imsla2011_7_04_10_Garret_Maher.htm. Acesso em Abril, 2013.

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York.** Campinas: Papirus Editora, 1994.

_____. Na virada do milênio: A emigração brasileira para os Estados Unidos. In: MARTES, Ana Cristina Braga e FLEISCHER, Soraya (org.). **Fronteras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais.** São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 51-72.

MARTES, Ana Cristina Braga. Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa (org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, p. 87-122.

_____. Velho tema, novos desafios – gestão pública da imigração. IN: Cadernos Adenauer X, nº 1, 2009, **Migração e políticas sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2009, p.9-27.

MARTINE, G. ; CAMARGO, L. **Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes**. Revista brasileira de estudos de população, v. 1, n. 112, p. 99-144, dez. 1984.

MARTINS, José de Souza. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra pra plantar neste verão**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p.43-61.

MASSEY, Doreen; JESS, Pat. Introduction. In: MASSEY, Doreen; JESS, Pat (Ed.). **A place in the world? Places, cultures and globalization**. The shape of the world: explorations in Human Geography. Oxford: The Open University, 1995, p.1-4.

MASSEY, Douglas S. Economic development and international migration in comparative perspective. In: **Population and development review**. N.14, vol.3, 1988, p. 383-411.

_____.; CAPOFERRO, Chiara. The geographic diversification of American immigration. In: MASSEY, Douglas S. (editor). **New faces in new places: the changing geography of American immigration**. New York: Russell Sage Foundation, 2008, p. 25-50.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Manual de história oral**. 5ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MET ÉIREANN. **Climate of Ireland**. Disponível em: <<http://www.met.ie>>. Acesso em Outubro, 2014.

MICROSOFT e SKYPE. **O que é o Skype?** Disponível em: <<http://www.skype.com/pt-br/what-is-skype/>>. Acesso em: Julho, 2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros no mundo**. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-das-comunidades-brasileiras-no-mundo-2013/Estimativas%20Brasileiros%20no%20Mundo%202013.pdf>>. Acesso em: Setembro, 2014.

MORALES, Luis I. R. Migração no México: tendências e consequências. IN: Cadernos Adenauer X, nº 1, 2009, **Migração e políticas sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2009, p. 43-68.

OECD; UNDESA. **World migration in figures.** Disponível em: <<http://www.oecd.org/els/mig/World-Migration-in-Figures.pdf>>. Acesso em Dezembro, 2013.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de. O caminho sem volta – Classe social e etnicidade entre os brasileiros na Flórida. In: MARTES, Ana Cristina Braga e FLEISCHER, Soraya (org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais.** São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 115-138.

OLIVEIRA, Juarez de Castro. Migração internacional, dinâmica demográfica e desafios para o dimensionamento da comunidade brasileira no exterior. In: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros no mundo: I conferência sobre as comunidades brasileiras no exterior.** Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2008, p. 31-55.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Nós e eles – relações culturais entre brasileiros e imigrantes.** Rio de Janeiro: FGV editora, 2006.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. **Mobilidades transgressoras, geografias ignoradas: itinerários e emaranhamentos envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÃO (OIM). **Fluxos migratórios, tráfico humano e asilo.** PUC Minas. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/profjanaina/oim-organizacao-internacional-para-migrao>>. Acesso em: Agosto, 2014.

ORTEGA, G. U.; LÓPEZ, S. L. de. Globalização e fragmentação. O papel da cultura e da informação. In: SANTOS, Milton et al (org.). **O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 172-187.

PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões? In: PATARRA, Neide ; BAENINGER, Rosana ; BOGUS, Lúcia ; JANNUZZI, Paulo (org.). **Migrações, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993.** Unicamp/IE: Campinas, 1997, p.25-52.

PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais.** Dossiê Migração. Estudos Avançados v. 20 n.57. São Paulo: 2006.

_____. Governabilidade das migrações internacionais e direitos humanos: o Brasil como país de emigração. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/file/Neide_Patarra.pdf>. Acesso em Abril, 2014.

PEIXOTO, J. **As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro sociológicas.** Universidade Técnica de Lisboa, SOCIUS working papers. Lisboa, 2004.

PÊSSOA, V. L. S.; RAMIRES, J. C. de L. Amostragem em pesquisa qualitativa: subsídios para a pesquisa geográfica. In: MARAFON, Glaucio José et al. (org.). **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 117-134.

PLATFORM FOR INTERNATIONAL COOPERATION ON UNDOCUMENTED MIGRANTS. **Why 'undocumented' and never 'illegal'**. Disponível em: <<http://picum.org/en/our-work/terminology/>>. Acesso em: Agosto, 2014.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A mobilidade da população: migrantes, refugiados e *desplazados*. In: **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 5. ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1995, p. 200-204.

PÓVOA-NETO, H. A criminalização das migrações na nova ordem internacional. In: PÓVOA-NETO, H.; FERREIRA, A. P. **Cruzando fronteiras disciplinares: Panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 297-309.

_____. **Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise**. Experimental, 2, 1997, p. 11-24.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Human Development Report 2014**. Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em: Julho, 2014.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Rossana Reis. **Construindo fronteiras: políticas de imigração na França e nos Estados Unidos (1980 – 1998)**. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. **Soberania, direitos humanos e migrações internacionais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 19, n. 55, junho, 2004, p. 149-163.

_____.; SALES, Teresa (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz do Brasil, *Brazil* – Jogos identitários em São Francisco. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa (org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, p. 45-85.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (org.). **Sociologia das migrações**. Universidade Aberta: Lisboa, 1995.

ROSSI, Cláudio. **Irlanda, de tigre celta a dominó no cassino**. 15/11/2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/830918-irlanda-de-tigre-celta-a-domino-no-cassino.shtml>>. Acesso em: Outubro, 2014.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999a.

_____. Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na Região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa (org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999b, p. 17-44.

_____. O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil – v. 1. 2. ed. Campinas: FNUAP, 1996, p.89-103.

SANTOS, Aline Lima. **Mudança de vento: a migração do Brasil para Portugal no fim do século XX e início do século XXI**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Gislene. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: Dias, Leila C. e SILVEIRA, Rogério L. L. (orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005, p. 51-78.

SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: SANTOS, M. et al (org.). **O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 15-22.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2004a.

_____. **Economia espacial: críticas e alternativas**. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004b.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004c.

_____. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2013.

_____. **Território e sociedade. Entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____.; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. O. **Teorias das migrações internacionais**. XII Nacional da ABEP. Caxambu, 2000.

SASSEN, Saskia. La conformación de los movimientos migratorios internacionales. In: **Una Sociología de la globalización**. Katz: Buenos Aires, 2007, p. 165-204.

_____. **Los espectros de la globalización**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

_____. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. **The global city: New York, London, Tokyo**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

_____. **The mobility of labor and capital**. Cambridge University Press, 1988.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SERVIÇO PASTORAL DO IMIGRANTE; CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS et. al. **O fenômeno migratório no limiar do 3º. Milênio – Desafios Pastorais**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SHAKESPEARE, William. **A trágica história de Hamlet príncipe da Dinamarca**. (edição bilíngue) 2. ed. Portugal: Publicações Europa-América, s/d [1603], p.181.

SHERINGHAM, Olivia. Ethnic identity and integration among Brazilians in Gort, Ireland. In: **Irish Migration Studies in Latin America**, vol.7, n. 1, março, 2009. Disponível em: http://www.irlandeses.org/imsla2011_7_04_10_Garret_Maher.htm. Acesso em Abril, 2013.

SILVA, André Eduardo Ribeiro da. **Territorialidades e redes da migração maranhense para o trabalho nos canaviais paulistas**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Maria A. M. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: **Coletânea de textos do Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 57-68.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Alessandra Garcia. **Mobilidade estudantil e trabalho: O caso dos Brasileiros em Dublin, Irlanda**. Trabalho de Graduação Individual, Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOARES, Weber. A emigração valadareense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (orgs.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 231-261.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Márcia Maria Cabreira Monteiro de. **O povo da caixa e a 25 de março: memórias da imigração síria e libanesa em São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SPOSITO, Eliseu Savério. Prefácio. In: MARAFON, Glaucio José et al. (org.). **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 17-20.

THE WORLD BANK. **International migrant stock, total**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/SM.POP.TOTL>>. Acesso em: Julho, 2014.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-Mc LAUGHLIN, Virginia (ed.). **Immigration reconsidered**. New York: Oxford University Press, 1990, p. 79-95.

TORPEY, John. **The invention of the passport, surveillance, citizenship and the state**. New York: Cambridge University Press, 2000.

TREWARTHA, Glenn. **Geografia da população. Padrão mundial**. São Paulo: Editora Atlas, 1974.

TUAN, Yi-Fu. **Morality and imagination**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1989.

UNITED NATIONS. Indicator on Population. In: **Demographic and Social Statistics. Statistical Products and Databases. Social Indicators**, United Nations Statistics Division, 2009.

_____. **Number of international migrants rises above 232 million**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/development/desa/news/population/number-of-international-migrants-rises.html>>. Nova York: UN News, Setembro, 2013.

_____.; DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS. **Trends in international migrants stock: migrants by destination and origin**. Disponível em: <<http://esa.un.org/unmigration/TIMSO2013/migrantstocks2013.htm?msdo>>. Acesso em: Setembro, 2013.

VAINER, Carlos B. A violência como fator migratório. Silêncios teóricos e evidências históricas. **Travessia**, São Paulo, ano 9, n. 25, p. 5 -9, 1996.

_____. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil – v. 1. 2. ed. Campinas: FNUAP, 1996, p. 39-52.

_____. Migração e mobilidade na crise contemporânea da modernização. In: HEIDEMANN, Heinz D.; SILVA, Antônio da S. **Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 11-30.

ZELINSKY, Wilbur. **Introdução à Geografia da População**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.

ANEXO A – Modelo do questionário aplicado aos brasileiros na Irlanda

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana

O presente questionário é parte da pesquisa de Mestrado em Geografia Humana da discente Alessandra G. Soares, sob a orientação da Profa. Dra. Amália Inês Geraiges de Lemos. O principal objetivo da pesquisa é auxiliar na compreensão de quem são e de como vivem os cidadãos brasileiros na Irlanda.

Título da dissertação: “Movimentos migratórios contemporâneos: brasileiros na Irlanda”.

Contato: ale.geo.usp@gmail.com

Data: __/__/____

1. Primeiro nome (opcional):
2. Idade (anos):
3. Sexo: () F () M
4. Estado Civil: () Solteiro () Casado/união civil () Divorciado/Separado () Viúvo
5. Filhos: () Sim () Não Se sim, algum está na Irlanda? () Sim () Não
6. Residência no Brasil (Cidade e UF):
7. Escolaridade (mesmo que incompleto) : () E. Fundamental () E. Médio () E. Superior () Pós-graduação Se já realizou algum curso superior no Brasil, qual foi? _____.
8. Nível de inglês no Brasil: () Nenhum () Iniciante/Beginner () Básico/Basic () Pré – Intermediário/ Pre Intermediate () Intermediário/Intermediate () Upper/ Upper Intermediate () Avançado/ Advanced
9. Qual foi sua última ocupação no Brasil/emprego no Brasil (cargo)?
10. Qual foi sua última faixa salarial no Brasil (em reais)? () até 700 () 701 a 1400 () 1.401 a 2100 () 2.101 a 2.800 () de 2.801 a 3.500 () mais de 3.500
11. Você pesquisou informações sobre a Irlanda antes de decidir realizar o intercâmbio nesse país? () Sim () Não
12. Utilizou os serviços de agência de intercâmbio para ir à Irlanda? () Sim () Não
13. Para o intercâmbio, como você obteve informações? (Pode ser mais de uma opção) : () Agências de intercâmbio () Amigos/ Conhecidos que estão na Irlanda () Amigos/Conhecidos que retornaram da Irlanda () Consulado () Feiras de Intercâmbio () Internet () Jornais e Revistas () Outras Fontes
14. Por qual razão você escolheu a Irlanda? (Pode ser mais de uma opção) : () Conhecimento prévio do país () Custos mais acessíveis () Facilidade de entrada/obtenção de visto Inglês como língua oficial () Por ser um país Europeu () Presença de amigos ou familiares no país () Visto que possibilita trabalho () Outros
15. Motivo da viagem (pode ser mais de uma opção): () Crescimento Pessoal () Crescimento profissional () Estudos () Lazer/Turismo () Mudança de Residência () Trabalho
16. Você cogitou ir para outro país ao invés da Irlanda? () Sim () Não Se sim, qual?

17. Quando chegou à Irlanda? (mês/ano) ____/____.
18. Ao chegar à Irlanda, você teve orientação de outros brasileiros? () Sim () Não
19. Você pretende voltar em definitivo ao Brasil? () Sim () Não
Se sim, quando (mês/ano)? ____/____.
20. Seu prazo de permanência corresponde ao planejado? () Sim () Não () Não sei
Se não pretende voltar () Antes do planejado () Depois do planejado
21. Atualmente, você está na Irlanda com qual visto? () Casamento () Cidadania Europeia
() Estudante () Trabalho () Turista () Não possui visto atualmente () Outros
22. Em algum momento da sua estadia na Irlanda você já teve outro visto? () Sim () Não
Se sim, qual? () Estudante () Trabalho () Turista () Outros.
23. Você já teve o receio de ter a entrada recusada na Irlanda ou de ser deportado?
() Sim () Não
24. Como você se considera na Irlanda? () Estudante/Intercambista () Imigrante
() Trabalhador estrangeiro
25. Estuda na Irlanda? () Sim () Não Se sim, qual curso? () Inglês () Outros
Qual é a duração do curso (semanas)
Quanto tempo de férias (semanas)
26. Qual é seu nível de inglês, na Irlanda? () Nenhum () Iniciante/ Beginner () Básico/Basic
() Pré-Intermediário/Pre intermediate () Intermediário/Intermediate () Upper/Upper
Intermediate () Avançado/Advanced
27. Atualmente, como você se mantém na Irlanda? (Pode ser mais de uma opção): () Ajuda de
amigos () Ajuda de familiares () Bolsa de estudo () Empréstimos () Recursos
próprios trazidos do Brasil () Salário de trabalho na Irlanda () Outros
28. Já trabalhou na Irlanda? () Sim () Não
Se sim, qual foi sua ocupação, quais foram os trabalhos que realizou na Irlanda mesmo que
informais (sem registro)?
29. Está empregado? (mesmo que seja trabalho informal): () Sim () Não Se sim, qual é a sua
ocupação? Trabalha em quantos locais? Local de trabalho (bairro/distrito)? Quantas horas você
trabalha por semana? Quantas horas você trabalha por semana? Quanto você recebe por hora
(em euros)? No total das atividades remuneradas, quanto você recebe por mês (em euros)?
30. Quanto você gasta por mês (em euros) com: Moradia (incluindo contas) Alimentação
Lazer (cinema, pub, festas, viagem etc) Outros gastos (transporte, material etc)
31. Local de moradia atual: Bairro/distrito/Código Postal - Outros (fora de Dublin) - Condado
32. Tipo de moradia atual: () Alojamento () Apartamento () Casa () Hostel () Outros
33. Desde sua chegada, com quantas pessoas no máximo você já morou?
34. Você já precisou/precisa dividir quarto? () Sim () Não
35. E já precisou/precisa dividir cama? () Sim () Não
36. Atualmente quantas pessoas moram com você?
37. Qual (Quais) é (são) a(s) nacionalidade(s) deste(s) morador(es) (Pode ser mais de uma opção):

- () Brasil () Irlanda () China () Coreia do Sul () Espanha () Ilhas Maurício () Índia
() Itália () México () Polônia () Reino Unido () Venezuela () Outros
- Se escolheu Outros, indique qual(is) nacionalidade(s)?
38. O que você gosta de fazer em seu tempo livre?
39. Dos lugares abaixo, quais você costuma frequentar: (Pode ser mais de uma opção)
- () Academia/esportes () Casa de amigos () Cinema, teatro ou museus
() Danceterias/casas noturnas () Parques () Passeio ao ar livre () Pubs/bares
() Restaurantes () Shopping
40. Você viaja Na Irlanda? () Sim, sempre que posso/frequentemente () Sim, às vezes () Não
41. Você viaja para outros países? (Partindo da Irlanda)? () Sim, sempre que posso/frequentemente () Sim, às vezes () Não
42. Na Irlanda, a maioria dos amigos é: () do Brasil () da Irlanda () de país(es) europeu(s) exceto Irlanda () de país(es) latino-americano(s) () de país(es) asiático(s) () de país(es) africano(s) () Outros
43. Em geral, você poderia descrever a relação entre brasileiros E Irlandeses como sendo: () Ótima () Boa () Regular () Ruim () Péssima () Indiferente
44. Como você pagou a sua saída do Brasil para a Irlanda? (Incluindo gastos como passaporte, passagem aérea, visto, pagamento da escola, entre outros investimentos iniciais) (Pode ser mais de uma opção): () Ajuda de amigos () Ajuda de familiares () Bolsa de estudos () Empréstimos bancários () Recursos próprios () Salário de trabalho na Irlanda () Outros
45. Incluindo todos os gastos, qual foi o investimento inicial nesta viagem (em reais)? () até 2.000 () entre 2.000 e 4.000 () entre 4.000 e 6.000 () entre 6.000 e 8.000 () entre 8.000 e 10.000 () entre 10.000 e 12.000 () acima de 12.000
46. Você envia/enviou dinheiro para o Brasil? () Sim () Não
- Se sim, foi com qual objetivo? () Auxiliar a família () Pagar contas () Para si próprio/economias
47. Você recomendaria a Irlanda para algum amigo? () Sim () Não Por quais motivos?
48. Com qual frequência você mantém comunicação com o Brasil? () Diariamente () Semanalmente () Quinzenalmente () Mensalmente () Não mantenho contato
- Caso mantenha, qual (quais) é(são) o(s) meios de comunicação utilizados?
() Cartas/cartões postais () Internet () Ligação telefônica (fixo ou celular)
- No caso da internet, quais websites/aplicativos são utilizados? (Pode ser de uma opção)
() E-mail () Facebook () Hangout do Google+ () Instagram () Skype () Twitter
() Viber (ligação telefônica via internet) () WhatsApp () Outros
49. Quais os pontos positivos da ida e permanência na Irlanda?
50. Quais foram as principais dificuldades encontradas na Irlanda?
51. Você já se sentiu discriminado na Irlanda? () Sim () Não
52. Caso queira incluir questões que não foram contempladas nas questões anteriores ou mesmo deixar uma impressão geral a respeito de sua estadia na Irlanda no espaço abaixo:

ANEXO B – PÁGINAS E GRUPOS: REDES VIRTUAIS UTILIZADAS

Páginas

Comunidade: Brasileiros na Irlanda

<https://pt-br.facebook.com/brasileirosnairlanda>

Acesso: 23/06/2014

Classificados Dublin

<https://pt-br.facebook.com/classificados.dublin.5>

Acesso: 14/07/2014

Dublin para Brasileiros

<https://pt-br.facebook.com/DublinParaBrasileiros2012>

acesso: 24/04/2014

Brasileiros em Dublin

<https://pt-br.facebook.com/pages/Brasileiros-em-Dublin/268014616576758>

Acesso: 17/08/2014

Grupos

Brasileiros em Dublin

https://www.facebook.com/groups/brasileirosemdublin/?ref=br_rs

Membros: 4.823

Classificados Irlanda toda

<https://www.facebook.com/groups/300870873334744/>

Membros: 36.923

Brazucas em Dublin

<https://www.facebook.com/groups/brazucasindublin/>

Membros: 10.279

Go to Dublin

<https://www.facebook.com/search/results/?q=go%20to%20dublin&type=groups&tas=0.6922971124295145>

Membros: 2.806

Brasileiros na Irlanda|Brasileiros em Dublin CLASSIFICADOS|ANUNCIOS Oficial

<https://www.facebook.com/groups/brazildublin/>

Membros: 4.819

Irlanda para todos

<https://www.facebook.com/groups/irlandaparatodos/>

Membros: 6.586

ANEXO C – Formação dos emigrantes com curso superior

Brasileiros que emigraram	Curso de Formação no Ensino Superior
49	Administração de Empresas
19	Engenharia
16	Publicidade e Propaganda
14	Direito
12	Letras
11	Psicologia
10	Jornalismo / Turismo
9	Comércio Exterior
8	Design Gráfico
7	Relações Públicas
6	Ciências Contábeis / Comunicação Social / Economia / Geografia
5	Relações Internacionais
4	Arquitetura e Urbanismo / Farmácia / Fisioterapia / Nutrição / Serviço Social
3	Ciências Sociais / Secretariado executivo / Sistemas de Informação
2	Biologia / Educação Física / Física / Fotografia / História / Moda / Pedagogia / Propaganda e Marketing / Química / Sistemas de Informação / Tecnologia da Informação
1	Artes Visuais / Audiovisual / Biblioteconomia / Biomedicina / Filosofia / Física / Fonoaudiologia / Gestão Ambiental / Hotelaria / Marketing / Matemática / Medicina / Música / Redes de Computadores / Terapia Ocupacional / Veterinária

Quadro 1 – Profissões dos emigrantes brasileiros - 2014

Org. Alessandra G. Soares (2014). Fonte: Questionários aplicados